FON FON

O CONTO BRASILEIRO

PORMENOR CURIOSO

DE AFFONSO NETTO

(A BASTOS PORTELA)

ERAM collegas.

Douglas, quartannista. Dezesete annos. Intelligente. Sympathico.

Circe, terceirannista. Dezeseis annos. Bonitinha. Sentimental. Precoce.

Ambos estavam externos. Sahiam do collegio ás 16 horas. E todos os dias se cumprimentavam com a cabeça. Elle o fazia porque ella lhe fôra apresentada. Por delicadeza... Ella, porque via nelle a personificação de seus sonhos de virgem romantica.

Quasi sempre tomavam o mesmo bonde. Mas, bancos differentes. Ella, nos primeiros. Elle, nos da retaguarda.

Praia de Botafogo... Rua Marquez de Abrantes... Cattete... Largo do Machado...

Circe saltava.

Sorria para Douglas. Atravessava as linhas. E ficava, na "Ilha dos Promptos", a esperar o electrico "Larangeiras", emquanto o rapaz seguia para a cidade. Dahi para a Tijuca.

Douglas Rogério tinha varias namoradas. No collegio. Na Tijuca. A Dulce... A Maria Helena... A Flavia...

Circe sabia disso.

Mas, não se incommodava. Fatalista. Mais tarde ou mais cêdo, elle reconheceria a inferioridade das outras. Abandonál-as-ia. E, então...

E, então...

A mocinha nunca terminava esse pensamento. Apenas a denuncia de um arrepio sensual percorria-lhe o corpinho desabrochante...

E Douglas?

Nada de positivo. Circe, uma pequena como as outras. Uma "cositinha" que lhe entrára na vida com o "bôa tarde" da cabecinha graciosa e o sorriso dos labios sem "baton". E nada mais.

* * *

— "A nossa sabbatina vae ser um "buraco"... Ninguem poderá "colar". O doutor...

Vóz aflautada, interrompendo:

— Dão licença?

Os dois rapazes voltaram-se:

— Oh! Dona ólga...

A inspectora das alumnas, gentil:

— Desculpem-me... Venho mandada. E' isto para você, Douglas!

O joven segurou o embrulho. Papel de sêda azul. Vago perfume.

— Que é, dona ólga?

— Não sei, filho. Pediram-me que lhe entregasse... E, agora, até logo. Tenho que ir vigiar a aula de costura... Até já!

— Até já...

— Até logo, dona ólga...

* * *

Gabinete lindamente mobiliado. Tapetes... Estantes... Quadros... Flôres...

Ah! A mão carinhosa de uma mãe!

O cotovelo na escrevaninha, a cabeça apoiada no punho, Douglas

— Tanto eu, como tú, somos pardos.
— Estás louco, eu sou preto!
— Não sejas ridiculo! De noite, todos os gatos são pardos...

meditava. Sob os olhos um bonito album. Encadernação de luxo. Marroquino avinhado.

— Vejam só!

O rapaz mudou de posição. Com a mão esquerda apanhou um rectangulo de cartolina lilás. E tornou a lêr:

"Prezado collega: Tomo a liberdade de enviar-lhe meu album de versos. Qualquer coisa sua, sim? — *Circe*."

Circe!

Douglas sentiu uma sensação inexplicavel de orgulho.

O bello livro estava em branco. Apenas o nome da dona, na capa, em letras de oiro... Apenas... Mais nada... E elle fôra o escolhido para abrir, para plantar a primeira flôr naquelle jardim de confidencias...

O joven sorriu. Para si proprio. Para a propria vaidade incensada...

Na folha azulada, olorescente de finissimo Caron, o poema se foi alinhando... Estreante. Falho na métrica. Mas, original. Inspirado. Personalissimo.

Douglas escreveu, assim, seus primeiros versos...

Depois, pela noite afóra, deante do album aberto, ficou a sonhar. Um outro paraiso... Uma nova Eva... Uma felicidade differente... E, no velludo dos devaneios, por um sentimento inédito, em letras faiscantes, um nome foi sendo traçado: *Circe*...

* * *

No meio da noite o raio livido de luar envolveu dois corpos palpitantes... E o badalar longinquo de um sino synchronizou um beijo incendiario...

Douglas...

Circe...

* * *

O collegio estava fechado. Vazio de alumnos. Triste... E, no grande portão de ferro, o aviso elucidativo:

"Em signal de pesar e luto, as aulas deixam de funccionar por 3 dias".

Em baixo, uma pagina de jornal:

"*Fatalidade!* O comboio em que regressavam de um passeio os alumnos do "Collegio Inglês" descarrilou. Quatro Mortos. Grande numero de feridos".

Seguia-se a reportagem completa do desastre. Muitos detalhes. Um delles:

Pormenor curioso! — Dentre os mortos, dois foram encontrados abraçados. Eram o sr. Douglas Rogério de Albuquerque, alumno do 4.º anno seriado daquelle estabelecimento de ensino, e a senhorita Circe Lima e Castro!

JARDIM DE ATHENAS

SOCRATES, o insigne philosopho grego, cuja vida foi um sublime apostolado, fornece-nos um exemplo grandioso, acceitando a morte com a fé, o estoicismo e a coragem de um verdadeiro soldado de Deus.

Condemnado a beber cicuta, elle morreu aureolado pelo clarão divino da gloria, dissertando tranquillamente deante dos seus discipulos, a respeito da immortalidade da alma.

Ensinando a bem pensar e a bem viver, Socrates nos ensinou tambem a morrer tranquillamente, na mais linda e gloriosa de todas as mortes.

* * *

Segundo Aristoteles, a virtude nada mais é que um hábito. Muita razão tinha o peripathetico. O homem verdadeiramente virtuoso é aquelle que, durante toda a vida, apesar de todos os obstaculos, sabe praticar, com elegancia e arte, uma serie longa de actos dignos.

Somente assim se poderá conseguir a harmonia interior.

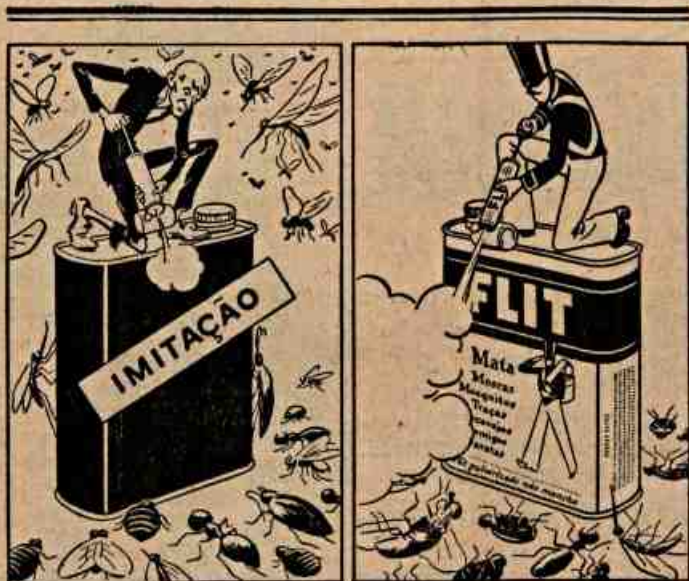
* * *

O homem não deve realizar precipitadamente aquillo que deseja. Deve ir deixando sempre para amanhã o prazer que poderia hoje realizar.

Somente assim poderá viver numa eterna esperança. E' um bom meio de se viver satisfeito. Antigos sabios aconselhavam tal pratica. Mantegazza, no seu livro "Arte de ser Feliz" que é um verdadeiro manual de philosophia amavel e sorridente, ensina: "Se sois verdadeiros epicuristas, se quereis ser felizes, jejuae muitas vezes e de bom grado". E' sempre bom deixar para o dia seguinte a realização de um grande sonho de belleza.

* * *

Conhece-te a ti mesmo.

O meio unico de alcançar a felicidade, é de accordo com a lição de Socrates, a pratica da virtude.

O medico. — Deseja uma consulta?
O visitante. — Não, doutor; venho apenas pagar a visita que o senhor me fez, o mez passado.

De Paulo Freitas

Somente o homem justo é feliz.

A philosophia socratica assim classifica as virtudes: *sabedoria*, synthese das demais; *coragem*, conhecimento daquillo que não se deve temer; *temperança*, conhecimento dos verdadeiros bens e *justiça*, conhecimento do que é permittido e do que é prohibido.

A influencia das doutrinas do grande philosopho atheniense foi incalculavel. Já são passados mais de dois mil annos, e eil-o visivel e bello, dexiando cahir do seu alforge divino o ouro novo e precioso. O ouro está faulhando ao contacto das intelligencias moças e vibrantes!...

* * *

Pela belleza de suas doutrinas, Platão e Socrates foram os maiores pensadores do mundo. Seus ensinamentos ainda hoje suavizam nossas existencias á semelhança das flores que guardam o aroma apezar de murchas e desbotadas pelo tempo. E' bastante difficil se dizer qual dos dois astros brilham com maior gloria.

* * *

Philosophia da vida... A vida de Platão foi toda ella dedicada aos assumptos philosophicos. Philosophava sobre tudo com tanto vigor, que no dizer de Faguet, parece não ter havido igual pensador no mundo.

Ensinava que o justo se assemelha a Deus e é feliz na cruz e o tyranno nas delicias é um miseravel. Recebendo a inspiração divina, o grande philosopho atheniense passou toda a existencia no suave mister de pregar as suas doutrinas.

* * *

A idéa do amor, segundo Platão, está em Deus. O amor por Deus é a contemplação da verdadeira belleza.

* * *

Socrates! Grande entre os grandes pensadores da idade de ouro de Athenas, a figura do sabio ainda hoje impressiona e seduz, pois foi elle o centro luminoso de onde se irradiou a verdadeira philosophia.

Pelo oraculo de Delphos, foi considerado o mais sabio dos homens para gloria de Athenas, berço esplendoroso do seu nascimento.

* * *

Platão foi a continuação de Socrates. Os dois philosophos são dois esplendorosos fócos de luz divina guiando a humanidade nas trevas.

Bastante difficil se dizer qual dos dois astros scintilla com maior brilho. Ambos foram luminosos, radiantes e profundos como as estrellas brilhando no infinito.

* * *

A vida de Socrates foi um exemplo de verdadeiros, de modestia, serenidade, justiça e coragem, digno de ser imitado. Ensinando as suas doutrinas na Escola de Athenas, o sabio admiravel teve muitos detractores. E' que a mediocridade tudo é capaz de perdoar, mas não perdôa o genio.

Foi pelos inimigos accusado.

Já velho, com os cabellos brancos a aureolar-lhe a fronte larga e viril, tendo a taça de cicuta nas mãos divinas, elle é o symbolo glorioso da coragem.

OS RAIOS

HA trez annos, mais ou menos nestes dias, inaugurou-se uma linda estrada moderna, larga de seis metros, toda asphaltada, com duas carreiras de arvores frondosas, commoda e segura entre os campos cultivados e serenos, como poucas estradas ha que recortam o territorio allemão. Os automobilistas a adoptaram sem reserva para percorrel-a a cem kilometros a hora. Oito mezes depois, exactamente no dia 3 de agosto de 1931, um possante automovel ia se achatar de encontro a uma arvore e um dos passageiros ficava gravemente ferido.

A desgraça acontecêra em pleno dia, em condições de visibilidade perfeita, numa longa recta, a estrada sêcca, sem encontros com outros carros nem obstaculos de especie alguma, justamente na altura da pedra que marca "23 kms."!

— E' curioso, — disseram os peritos — que um automovel vire assim sem nenhuma razão apparente, num trecho de estrada ideal, em condições perfeitas de rodagem como não se poderiam desejar melhores!

O chefe dos inspectores dos vehiculos abriu inquerito, trabalhou alguns dias sobre o caso, mas, afinal, não achando explicação, não pensou mais nisso e pôz a sua alma em paz. Trez semanas depois, foi novamente chamado para outro desastre de automovel, occorrido no mesmo ponto da nova estrada, exactamente no kilometro 23-9! O chefe dos inspectores foi de novo lá ter pessoalmente. Não havia nada de anormal: era sempre a mesma recta com o mesmo asphalto compacto e muito bem conservado. Mysterio! — Esse segundo desastre deu-se no dia 24 de agosto — No dia sete de setembro, sempre na altura da pedra do kilometro 23-9, verificaram-se, com o intervallo de algumas horas um do outro e com resultados mais ou menos graves, nove accidentas: dois automoveis ficaram em pedaços e 7 motocycletas jogaram longe os seus passageiros. Chegando naquelle mesmo ponto da estrada, perdiam a direcção, derrapavam sobre o asphalto sêcco, davam de encontro ás arvores, ou cahiam dentro do fosso! Já era mais do que sufficiente para conferir ao Kilometro 23,9, a fama sinistra que ainda conserva até hoje.

Partiram de Brema e de Berlim, chusmas de technicos para verificar que a recta da estrada que marca o kilometro 23.9 é um verdadeiro modelo de construcção e um eloquente exemplo das melhores estradas que existem no mundo inteiro.

Emquanto durava o inquerito, os desastres se multiplicaram com assombrosa frequencia. Não era mais exactamente na altura do k. 23-9, mas um pouco distante, até o k. 29-3 (a mesma cifra invertida). Duas mortes e feridos em quantidade. Ao todo, sessenta e cinco desastres em menos de trez annos! Nenhuma estrada do mundo já causára tantas catastrophes!

Os motoristas respondiam:

— E' uma causa mysteriosa!... Quando está tudo em ordem no carro, tudo normalissimo em volta a nós, parece que uma força occulta nos arranca o volante das mãos, a gente perde o controle da machina e um instante depois se dá o desastre.

Nesta altura das aventuras da fatal estrada, entrou em scena certo occultista, o senhor Wehrs, conhecedor de ha muito tempo da nefasta influencia dos raios cor-

— O seu pedido é absurdo! Jamais lhe darei a mão de minha filha!... Casar-se a filha de um medico com um fornecedor de artigos funebres, nunca! Todo mundo diria que formámos sociedade...

MORTAES

micos. Alguns dias de observação e pesquizas o convenceram da existencia, naquelle sitio, de cursos de aguas subterraneos cujas radiações funestas causavam todos aquelles inexplicaveis desastres.

O sr. Wehrs não tem duvida nem hesitações sobre a exactidão do que affirma. Existe, no kilometro 23-9, uma força occulta que desnorteia o centro nervoso dos motoristas, falseando-lhes os reflexos de direcção e levando-os ao abysmo. A varinha fendida do sr. Wehrs a denuncia peremptoriamente, embora não a possa explicar.

Mas, que seria? Os habitantes do logar fallaram logo em assombração, em almas do outro mundo postadas de atalaia naquelle sitio, para se vingar dos vivos que ainda circulam por este mundo.

Mas, afinal, a morte é um castigo ou uma recompensa? E' um bom descanso, no fim das fadigas da jornada, ou é um atroz castigo de que é bom se escapar com todos os meios que estão ao nosso alcance?... Mysterio! Mysterio!

Os professores de chimica, os medicos, os peritos automobilistas e as autoridades, impotentes perante o estranho phenomeno que não sabiam explicar, acceitaram, por fim, a proposta do sr. Wehrs, que pretendia annullar o maleficio, enterrando no local do kilometro 23-9 um apparelho, de sua invenção, do tamanho de uma caixa de charuto.

Que seria exactamente. Ninguem sabe, mas o facto é que, depois de haverem enterrado a caixa tão mysteriosa, como eram mysteriosos os acontecimentos que deveria neutralizar, passaram dezenas e centenas de automoveis e motocycletas pelo kilometro 23-9, sem que ninguem suspeitasse que ahi tinha havido um perigo fatal.

Durante dois mezes a estrada tornou-se segura. O pesadello havia desapparecido.

No dia 2 de outubro do anno que findou, retiraram a caixinha, a titulo de experiencia, e no mesmo dia recomeçaram os desastres! Trez mortos! Oito feridos, dois dos quaes gravemente. Mas, emfim, que bruxedo será esse? E' caso allucinante!

O proprio Wehrs não nos sabe dar a chave do segredo cosmico nem sequer o segredo do magico poder da famosa varinha bifurcada, que não somente denuncia com suas oscillações os cursos dagua subterraneos, mas tambem neutraliza as funestas emanações cosmicas no genero das que irradiavam no mallogrado kilometro 23-9.

Quantas casas ha, mal assombradas, em que todos os moradores enlouquecem, ou intisicam, ou apanham molestias cancerosas, sem suspeita possivel de contagio, ou de heranças pathologicas? Não procurem mais além. São os terriveis *raios mortaes cosmicos*, que agem em surdina e que são os causadores de todo o mal. Basta ás vezes mudar a direcção da cama, fechar uma porta ou uma janella e abril-as noutra parede, para que o maleficio desappareça. Wehrs, que não era professor, que era um simples carpinteiro, teve a ventura de descobrir o meio empirico de neutralizar essas emanações mortaes com a sua famosa varinha bifurcada, e só por isso, por essa missão mysteriosa que nem elle póde explicar, é mais um benemerito da humanidade que merece todo o nosso respeito e a nossa gratidão.

ILAVAZ

SÊDE

De ANGEL LUCAS BEGINO

A alvacenta immensidade do deserto parece-lhe maior ainda para os seus pés cançados. Apenas o instincto fal-o avançar, com vacillante lentidão; o instincto e a convicção de que, si se deixa vencer pela fadiga, não poderá retomar a marcha. A areia que se lhe introduziu pelas botinas chaga-lhe as plantas dos pés, rota já que está a grossa meia de algodão; o reverbero do sol vertical sobre a cabeça inflamma-lhe os olhos; as articulações dos joelhos são dois amontoados de dôr que a cada movimento dão agudas picadas. Porém deixou de sentil-as. Supportou essa tortura, concentradas todas as suas ancias num desejo: beber; e todos os seus soffrimentos, numa sensação: a lingua dobradiça, inchada, resequida, que lhe enche a bocca e o faz gemer cada vez mais de saliva ás glandulas exhaustas.

Dois dias antes, no emtanto, tinha agua: duas grandes botijas que ficaram vazias, imprestaveis, varias leguas atraz. A tarde anterior tinha um cavallo, com o qual contava escapar á vingança do morto; havia, porém, ficado tambem no caminho com uma faca cravada na canga.

Em dois dias ficou reduzido a isso. Podia ter aguentado muito mais; porém o finissimo pó salôbro que fluctuano ar, tão leve que nem siquer necessita do vento para levantar-se, entra-lhe pelas narinas, chega-lhe até os pulmões deixando-lhe a garganta como um pedaço de madeira.

Saberia Jacintho que lhe ia acontecer isso quando arrancou as rolhas ás botijas e deixou que a areia ávida absorvesse até a ultima gotta d'agua que continham?... Si sabia! Está bem vingado, com uma grande desforra, satanica, de supplicio e de agonia que não terminam nunca; martyrio de lingua inchada e pés em chagas; cançaço e sêde.

* * *

E a culpa do occorrido era sua, pensa o solitario, emquanto segue arrastando os pés de chumbo. Claro está que foi do outro.

A cada instante sacava o rôlo de dinheiro da sacóla, com gesto arrogante, repassava os valiosos papeis entre os dedos; contava-os e recontava-os. E nesses rolos estavam tambem seus cobres, sabia-o: na mesma jogada de *"monte com puerta"* onde elle perdêra integralmente o producto de seu fatigante trabalho na vindima, Jacintho havia sido favorecido por uma boa sórte incrivel, acertando golpe sobre golpe. E agora, ao trote da cavalgadura, construia planos o afortunado jogador:

— *A Lucinda disse-me que lhe levasse um vestidinho que lhe enchesse o olho. Lembra-me, Cirillo, quando chegarmos ás casas, de passar pelo basco Iturraspe, onde ella o viu, para compral-o... Vae ficar radiante, a coitadinha!...*

E sua Rosaura? Que lhe levava elle á sua Rosaura? Nada, ou coisa peor: desesperança. Tres mezes atraz a havia deixado como todos os annos para ir ganhar nas vinhas do outro lado da travessia os poucos mil reis que lhes permittissem ir vivendo até que apparecesse coisa melhor. Ainda a via, na evocação de sua lembrança, despedindo-se com a mão alçada, brandamente agitada, junto ao poço... junto ao poço d'agua fresquinha; dessa agua em que elle mergulhava a cabeça para lavar-se de manhã cêdo... agua deliciosa com que banhava a pelle... com que enchia a bocca aos goles... e que fazia salpicar em torno de si... Agua linda do poço de sua casa distante.

* * *

A ilação dos pensamentos arrastou-o novamente para o martyrio. Num ataque de desespero incontido quiz gritar: porém da garganta só lhe brota um rouco gemido que raspa a larynge como uma folha de lixa. Com igual rapidez volta-lhe a razão. Que valerá gritar, si está só, mortalmente só na immensidade deslumbrante do deserto?

Foi essa mesma solidão que o impulsionou ao crime. Todos os annos elle e Jacintho corriam juntos esses caminhos, proximos de casa, companheiros no trabalho e na aventura repetida, da cruz da *travessia* em busca de dinheiro. Porém nunca o haviam realizado em taes condições, nunca com angustia no coração de um e alegria desafiadora nos olhos do outro. Si a sorte houvesse querido, seria elle quem levava em sua sacola as moedas de Jacintho, como Jacintho levava agora as suas.

Durante doze leguas conservára essa revolta cravada no cerebro; doze leguas de galope e de pensamentos rancorosos que culminaram finalmente num sentimento: odio contra o afortunado companheiro e num proposito: apoderar-se do dinheiro delle.

* * *

As recordações amontoam-se-lhe na memoria. Parece vêr diante dos seus os dilatados olhos de Jacintho enormemente abertos em muda interrogação: *Mas, que fizeste?* quando elle lhe metteu o facão nas costellas.

E sobre aquelles estampa-se vivamente a mudança profunda

que experimentou o olhar do ferido ao comprehender tudo, mudando a surpreza em maldições increpadas do sólo, entre as convulsões da morte eminente.

A Cirillo já estas não podiam preoccupar. Quando fizeram alto para descançar nesse sitio, sua decisão estava tomada de ha muito tempo. Seria facil a coisa, havia-se ensaiado cem vezes; quando poz em pratica, verificou que ainda déra melhor resultado que pensava. Ninguem vira o que fizéra; ninguem saberia tampouco o que havia occorrido. Desatou a sacóla da victima e abriu-a. Agora tem dinheiro. Muita prata, haveria para comprar, quem sabe, quantas coisas; porém não serve para dar-lhe nem um trago dessa agua que o ferido derramou sobre a areia, para vingar-se delle no ultimo estertor da agonia.

A cara do moribundo estava voltada em sua direcção; podia jurar que em seus olhos, até um momento antes velados pela morte, refulgia um brilho satanico. Deu um grito de alarma ao comprehender que havia feito Jacintho; inclinou-se e apanhou as botijas para sacudil-as com espanto. Porém não restava nellas nem uma gotta.

* * *

Dois dias galopou sem parar quasi, dormindo por instantes, despertando-se com sobresalto e montando outra vez a cavallo para fugir daquelle que deixava atraz. O ultimo olhar triumphal do morto o perseguia; seguia-o perseguindo-o *ainda*, brilho de odio que reverbéra deante do seu, como materializado no deslumbramento do deserto. Correu assim até que o principio da tragedia veio abater-se sobre lle; introduzida a mão no poço, quebrado o osso, ficou imprestavel o cavallo e teve que sacrifical-o, degolando-o com o facão.

Desde então começou a caminhar, na esperança de chegar a seu destino antes que a sêde, insinuada na garganta poucas horas depois do crime, convertida em obsessão quando perdeu o cavallo, transformada já em supplicio, lhe tirára as forças definitivamente. Comprehende agora que chegou ao cabo de seu intento: não poderá seguir para diante. E aquelle brilho sinistro — a lembrança do olhar de Jacintho continúa relampegueando deante delle com pestanejos zombadores, tão accentuados que se lhe afiguravam reaes.

Porém... eis que apparece! Algo brilha no sólo, não muito longe; algo que elle não distingue no primeiro momento, porém que um instante depois o fez erguer-se e lançar-se para diante, tropeçando, voltando a levantar-se e cahindo de novo, com gritos roucos de alegria e com as forças renovadas por uma esperança *vingadora*. Aquillo que brilha assim é um charco d'agua, no qual os raios solares reflectiam alegres, bailadores, como um aceno de vida e de salvação para o sedento. A poucos passos do charco, as energias abandonaram-n'o

(Continúa na pag. seguinte)

de novo. Consegue chegar até elle arrastando-se, cravando os dedos como garfos na areia, empurrando-se com os pés. Finalmente alcança a beira do charco. Com um gemido, mergulha a cabeça no liquido e banha a bocca com elle.

Apenas o fez, cospe a agua, com alarma e repugnancia. Notou um sabor amargo, metallico, horrivel, que lhe produz nauseas. E nesse momento, emquanto, vomita enojado, distingue o que até então não havia visto, na ancia para alcançar o charco salvador: ossos espalhados em torno do charco, ossos de animaes que parecem emoldurar tragicamente a agua amarga. Em seguida a revelação da verdade fal-o afastar-se apressadamente do liquido recuando como si presentisse um perigo imminente.

Comprehendeu. E' agua envenenada aquella. Esse charco é um dos tantos depositos de aguas arsenicaes que se encontram nos desertos; ciladas mortiferas para onde correm a beber os animaes perdidos e sedentos, para terem um fim horrivel. E elle esteve a ponto de passar por isso. Si houvesse bebido daquella agua, pensa com espanto, morreria como qualquer gado ou cachorro cujos ossos confirmam mudamente o perigo.

* * *

Porém agora se lhe apresenta outro maior: o supplicio que se

S Ê D E

(Continuação)

renova em suas fossas martyrizadas. Bastou essa breve sensação de agua para que as mucosas resequidas, cheias de gretas, lhe fizessem soffrer como nunca imaginou. Morde os punhos, crava os joelhos e os cotovellos na areia, para ajudar com a resistencia physica ao esforço para não succumbir ao impulso, tão forte que parece material e que o arrasta até o

A modelo. — Qual é a sua opinião sobre a minha amiga, a senhora Magalhães?

O pintor. — Muito formosa.

A modelo. — E sobre a minha outra amiga, a senhora Almeida?

O pintor. — Interessantissima! Muito espiritual!

A modelo. — Diga-me: quando terminará de me dizer cousas desagradaveis?

charco. Porém, sem que possa evitar, os olhos cravam-se no liquido.

E' agua venenosa, grita-lhe a razão. *Porém é agua*, contradiz a sêde. As mãos, cravadas no solo, já não são sufficientes para detel-o. Pouco a pouco, com a bocca aberta, com a lingua inchada, vae-se acercando novamente do charco. Ha no brilho da agua algo que o hypnotiza, que o faz arrastar-se em contorsões dolorosas, resultado da luta do instincto contra a sêde. E assim decorrem interminaveis minutos, longos como horas, em que o homem resiste cada vez mais debilmente, á imposição do inimigo poderoso.

De repente uma sombra cruza sobre o charco e se afasta pela areia. Estonteado, embrutecido, Cirillo levanta os olhos: um urubú agita-se por sobre elle, attento, esperançado, perspicaz, com o instincto certeiro dessas aves, do que vae acontecer.

Está me esperando, pensa o sedento; e deante da certeza da sentença irremediavel, todo seu desejo de resistencia desmorona subitamente. Irrompe num alarido que resôa extranhamente na deserta immensidade:

— *Vingaste-te, Jacintho! Vingaste-te!*

Atira-se ao sólo, mette a cara no liquido, bebe a grandes tragos; e o amargor das suas lagrimas vae juntar-se ao das aguas envenenadas.

Angel Lucas Begino

A MULHER QUE EU

TOMA outro whisky!... Não estou doente... E dizer, que estou gravissima, mas de um modo que não admitte a intervenção dos medicos. Talvez não comprehendas porque este assumpto me affecta tanto, pois ninguem comprehende os problemas sentimentaes alheios... e, ás vezes, nem siquer os proprios. E o meu caso é muito especial. Não te contarei nada, mas deixar-te-ei ler algumas cartas que te demonstrarão que ninguem pode ajudar-me. Toma outro whisky e lê esta carta, a primeira carta.

"Amado! Ha trez horas que te deixei e já nos separam duzentos kilometros, e essa distancia augmentará em cada minuto; quero dizer-te que te quero immensamente. Estou sentada, sozinha, no quarto dormitorio, e sonho comtigo. A' esquerda ha um pequeno gancho dourado sobre um fundo de couro escuro. Creio que é destinado aos homens de vida methodica que collocam alli seus relogios. Esta noite dependurarei teu retrato nesse gancho, entendes? Assim estará mais perto de meu rosto. Até amanhã, cedinho. Tenho que terminar depressa, porque na proxima estação devo entregar a carta ao guarda. Alguem me disse que desse modo a terás de manhã cedo. A's dez, quando desceres para almoçar, a receberás. Tem cuidado, porque ás dez e um quarto te mandarei um beijo que com certeza sentirás. Escreve-me sempre. Amanhã de tarde chegarei em casa e tudo será muito triste; sómente uma carta tua poderá consolar-me. Até á vista — tua *Baby*".

P. S. — Tem cuidado para não te acontecer nada. Assim que puderes vir, telegrapha-me, para que eu vá á estação esperar-te."

— Bem, esta é a primeira carta. segue um telegramma. Toma outro whisky, porque a coisa se torna tragica!

"Espero ha tres dias noticias tuas. Não escreves? Mil beijos. Saudades — *Baby*".

— Agora lê esta carta, a segunda. Foi escripta oito dias depois. Toma outro!...

"Queridinho Raul. Não te comprehendo. Que te aconteceu? Espero, dia após dia, hora após hora minutos atraz de minuto. Antehontem mandei-te chamar no hotel. Não estavas. Mandei dizer que me falasses depois. Esperei durante toda a noite teu chamado. Por que não dás signal de vida? Primeiro acreditei que estivesses doente; mas agora sei que não é assim. Consta-me que estás bom e que recebeste meu telegramma. Raul: pode ser que eu esperasse mais do que devia esperar. Isso é muito possivel e muito humano. Pode ser que, para ti, eu não tenha sido mais do que uma pequena aventura... E' verdade que apenas tivemos vinte e quatro horas para nos conhecermos. Mas não penses que commigo succedem, a cada passo, aventuras como esta. Nosso caso é muito particular, e acho que fui tambem um pouco mais do que uma aventura vulgar. Já sabes quanto me foi penoso abandonar São Sebastião depois de haver-te conhecido, e sabes tambem com quanta ansiedade espero tuas cartas. Por que te fazes agora de indifferente? Demasiado o sei que não és assim. Escreve-me pois. Não te levo a mal. Logo me explicarás porque me abandonas de tal modo. Continuo querendo-te sempre — Tua *Baby*"

— Segue uma grande temporada de silencio. Olha a data desta carta! Entre ella e a anterior ha um esforço de quatro semanas. Agora, a situação se torna insustentavel. Toma outro whisky!

"Querido Raul. Torno a escrever-te. No meu intimo procuro razões para tranquillizar-me a mim mesma. Sei que faz trez semanas que voltaste de São Sebastião. Em todo esse tempo, não me dirigiste

NÃO CONHEÇO

uma palavra, nem por escripto, nem por telephone. Teu procedimento, é logico, não se presta a duvidas. Se eu fosse razoavel, não me communicaria mais comtigo. Mas, tenho a impressão de que quadra no conceito que de ti formei, nos momentos felizes que passámos juntos. Se hoje te digo que te amo, é com dor que o faço. Não tens que temer de minha parte nem uma insensatez. Não procurarei retomar o fio de nossas relações. Esta carta vae dirigida ao cavalheiro que ha em teu intimo. Um cavalheiro póde ser brutal com uma mulher e desrespeitoso, si queres, mas nunca deve mentir. Porque então deixa de ser um cavalheiro. Desejo apenas que me informe, que me digas que não respondes porque me consideras muito pouco importante (em um certo momento, parecia que eu te importava muito), ou se depois de minha viagem se apresentou um outro motivo. Qual é a causa de teu silencio? Peço-te — é a unica coisa que te peço — que respondas essa pergunta. Espero que cumpriras com este pequeno dever de cavalheiro. A ti nada será, mas para mim será de qualquer modo tranquillizador, pois saberia a solução de um problema que não comprehendo. Sempre tua, Germana".

P. S. — Se preferes poderemos empregar o "você" em nossa correspondencia!"

— Mas, diabo!

— Não fales, por favor! Lê a outra, a ultima carta. Não comprehendes ainda minha tragedia.

— Não, absolutamente.

— Pois lê, lê! Depressa comprehenderás e terás compaixão. Toma outro whisky".

"Raul: Você não respondeu tambem minha ultima carta. Espere' duas semanas interminaveis. Sei que você está na capital, porque o vi passar repetidas vezes de auto, ao meu lado. Seu proceder não tem, pois, outra desculpa que seu mesmo modo de ser. E' o que mais me dóe. Espero que não se sentirá orgulhoso dessa conquista. Acabou. E reconheço, como um triumpho, você é o unico homem que conseguiu impressionar-me. Sinto que não o merecesse. Se por acaso tivermos ainda de encontrar-nos alguma vez, por favor não me cumprimente. Vamos esquecer este episodio. Germania".

— Cada vez entendo menos. Por mais que me digas, não podes amar essa mulher.

— Juro-te que estou loucamente apaixonado. Estou realmente doente, pelo unico motivo de não ter tornado a vel-a.

— Mas estás louco. Por que não respondeste, então, suas cartas?

— E' isso justamente o terrivel. Não posso escrever-lhe... porque, aquella tarde ella apenas disse seu nome, e porque — como quasi toda as mulheres — não botou em nenhuma de suas cartas o nome e o endereço do remetente. Toma outro whisky!

— Que horror! Com isso pareces ter envelhecido vinte annos.

— Faz não sei quantas semanas que corro as ruas para cima e para baixo, olhando cada mulher que encontro. Compareci a todos os bailes, a todas as festas sociaes; vou aos cafés e aos "tea-rooms"; ao theatro e ao cinema. Mas não consigo encontral-a.

— Mas não pediste o registo dos veranistas de São Sebastião? Assim poderás encontrar na lista, uma mulher que se chame Germana, e que tenha estado lá naquella época, em seguida saberás seu nome. Por que não póde haver muitas mulheres com esse nome tão raro...

— Como dizes?

— Sim, homem, sim. Por cincoenta centimos te mandam uma lista, e, se quizeres, até por telephone podes te informar.

— Toma outro whisky! Toma toda a garrafa! Quanto tempo leva uma communicação telephonica com São Sebastião?

Kurt J. Braun

O QUE SE DEVE SABER

CURIOSIDADES

DEVEMOS aos egypcios os nossos conhecimentos sobre a arithmetica, a geographia e a geometria; os numeros, aos arabes.

A invenção do desenho se deve aos gregos; a imprensa, a Gutemberg, de Moguncia; os oculos, a Silvio, de Florencia; a polvora, a Berthole, de Friburg; o telegrapho, a Chappe; o barometro, ao Torricell, de Florença. O thermometro inventado pelo hollandez Drebbel, foi aperfeiçoado por Deslile, Ebral, Reamur, etc.

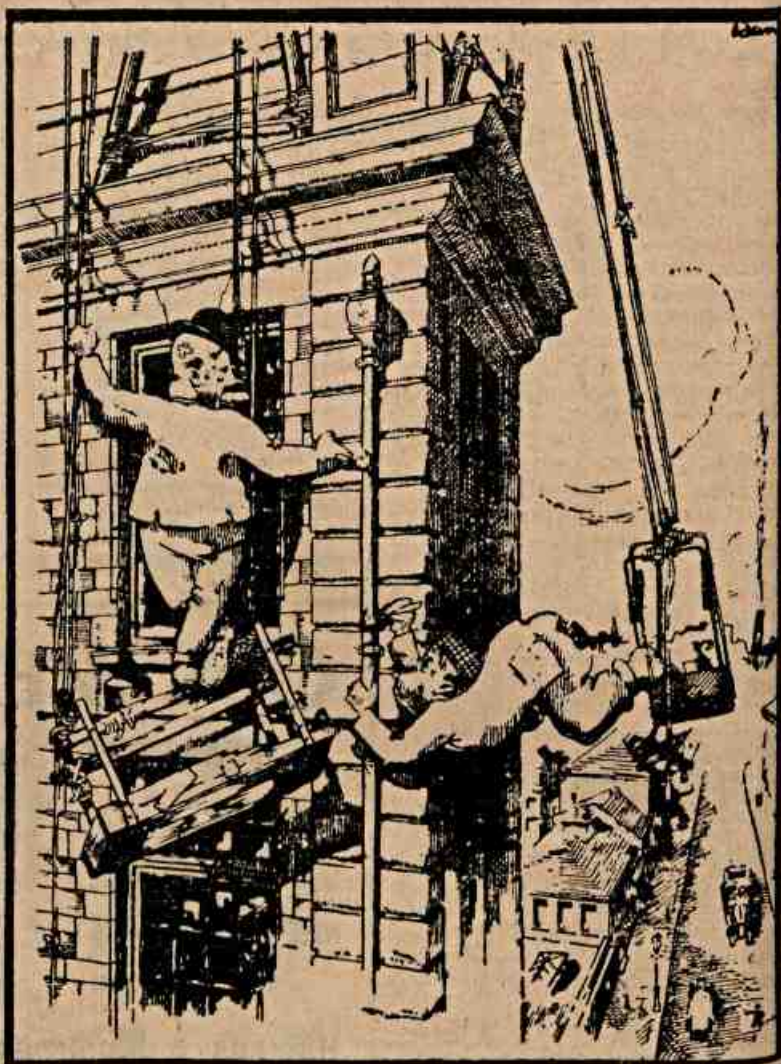
PHOTOGRAPHIA SUBMARINA

DATAM os primeiros ensaios de photographia submarina do anno de 1856. Mas, como nessa época a arte photographica achava-se ainda incompleta, os resultados obtidos fôram muito defficientes.

Trinta annos mais tarde, M. Boutan melhorou muito os processos até então seguidos, e pouco tempo depois M. Pau logrou fazer photographias que despertaram grande interesse entre os entendidos.

Foi em 1911, que a photographia submarina alcançou na realidade o gráu de perfeição que actualmente a caracteriza. O doutor Ward, que havia installado um *atelier* de photographias sub-aquatica, obteve provas muito interessantes de crustaceos e peixes. Conseguiu até imprimir filmes cinematographicos, que permittiram praticar curiosas comprovações sobre diversas particularidades da locomoção nagua.

Porém, como nesse marco ficticio o campo de estudos e experiencias era demasiado limitado, M. Williamson creou um apparelho que tornou possivel as suas investigações. Um tubo vertical, construido em ferro e materiaes impermeaveis, parte da prôa de um navio e vae ter a uma cabine espherica, na qual se acha installado o operador com o seu apparelho photographico.

Em frente á objectiva se abre um "tragaluz" de crystal bastante grosso; um grande cone exterior elimina os raios prejudiciaes. E, como a claridade natural é quasi sempre insufficiente para as photographias instantaneas, passados os dez metros de profundidade, o que se deseja photographar é illuminado vivamente por nove lampadas electricas de mercurio de Cooper Hewit, cujo poder é de mais de vinte velas.

— Não vaes fazer uma «fézinha» domingo, no Jockey?
— Que esperança!
— E por que não?
— E' muito arriscado!

* * *

Na ilha de Java existe um pequeno paiz, sob o protectorado hollandez, que tem a particularidade de ser governado por mulheres. O reino de Bantam, — tal é o seu nome, — tem como soberano um homem, mas o resto do governo está nas mãos do bello sexo. Chefes, militares, soldados e guardas, sem excepção, são mulheres. Os homens são agricultores e commerciantes. Pois nesse paiz reina a mais completa felicidade...

saibam todos...

SARITA (Bahia) — Upa! Lá vem uma bahiana formosa... Sim. Antecipo que é formosa, porque não existe bahiana feia. "Deus é o grande esculptor dessas obras de arte. E não creio que o Creador faça uma esculptura menos perfeita que a outra".

Aliás, esse trecho não é meu. E' de uma carta que recebi de um carioca, actualmente na Bahia, e que se revela encantado com as conterrâneas de Ruy e do... vatapá...

Vamos, porém, á sua missiva gentil:

"Bahia, 7 de Dezembro de 1933. Yves. Não sei porque, hontem, sentada á sombra de uma arvore frondosa, apreciando esta belleza incomparavel, que é o pôr do sol, lembrei-me vivamente de você. E, na quietude encantadôra da tarde de hontem, esta lembrança foi crescendo... crescendo... até que levou-me a escrever-lhe.

Desde que comprehendo a leitura, leio no FON-FON a sua secção "Saibam-Todos". Apezar da minha idade ainda tenra, (pois tenho 15 annos apenas) admiro loucamente você e o seu espirito de poeta e critico.

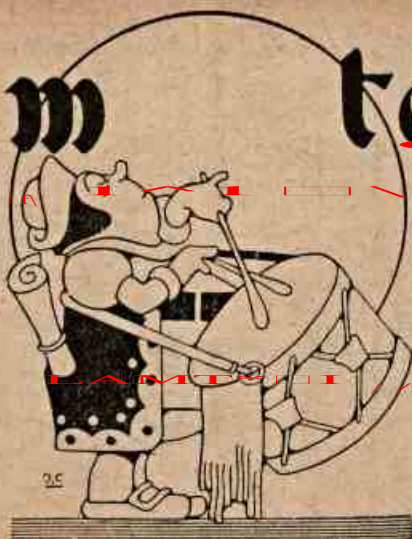
Como seria feliz se pudesse lêr os seus romances! Isto é inteiramente impossivel! Os meus papás nunca consentiriam. (*Ai! ai! Cai n'um poço!*)

Olhe Yves, disseram-me que você não sympathisa com a minha Bahia querida! E' verdade? Eu sou uma bahianinha que me sinto orgulhosa em sêr coestaduana de Ruy Barbosa e Castro Alves.

Gostaria immenso se merecesse a sua resposta. Quer dar-me este prazer?

Pode crêr na admiração muito grande, que lhe dedica — *Sarita*".

Não me admiro de nada mais, neste mundo... Acredito no homem que manda chover... Creio em loterias e na "sorte grande"... Acho possivel eu morrer e ir para o céu... Estou convencido de que há mulheres sinceras... Não duvido que se resolva a quadratura do circulo, e que se descubra o motu-continuo...

Acceito que o globo terraqueo possa rodar de este para oeste, e que o mundo se venha a acabar... Convenci-me de que é facil passar um camelo pelo fundo de uma agulha... Creio, acredito, admitto todas as coisas absurdas e incoherentes na vida...

Nada me espanta mais! Só o que me deixa de bôcca aberta é que, v. ex., aos quinze annos, seja uma menina tão sabida... Em todo caso, como v. ex. é bahiana, é natural que seja essa precocidade assombrosa...

De resto, aos nove annos, Mozart tambem já não era um assombro?

Ainda "pallido de susto e de espanto" — como diria Bilac — pela demonstração que me dá de ser uma "jeune fille" tão sabida, aos quinze annos, desejo rebater, aqui, duas calumnias irritantes:

1.º — Eu só escrevi, até aqui, um romance. E esse, apesar de forte, (não o nego) já tem sido devorado por uma legião de "jeunnes filles", como v. ex., e nenhuma dellas ainda deixou de ser "jeune fille"...

E' verdade que, umas lêem o meu romance — "Uma garçonne carioca" — escondendo-o debaixo do colchão; outras, o lêem no banheiro... Mas, por isso mesmo, nenhuma dellas ainda deixou de ser a mesma joven, pura e innocente, — com escala de 15 a 40 annos — nem perdem casamento, nem desmerecem da confiança, do respeito e da admiração dos seus conhecidos. Ficaram, apenas, um pouco mais sabidas do que já eram... Porque, na verdade, meu livro é uma lição de moral muito rude e muito séria.

2.º — Quem disse que não gosto das bahianas certamente ha de conhecer algum motivo justo, com que eu lhe justificasse, naturalmente, esse meu malquerer por tão illustres e prezadas patricias. E por que não me aponta esse motivo? Si é que elle existe?

Eu lhe asseguro que estou sendo intrigado com as bellas filhas da terra de Castro Alves.

Garanto que gosto muito das bahianas. Ellas são bonitas e intelligentes. E quando amam, são decididas: ou sim ou não. Ou são todas odio ou todas coração. E acaso isso não será um grande merito, uma excellente virtude?

Nada, d. Sarita! São intrigas da opposição. Vamos dar um viva ao grande Estado: Viva a Bahia!

Nota. — O grypho é meu.

WALD. PINHEIRO (?) — Caro poeta. Como a sua carta vale por uma excellente reclame para o meu livro *Azúl e Rosa*, e eu sou humano, — sensivel ás coisas que fazem bem á nossa vaidade — transcrevo, data *venia*, a sua missiva, que é, afinal de contas, escripta por uma pessôa que não me conhece e se torna, consequentemente, insuspeita.

Eis o que me escreve o sr.:

"Taquaritinga, 24 de Dezembro de 1933.

Prezadissimo Yves.

Nesta tarde livida, espiritualizada, vespera de Natal, no céo como na terra um perfume balsamico enche de alegria e de conforto as almas.

Como se não bastasse isso para o meu pobre espirito christão, sinto, vibrando, na hora azúl que passa, o rythmo inédito dos teus versos roseo-azúes do "Azúl e Rosa".

Li-os commovido e vagarosamente. Li-os como quem saboreia, numa taça azúl e rosa, capitoso licôr. Não Yves, venceste; e esta victoria não é de "um general qualquer": — é tua. O livro é para se lêr num dia e meditar-se a vida toda. Vinte e seis poemas! Vinte e seis. Só. Mas o *quantum satis* para curar a alma da gente das enfermidades moraes tão communs nesta quadra desoladora.

Bem haja a hora feliz em que te conheci através de tão lindas paginas. Bem haja a inspiração creadora que me fez viver momentos de enternecedoras venturas. Bem hajas tú, poéta, a quem formulo os melhores votos de Feliz Natal e feliz entrada de Anno Novo. Bôas Festas.

Assim, me subscrevo:

Amº e Admirador

Eumaldo Rodrigues Pinheiro

(Wald. Pinheiro)".

(*Cont. na pag. seguinte*)

SATIERF (Minas) — Meu caro, sr. do nome complicado: — Satierf. Isto aqui, na verdade, não é uma secção de namorados, que se procuram e se amam, por meio de recadinhos...

Mas, o seu caso é um tanto curioso: o sr. quer encontrar alguem que, parece, será a sua felicidade...

Ora, eu não sou egoista. Embora sempre encontre quem interrompa ou atrapalhe a minha felicidade, nem por isso quero deixar de concorrer para que duas creaturas sejam felizes... Haverá nisso uma alegria intima de minha parte. Assim, uma especie de consolo de ter feito a ventura de alguem, a quem não conheço — justamente quando mais espero que alguem faça a minha felicidade...

Curioso, não é.

Vamos, porém, á sua missiva:

"Sr. "Yves": E' esta a primeira vez que venho a sua presença. Não sei se será tambem a ultima. Talvez sim, talvez não. Assim sendo, espero merecer o seu perdão pelo meu atrevimento.

O motivo que me faz vir a sua presença é tão differente dos demais que lhe têm consultado, que até nem sei mesmo se serei feliz na minha tentativa. Mas, como a esperança é a ultima que acaba, hei de ir até aonde me fôr possivel, afim de encontrar quem procuro.

E é por isto que hoje venho a sua presença, solicitando-lhe o seu auxilio; caso possa ajudar-me!

Estou á procura de uma fada por pseudonymo de "Miss Felicidade". Travamos conhecimento por meio de postaes rapidos em uma revista ahi da Capital.

Mas como a felicidade é uma cousa que quando se espera desapparece, no dia que ella me solicita o meu endereço, a dita revista acaba com a secção dos postaes ficando eu sem saber o seu endereço e ella sem o meu. E como o incognito sempre foi o martyrio dos homens, fiquei com a pulga na orelha, pois uma cousa me dizia que tal "Felicidade" seria a minha felicidade.

E' pois a si que venho pedir auxilio, ajudando-me descobrir tal fada. Talvez entre as innumeras amiguinhas que lhe escrevem esteja a "Felicidade" que procuro.

Sendo este o motivo que me faz dirigir-lhe esta, que espero não ser infructifera, desde já confesso penhoradissimo este seu eterno admirador e amigo. 16-1-34. *Satierf*".

Certa vez, eu viajava num bondé. A minha frente, um casal de jovens lia um livro qualquer e commentava-o feliz. Logo notei que se tratava de um par de namorados.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

As cabeças juntas, alheios a tudo que os cercava, ambos seguiam a mesma pagina.

Prestando mais attenção ao enlevo e ao livro, tive uma sensação que me alegrou para, logo depois, deixar-me profundamente abatido.

Sabe que livro era o que os namorados liam? (Perdôem o cabotinismo...) Perdôem ou o não perdôem, o facto é que o autor da obra era este Yves que lhe escreve. O volume era o meu livro "O Suave Enlevo".

Philosophei então com amargura: "Os versos que escrevi, pensando na felicidade que eu sonhava, foram fazer a alegria de outros".

Sim. Na verdade. Tive inveja dos namorados felizes. Porque, afinal de contas, eu não era e nunca fui feliz no amôr.

. . . .

Que o sr. encontre, pois, a sua "Miss Felicidade". São os votos que faço. E si puder, me dê um pouquinho da ambicionada e tranquilla alegria que ella lhe trouxer...

LINA (S. Paulo) — Olá! Uma poetisa? E poetisa paulista? Vejamos o que V. Ex. deseja:

"Yves. Não é uma cartinha rosea e perfumada, como as que você costuma receber de paulistas ou gauchas intelligentes.

E' uma cartinha banal, escrita num papel banal, com linguagem e assunto tambem banaes.

E' a primeira vez que me dirijo ao brilhante autor de "O Suave Enlevo" e.... mas não!.... não farei elogios. O Yves pensaria ser por interesse, aliás — seria absolutamente inutil.

Entremos pois corajosamente no assunto: envio-lhe um pequeno poema (Oh! Yves não se alarme tanto, nem franza as sombrancelhas desse geito); peço-lhe que o julgue e o entregue ao destino conveniente; e seja qual for a resposta não me chame por favor de "solteirona", é a maior ofensa que pode ser feita a uma filha de Eva, e eu tenho apenas 18 annos, a idade classica de toda mulher que se preza.

Adeus, pede-lhe desculpas pelo tempo que lhe roubou a admiradora

Lina".

17-10-33.

P. S. — Yves: Pelas datas você pode calcular o tempo em que essa carta esteve encerrada em minha secretaria. Mas estava escrito" que ela seguiria o seu destino.

DISTRACÇÃO...

Eu andava pensando em você
e você não aparecia...
Até que um dia,
Quando eu ia muito distraida
pela vida...
Você apareceu de repente
em minha frente!
E desde então (aliás inutilmente)
eu tenho andado sempre distraida...

A minha opinião é a seguinte: V. Ex., indiscutivelmente, será capaz de realizar a bôa arte, desde que estude e oriente bem os seus pronunciados pendores poeticos.

Possue facilidade de expressão, facilidade na coordenação das idéas, delicadeza de moção.

Si lhe puder ser util.... aqui estou. E' talentosa. A sua letra me diz que é muito bonita e jovem. Que mais ha de querer?

MARISA (Capital) — V. Ex. é uma criatura sympathica. Explica-se. A letra, para mim, é uma especie de photographia da alma. Por ella, eu sympathizo ou antipathizo com as pessôas.

Eis porque me exprimo desse modo: V. Ex. é, de facto, uma criatura sympathica.

Penhorado, agradeço e retribuo os votos de bôas festas e feliz Anno Novo.

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar nos coupon abaixo, devidamente preenchido

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 67
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4126

F O N - F O N — 27 - 1 - 934

Data da consulta..........
Nome da consulente.........
....

Untisal
VIDRO
CONTENTES
Porque se fricciona-
ram com
Untisal
(a alegria dos pés)
Untisal

ALMA EXPANSIVA

— DA' licença, amigo Feitosa?

— Vá entrando, doutor!

— Aqui estou. Vim fazer-lhe uma visita de medico e de amigo.

— Obrigado. Não me aperte a mão, doutor. Estou febril. Agradeço a sua visita de amigo. A de medico, não; pois você já não tem a fazer coisa alguma. Isto já não vale nem o que ingere!

— Não diga assim... O meu collega já me deu todas as informações da sua molestia.

— Digo. O meu coração está como certo motor muito trabalhado, que vae dando o prego. De quando em quando lhe fazem rapida limpeza, tiram-lhe a ferrugem, lubrificam-no, e resolve elle ir para deante; mas agora parece que já deu o que tinha de dar...

— O meu amigo Feitosa, faz poucos mezes, estava forte. Como foi isso? Como descahiu assim?

— Coisas de velho que não tem coragem de enfrentar a velhice com a resignação de quem deve consagrar-se á vida espiritual...

— ... Convencendo-se...

— ... de não poder acompanhar os moços! Eu era forte. O meu coração era perfeito. Não tinha um só arranhão. Trabalhava normalmente. Todos os medicos, seus collegas, elogiavam-no. E eu pensava ser elle de aço, quando era apenas um vidro. Perfeito, sim, mas muito fragil.

— Que fez então o meu amigo?

— Eu, como qualquer homem pretencioso, não me conformava com os meus sessenta e cinco e tingia os cabellos e fazia massagens e sentia-me orgulhoso quando, diminuindo sempre dez annos, ainda assim me achavam muito moço. Acabei por me convencer da minha mocidade e, ainda mais, da minha belleza máscula! Não podia pessôa alguma do sexo feminino ser delicada para commigo, sorrir para mim: logo me convencia de estar apaixonada pelo Feitosa! Por fim, fui eu quem se apaixonára por certa criaturinha, adoravel; e foi aquelle estrago! A mocidade era apenas uma tradição fabulosa; a velhice, um facto. Quiz cantar os louvores das grandes vantagens sobre os meus competidores e fiquei reduzido a este molambo...

— Expressão exaggerada...

— Ora, doutor, então não me conheço! A minha saúde enfraquece dia a dia, hora a hora.

— Está falando muito. Isso não lhe faz bem.

— A dyspnéa, doutor! Espere um pouco.

— Falou largo tempo, sem interrupção...

— Esta difficuldade de respirar... O coração está muito fraco. Acho ser já tempo de me despedir dos meus e manifestar-lhes as minhas últimas vontades.

— O meu amigo póde viver ainda muito tempo, mas é bom ir dizendo...

— Então, tenha a bondade de mandar chamar a minha mulher, os meus filhos.

— Estão aqui todos.

— Bem.

— Perguntam si quer confessar-se.

— Não. Eu creio em Deus. Sou catholico. Fui educado no catholicismo. Nunca prohibi os meus de se confessarem; mas em absoluto nunca me confessei. Na hora da morte não vou renunciar a minha opinião. Seria uma covardia, medo ante o fim indeterminado, desconhecido. Até para a gente morrer, precisa ser coherente no modo de pensar. Não... Não quero. Morro satisfeito com as minhas idéas. Este seu amigo só não teve coragem para enfrentar a velhice mas tem-na bastante para morrer.

— Os seus vão respeitar as suas ultimas vontades, affirmára o medico depois delle dizer tudo acêrca de si, da mulher e dos filhos.

— Então, deitado, vou esperar a morte.

E, de quando em quando, erguia o busto para falar:

— Como a gente custa a morrer, hein, doutor! E a falta de ar a perseguir-me... Vou deitar-me de novo afim de aguardar a chegada da bicha brava!

E, momentos após:

— Qual! Ainda não é desta vez! Está custando tanto...

— Vou dar-lhe uma injecção hypodermica de morfina, para lhe abrandar esse soffrimento, propuzéra o medico.

— Todos concordaram? Eu não descordo.

— Eu já havia consultado a sua familia. Está de accôrdo.

— Pois venha...

Dada a injecção, erguêra-se Feitosa, alguns minutos depois, dizendo sentir-se bem.

Após uns dias, conversando entre os seus, aconselhava os filhos: nunca deviam fazer beneficios esperando recompensa. A gratidão, com rarissimas excepções, é extremamente parca. Fizessem o bem, dizia, mas lembrando-se de Jesus: quiz salvar o genero humano, e os homens crucificaram-no!

O outro dia precisou de um amigo, por quem compromettêra os proprios interesses, e esse nem lhe déra resposta nem o visitára.

Emmudecêra de repente, para sempre, mastigando uma phrase que lhe ficára retida na garganta: talvez alguma imprecação, talvez alguma indulgência daquella alma expansiva.

HORMINO LYRA

LOGICA FEMININA

"Le eres fiel, más ya cuenta
cierta historia,
que entre él y tú, se acuesta
otra memória."

CAMPOAMOR

ERA Mercêdes uma lindíssima trigueira de vinte e poucos annos que, allucinada pela figura elegante e robusta de Alfredo Romariz, tudo fizéra até conseguir prendêl-o nos seus braços de sereia moderna.

Fôra educada como o são a maioria das moças actuaes, com extrema liberdade e sem ligar muita importancia aos graves problemas da existencia, embora alguns destes chegassem a affectal-a...

Fizéra parte dum club de doidivanas, que ostentava o pomposo titulo de "Club das Solteiras", e de onde fôra acintosamente expulsa, após ter sido áspera e severamente censurada pelas suas consocias. Quando, num momento de fraqueza ou covardia, olvidando os famosos estatutos que ella propria redigira, não duvidou em renegál-os afim de entregar-se aos dôces laços do hymeneu... E, agora, depois de dois annos de matrimonio, emquanto o seu marido, armado duma especie de bengala, corre horas a fio atráz da pequena bola de golf, Mercêdes, estendida na branca areia de Copacabana, recebe pacientemente os fortes raios solares e tambem os olhares mais ou menos maliciosos dos nudistas que alli perambulam...

Emfim, uma outra silhueta fina de mulher, aproxima-se e, passados alguns instantes, as espiraes de fumaça dos cigarros se espalham, entrecortadas de phrases soltas:

— Então o Alfredo não te liga...

— Não confundas. Sou eu quem não me importo com o meu marido.

— Quizeste casar... é isso!

— E' isso, não!... Quando eu gostei do Alfredo, nunca pude imaginar que, em vez de passar os dias perto de mim, elle os ia passar como um imbecil, a correr atráz duma mísera bolinha...

— Não é isso, não. E' que o casamento acaba com o amor. Eu não te disse sempre que o grande afan que sentimos para alcançar essa tal felicidade se torna-se amarga desillusão quando a convertemos em realidade?

Mercêdes não respondeu; contentou-se em lançar para o alto duas baforadas de branca fumaça e, de olhos semi-cerrados, seguiu as curvas graciosas e ligeiras que se elevavam... A outra, após alguns instantes de silencio, proseguiu:

— Nunca deverias têr desertado da nossa companhia. Essa fuga, porque não foi outra coisa o teu acto, mostrou-nos claramente como o espirito estava em desaccordo com a tua matéria. Não ha homem nenhum, bem o sabes, que mereça o amor ou o desprezo duma mulher. De resto, não deves esquecer as suas proprias maximas.

E, deante do mutismo de Mercêdes, a amiga olhou-a desapontada, indagando-lhe:

— Que tens?

— Nada... Preguiça...

— E é por isso que não respondes? Ora... ora... apostaria que nem mesmo ouviste a minha lenga-lenga.

— Ouvi, sim.

— Então responde-me.

— Sim... falavas... de que era mesmo?

— Não disse? Desaforo! Falava das tuas maximas, daquellas celebres e escandalosas sentenças que fizeste escrever nas paredes do nosso club, e foste a primeira em fazer o contrario daquillo que com tanto

(Cont. na pag. seguinte)

ardor ou cynismo aconselhavas.

Mercêdes, sempre distrahida, contentou-se em volver o lindo corpo de morena para o lado contrario, afim de gratifical-o igualmente com os raios solares e, atirando desdenhosa a ponta do cigarro, apenas sussurrou:

— Se eu te disser que nem me lembro das taes maximas... Como eram mesmo?

— Não merecias que t'as recordasse, porque não mais pódem sêr comprehendidas por ti... Mas não faz mal; escuta: "Uma mulher deve sêr amada mais por bonita do que por bondosa".

— Pois olha, essa primeira sentença encerra uma grande verdade, porque somente após o meu desinteresse total pelo Alfredo e têr eu recomeçado o culto supremo da minha belleza, é que principio a notar em meu marido certas curiosidades gentis que a vida conjugal tinha morto.

— Ah! Então...

— Então nada! Passamos á segunda.

— Bem, escuta: "Em amor valem mais os brilhantes do que as flores".

— Tambem é certo, mas, por emquanto, não serve para o meu caso... Adeante.

— "Sê fiel, se puderes; duvida sempre".

— Essa me foi certamente inspi-

Logica Feminina

(Continuação)

rada pelo sabio rei Salomão, que, como não ignoras, na sua ingenuidade, pretendia conhecer melhor as mulheres do que os homens... illusões dos homens que crêem serem sabios quando não passam de... homens.

— Lá vae outra: "Mostra-te surpreza daquillo que conheces por experiencia..." Eu acho esta divina... e tú?

— Eu? Nem por isso! Acho-a humana, muito humana mesmo. Se nós desnudassemos a nossa alma ás creaturas que nos rodeiam e com quem vivemos, a existencia tornar-se-ia a mais terrivel e monotona das ribaltas. E' preciso que em volta da nossa personalidade, ou melhor, do nosso intimo, paire um certo mysterio que nos faça parecer melhores ou peores do que somos em realidade.

— Mas... com que fito?

— Oh, filha! Com o mesmo que induzia á celebre esphinge de Thebas a detêr os viandantes: com o de vencer ou sermos vencidas.

— Ah!... E... e tú és vencida ou vencedora?

Mercêdes suspirou profundamente e, quasi num sopro, murmurou:

— Não sei... A's vezes penso que ainda desperto no meu marido um pouco de enervação amorosa da época do nosso noivado, mas...

E, após uma ligeira pausa, proseguiu, amargamente:

— Sinto-o tão distante, tão afastado de mim, noto-lhe tamanha confiança em minha fidelidade e no meu amor, que, além de irritar-me, me entristece.

A amiga fitou-a perplexa e sem poder alcançar a idéa complicada que enchia aquella cabeça de mulher moderna. E Mercêdes continuou em voz baixa, como se falasse commigo mesma:

— Um homem que tem completa certeza de fidelidade da sua mulher ou da sua amante, ou deixou de amal-a, ou então — o que é mil vezes peor — a creatura perdeu o encanto que antes o seduzira e, quando essa desconfiança moral invade a alma duma mulher, póde considerar-se esta á margem da vida.

— Sim, talvez — concordou a amiga —... Esse caso, porém, não é o teu, pois não?

Mercêdes não respondeu de momento á pergunta que lhe fizéra a companheira, fingindo arranjar com grande interesse algumas mechas de cabellos pretos e brilhantes que teimavam em fugir da vistosa toca rubra que luzia. Afinal, após uns instantes de hesitação, commentou com intensa amargura:

Logica Feminina

(Continuação)

— No amor, minha amiga, uma vez esgotada aquella alegria ruidosa que o faz parecer eterno e feliz, apenas encontramos um fundo de tristeza. Alfredo, o meu Alfredo, como eu o chamava, não é realmente mais o mesmo. Aquella curiosidade immensa que parecia sentir pela creatura moderna e homenageada que eu fui desappareceu por completo desde o instante em que passei a sêr, não a mulher enigmatica e desejada, mas a sua mulher. Depois, essa vida mundana que levamos e na qual mil e uma frivolidades pretendem encher o vazio das nossas almas, essa existencia de falsos galanteios e egoismos brutaes, apenas velados por phrases mais ou menos convencionaes, essas ridiculas obrigações impostas pelo "soi disant, *savoir vivre*", tudo isso cada dia mais nos afasta um do outro. Não creias que me resigno ou que não sinta humilhação ao declarar-te que amo o meu marido como no primeiro dia ou talvez mais... Não; a minha revolta é terrivel, como terrivel é a certeza de que elle está preoccupado com outra.

— Com outra mulher? — indagou, espantada, a amiga.

— Sim, com outra mulher, com outra mulher de quem ainda não sei o nome, mas cuja personalidade sinto levantar-se entre nós, como se fosse altissima muralha. Escuta, Alfredo, de algum tempo a esta parte, é muito mais attencioso e delicado. Seria incapaz de esquecer o beijo que manda o "ritual" seja dado na face e na hora da sahida, como se quizesse com esse beijo de Judas fazer-se perdoar pela traição que, certamente, vae commetter... Depois, certas phrases, olhares um tanto distantes e vagos, a sua paixão repentina pelo maldito golf, que antes detestava... mil subtilezas, emfim, dão-me a certeza de que, mesmo nas horas de maior intimidade, ha sempre entre nós a sombra dum terceiro.

— Mas tu não dizias ainda agora que o Alfredo estava novamente apaixonado por ti, depois de lhe teres fingido certo desinteresse? — indagou a companheira, desorientada.

— Disse sim, mas é justamente esse um dos symptomas que mais me fazem duvidar da sua fidelidade, porque os homens, minha querida, quando mais nos agradam é quando mais nos trahem, ou pelo menos estão perto de trahir-nos. E, visto que estamos no caminho das confidencias, dir-te-ei, ainda, que já tive dois telephonemas e uma carta anonyma de certa pessôa que se diz "minha amiga", e que não duvido o seja, porquanto sómente taes creaturas são capazes não só de nos trahir, mas ainda de sentir a volupia de avisar-nos.

— E tu crês?

— Eu não creio nada: eu tenho completa certeza de que o Alfredo me foi, senão roubado, visto que elle guarda ainda as apparencias, pelo menos conquistado.

— E tu não vaes reagir?

— Sim, talvez no dia em que sinta augmentar em mim esse odio que, como sempre acontece, teve o amor como inicio.

— Mas até esse momento?

— Até esse momento continuaremos a ser como a maior parte dos casaes actuaes: duas creaturas que adquiriram a obrigação de viver juntas e em cujos cerebros germinam ideaes differentes.

— E és tu, a mulher superior e que tantas leis e maximas dictavas para nós, tuas collegas, quem se submette e resigna como a mais humilde filha de Eva?

Mercêdes levantou-se, esticando num gesto fatigado os seus harmoniosos braços um tanto entorpecidos pela longa immobilidade e finalizou num sorriso, emquanto se dirigia para as aguas claras e transparentes do oceano:

— Em amor, amiga, não existe mulher superior nem inferior, mas simplesmente a mulher. E fica certa de que o amor, o soffrimento e a morte serão sempre os unicos elementos que igualem e humanizem todas as creaturas.

E toda lampeira, dando um pequeno salto, mergulhou nas ondas...

LUIZ DE GONGORA

(Do livro "Contos Venenosos")

Rolando sobre trilhos

DUAS parallelas de aço lançadas a grandes distancias, no terreno firme. E os comboios colossaes deslisam velozes dia e noite, conduzindo na sua longa caudal venturas e tristezas, rodando, rodando, sempre para a frente, vencendo a jornada difficil. E a locomotiva e o primeiro carro, e mais outro, e outro e outro mais... O rodar barulhento sobre as parallelas de aço.

De vez em vez, o pesado comboio diminúe a sua marcha ousada e se detém em estação grandiosa, sentinella avançada de cidade dynamica. Espectaculo repetido e sempre novo: abraços, beijos, adeuses. Dois silvos nervosos e novamente o rodar barulhento sobre trilhos.

E vae, furioso, vencendo a longa jornada, deixando, de envolta a fagulhas causticantes, valles sombrios, campinas, rios, villas e cidades, centros de progresso e ermos sitios desanimados.

De vez em vez, uma estaçãozinha simples, e o comboio veloz não abranda a sua carreira furiosa. Elle não tem para a pequenina estação um simples olhar que ás vezes traduz tantas esperanças, tantas...

Esquecida num kilometro qualquer da longa ferrovia, unica moradia numa extensão de leguas, uma casinha amarella, tão amarella a formar com a campina verde qualquer coisa de bello, de sublime, a estaçãozinha, com sua plataforma tambem pequena, com o seu unico apparelho telegraphico a funccionar de longe em longe, para transmittir a nova de que o rapido passára no horario, era bem o marco plantado como pioneiro garantidor do progresso, naquella região tão distante da capital formosa, dynamica, dos arranha-céos.

E aquella casinha amarella, para a qual o comboio veloz não tinha ao menos um simples olhar, representava qualquer coisa de importante para o comboio veloz: passagem forçada para o trem que dia e noite buscava a pedreira distante, ella tinha, bem deante da plataforma minuscula, o travessão.

Um descuido, um momento de distracção ou cansaço do morador da estaçãozinha, e o rapido...

O morador da estaçãozinha perdida num kilometro qualquer da longa ferrovia, o chefe da estação que alli vive isolado com sua esposa e um filhinho traquinas, tendo para o dia que desponta um cumprimento amavel, para a melancolia da tarde cinza um olhar de saudade, saudade de uma Ave Maria ouvida na meninice despreoccupada, quando elle não sabia da existencia de tantos cargos á sua espera, quando elle ainda ignorava que o destino ardiloso preparára a sua escalada difficil: praticante, telegraphista, escripturario, chefe, num desejo maior, superior, o cumprimento do dever... o chefe da estação.

E passam mezes, annos, certo de que um dia — proximo ou distante? — a direcção recorde que alguem anseia por uma promoção.

O pesado comboio abranda, então, a sua marcha furiosa e se detém alli por uns instantes, para receber os passageiros que vae levar para a estação, tão sua amiga. E o homem, cumpridor dos seus deveres, desdobra-se, multiplica-se, num esforço herculeo, num trabalho continuo, surdo, subterraneo, no interior da grande estação; mas, as locomotivas e um carro, e outro e mais outro, em segurança, rodam barulhentos, transportando sorrisos e lagrimas, transparencias suaves que desconhecem trabalhos. Os passageiros passam, desconhecidos felizes dos serviços complexos das ferrovias.

Os apitos estridentes. Os trens que partem. Os trens que chegam. O telegrapho. O trabalho dedicado dos ferroviarios. Duas parallelas de aço...

A. BELTRAM SOUSA

A nova empregada. — Ainda uma pergunta, minha senhora: quanto tempo esteve com a sua ultima cozinheira?...

MUSICA DAS AMERICAS

DURANTE o ultimo decennio tem-se verificado em todas as Republicas do novo Mundo consideravel esforço no colleccionamento e publicação de musica classificada como musica popular. Muitos desses trechos gozaram no passado de grande popularidade, mas cahiram gradualmente no esquecimento e são hoje virtualmente desconhecidos da juventude. O reconhecimento de que as canções originarias dos varios paizes constituem marcos millenarios na senda do progresso, registrando ao mesmo tempo as emoções do povo, tem levado muitas pessôas e sociedades a investigar o passado, procurando melodias populares afim de salvál-as de completo esquecimento.

Todos aquelles que jamais assumiram a responsabilidade de organizar programmas musicaes para transmissão pelo radio sabem que essas melodias, que tanto fascinaram os apreciadores de musica do passado, ainda possuem o poder de encantar as novas gerações.

Os maiores successos na organização de programmas de radio têm sido obtidos graças ao reconhecimento do facto de que as simples melodias, aquellas que se prestam a ser assobiadas e cantaroladas e que perduram na memoria longo tempo depois de terem sido ouvidas, são as que attrahem e empolgam a grande maioria dos ouvintes. Por meio do radio os povos de todo o mundo estão travando conhecimento com a musica popular de muitos paizes.

Um dos compositores que deram ao povo dos Estados Unidos da America, duas gerações atraz, a musica mais popular naquelle paiz, vae ser honrado com a construcção de um edificio commemorativo, em Pittsburgh, sua cidade natal. Esse talentoso compositor de canções foi Stephen Collins Foster, de quem disse John Philip Sousa, maestro de banda e compositor de marchas internacionalmente conhecido: "As melodias de Foster perdurarão emquanto o coração humano estiver afinado para apreciar pensamentos de

(*Cont. na pag. seguinte*)

MUSICA DAS AMERICAS

(Continuação)

amor e de patriotismo." Diz-se que uma das canções de Foster, denominada *Old Folks at Home*, tem tido maior circulação do que qualquer outra canção jamais publicada.

Conhecendo o interesse mundial que tem sido revelado pela musica de Foster, o norte-americano Josiah K. Lilly, de Indianopolis, Estado de Indiana, como grande apreciador que é dessas canções fez construir, nos suburbios septentrionaes dessa pittoresca cidade, uma pequena casa de granito com telhado de ardosia, cercado de bosques, pomares e jardins, ao qual deu o nome de *Foster Hall*, em honra do maior e mais estimado compositor de lindas melodias que jamais existiu nos Estados Unidos. Dentro da casa encontra-se uma collecção completa da correspondencia, manuscriptos e livros de canções originaes de Foster, assim como de folhetos, revistas e jornaes contendo noticias referentes ao festejado creador de canções populares.

O sr. Lilly tambem deu começo a uma busca em todo o paiz, não somente para encontrar composições de Foster, mas tambem objectos usados por elle durante a sua vida. Essa busca ainda continúa, particularmente em relação a exemplares das primeiras edições de cerca de vinte e cinco composições que se sabe terem sido escriptas por Foster, mas que ainda não estão representadas nos archivos de *Foster Hall*. O sr. Lilly promptifica-se a pagar de cincoenta a duzentos dollares por um exemplar de cada uma dessas edições, esperando, mercê do interesse creado em todo o paiz relativamente ao seu esforço, addicionar muitos dos numeros que faltam á sua collecção já bastante numerosa. Mil collecções de reproducções das duzentas primeiras edições das composições de Foster, descobertas mediante pesquizas de Foster Hall, serão distribuidas entre bibliothecas de todo o mundo.

Desejando tornar conhecida dos povos das demais Republicas americanas essa musica popular, verdadeiramente

unica, dos Estados Unidos, o sr. Lilly contratou o sr. Luiz Guzman, nascido na Colombia e membro da famosa Banda dos Fusileiros Navaes dos Estados Unidos, para fazer um arranjo especial de dezeseis numeros escolhidos para mostrar a variedade e themas das creações de Foster. O arranjo referido está sendo preparado para banda militar completa, com instrumentação empregada na America Latina.

A União Pan-Americana foi solicitada a collaborar nesse trabalho, obtendo os nomes das bandas e dirigentes de bandas existentes nos paizes da America Latina, e encarregando-se da distribuição dos numeros que fôrem publicados. Esse arranjo para banda será offerecido a cada banda existente nas Republicas latino-Americanas que deseje recebêl-o, esperando-se que a audição dessas musicas corrija a impressão de que a musica nacional dos Estados Unidos da America é do typo popularmente chamado *Jazz*.

A União-Americana em Washington vem offerecendo, ha varios annos, sob os seus proprios auspicios, concertos cujos programmas comprehendem exclusivamente composições de latino-americanos. Até agora já fôram dados sessenta e oito concertos desse typo, sendo todos elles irradiados por uma cadeia de estações radiotelephonicas estendendo-se a todo o territorio dos Estados Unidos, sendo tambem recebidos em varios paizes da America Latina por meio de ondas curtas

MUSICA DAS AMERICAS

(Continuação)

transmittidas de Schenectady, Estado de Nova York, e de Pittsburgh, Estado de Pensylvania, e retransmittidas como programmas locaes.

A musica da America Latina tem-se tornado muito popular nos Estados Unidos. O publico apreciador de musica já reconheceu o elevado desenvolvimento da consciencia tonal desses compositores, que recebem em geral a sua inspiração de scenas do respectivo paiz nativo e dos impulsos vitaes do seu povo.

A União Pan-Americana tambem conseguiu obter a designação de cinco canaes de irradiação de ondas curtas inteiramente livres, um em cada uma das cinco faixas de irradiação internacional, para uso exclusivo dos paizes membros da União, e espera-se que brevemente cada um desses paizes installará um transmissor de ondas curtas, contribuindo desse modo para levar a cada um dos paizes que constituem a União Pan-Americana a "musica das Americas".

O QUE AS MULHERES BONITAS DIZEM DE LEITE DE ROSAS...

Snra. Maria Olenewa, professora da Escola de Bailados do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, ex-primeira bailarina da inesquecivel Pavlova, figura de grande projecção nos nossos meios de cultura artística.

Com sua incontestável autoridade no assumpto e com o suggestivo exemplo de sua própria belleza, a notável artista, em expressivo autographo e numa de suas mais lindas attitudes, proclama as maravilhosas virtudes de **LEITE DE ROSAS** (formula scientifica de K. Palhano) nos delicados e modernos cuidados de protecção e embellezamento da cutis.

Realmente, onde quer que se desnude uma silhueta de mulher bonita — seja no deslumbramento do palco, no fulgor dos grandes salões, no descuido natural das praias de banho ou no negligé da alcova discreta — é o uso de **LEITE DE ROSAS** que põe sempre a nota de sensação: «a mulher adquire um modo differente de ser bonita e um poder maior de seducção!» E é

Muito interessante é ler-se com attenção a bula e prospecto que acompanham os vidros para conhecer-se todos os segredos do seu uso. E' isso, pelo menos, o que recommendam os clinicos especializados no assumpto e o proprio Laboratorio, á rua Ypiranga, 51 (phone 5-3055) nas «amostras gratis» que distribue.

Segundo o eloquente depoimento da snra. Olenewa, para limpar e embellezar a cutis nada ha comparavel a **LEITE DE ROSAS**: «DE EFFEITO RAPIDO E PERFUME DELICIOSO, USAL-O E' UM PRAZER!...»

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 4

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1934

Quando a loucura vem perto...

VOCÊ, Colombina, está resolvida a enlouquecer no Carnaval. A enlouquecer de amor pelos Arlequins que souberem comprehender o sentido da sua alegria de mulher triste. Colombina! O Carnaval bate á porta do seu coração. O rei delirante já se annuncia nas musicas brasileiras de Joubert de Carvalho e João de Barros. Elle ahi vem, como todos os annos, envolvente e inquieto com os seus guizos tilintantes e as suas vestes polychromicas. Vem devagar, como quem não quer vir. Devagar e manhoso como os homens que não gostam delle... emquanto elle não chega...

As vitrines já se apresentam cheias de tudo o que fascina e excita o enthusiasmo carioca: fantasias vistosas, mascaras exóticas, serpentinas, lança-perfume e outros artigos mais ou menos ephemeros como a illusão do Carnaval.

Vejo, na rua, figuras esguias de palhaços improvisados, que começam a botar as mangas de fóra e a mostrar os dentes alvos ás saias itinerantes... E sinto, na rua, um cheirinho bom de liberdade, capaz de virar a cabeça do mais austero philosopho.

Carnaval... Os trez dias ineffaveis já se approximam com todos os seus encantos tumultuosos, a que ninguem póde resistir. Ninguem que seja feito de carne e já tenha experimentado o gostinho agri-doce do peccado. Meu burel de homem sério está mudando de côr. O contágio festivo da alegria está tingindo de vermelho o meu burel. Já não sou o mesmo camarada timido e moderado do resto do anno. Transfiguro-me no tumulto dos preparativos para a grande festa da sensibilidade tropical. Visto o meu disfarce de Arlequim, só para fingir que sei enganar. E tambem para esperál-a, Colombina...

Venha depressa, Colombina, antes que chegue o Carnaval! Você não vê como a cidade ri nesta vespera de coisas sérias?... Enlouqueça desde já, Colombina, e não tenha médo de perder o juizo no meio da loucura geral.

Ainda hontem os seus olhos doces me disseram que a felicidade é um minuto de amor. E o amor, Colombina, é o Carnaval, que você espera pensando nos excessos permittidos pela embriaguez dos sentidos. O Carnaval sabe mudar até o temperamento das mulheres descrentes como você, Colombina. O Carnaval é um genio sem cabeça...

Colombina! Seu Arlequim mandou fazer uma fantasia da côr dos seus olhos indefinidos, para poder enfrentar e vencer o desejo dos outros Arlequins.

Colombina! Não quero que você *reparta esse amor*, como a sua irmã da marcha carnavalesca... Quero-o só para mim... Só para mim, Colombina!...

Martins Capistrano

CONFIDENCIA

Você surgiu na minha vida para illuminar as sombras inquietas em que se debatia a esperança do meu amôr. Você surgiu na minha vida para avivar illusões e crear novos sonhos de felicidade.

Naquella noite do nosso primeiro encontro, numa festa de carnaval, eu senti, vendo-lhe os olhos pequeninos e formosos, a mais doce fascinação mudando o rythmo do meu destino. E, desde então, emocionado e intranquillo como a propria chamma do amôr, fiquei esperando que você, minha irmã de temperamento e sensibilidade, viesse dizer-me uma palavra apenas, com que eu pudesse completar a ventura de a ter, um dia, conhecido. A mesma palavra banal que os meus olhos não cessavam de repetir para os seus olhos: «Amo-te!»

Durante tanto tempo, eu gostei de você em silencio, beijando-a com o meu coração transbordante de affecto e desejando, ardentemente, que você comprehendesse o sentido da minha ternura.

Agora, que a vejo mais perto de mim, só não me julgo totalmente feliz, porque ainda falta, ao meu amôr, ao nosso amôr, querida, a confiança, que você não quer ter, no ultimo coração que se emmaranhou irremediavelmente, na teia imponderavel dos seus encantos de mulher bonita...

Mauro

O Tijuca Tennis Club offereceu á imprensa carioca a «soirée»-dançante carnavalesca que domingo passado se realizou em sua linda séde colonial da rua Conde de Bomfim. E foi uma festa que deixou saudade a muito jornalista que lá esteve, attendendo ao convite gentil da directoria do gremio cajuty. Animada. Simples. Encantadora. Uma reunião de alegria. Bem carioca. Bem tijucana. Esta pagina focaliza alguns detalhes da noite carnavalesca do dia 21, no Tijuca Tennis Club.

feira de vaidades

CONCURSO DE MAILLOTS

AMANHÃ, domingo, na bella terrasse do Lido, no posto 2, em Copacabana, pelas 11 horas da manhã, vae realizar-se o annunciado concurso de maillots, que FON-FON e o Lido promovem, como animação da season de 1934, na mais bonita e aristocratica praia do Rio de Janeiro.

* * *

Continuam abertas até ás 24 horas de hoje as inscripções dos concurrentes, as quaes poderão ser feitas no proprio Lido, só se admittindo, entretanto, concurrentes femininos.

* * *

O desfile dos concurrentes será feito na terrasse do Lido, de modo que o publico possa apreciál-o, sem os atropêllos communs a essas reuniões quando realizadas na praia.

* * *

Compõem o jury os srs. Henrique Pongetti, Waldemar Bandeira, Victor de Carvalho, cabendo a presidencia do mesmo ao dr. Herbert Moses, com a presença do dr. Lourival Fontes, presidente do Conselho de Turismo da Prefeitura.

* * *

Lindos e custosos brindes fôram offerecidos por importantes e conceituados estabelecimentos desta praça aos cinco concurrentes primeiro collocados. Essas casas, todas de primeira ordem, são as seguintes: Casa Hermanny, rua Gonçalves dias, 50 offerece um rico estojo de costura, S. A. de Viagens Internacionaes, á Av. Rio Branco, 21, uma barraca de praia; a Fabrica de Roupas de Banho Galliazzi, á Rua Aristides Lobo, 144, um maillot e capa, modelo especial da fabrica; a Perfumaria Moderna, á R. da Assembléa, 78, um estojo completo deperfume "Lorien", creação da casa; Laboratorio Leite de Rosas, um estojo do afamado producto Leite de Rosas e Agua de Colonia Tuá; os srs. Baptista, Fonseca & Cia. á Rua Uruguayana, 38, um espelho de "toilette" encravado em prata, e a Casa Simões, Rua Aristoff 5 e 7, uma touca, um cinto e um par de sapatos, artigos esses para banho.

* * *

Terminado o julgamento, haverá, no Lido um almoço dançante, para o qual se reservam mesas, constituindo essa reunião uma novidade para o Rio. Não ha augmento de preços, nem é paga a reserva das mesas.

* * *

Alem de varias inscripções, espera-se que, de accordo com as suggestões do illustre escriptor Henrique Pongetti, feitas no Globo, algumas casas de modas desta capital façam o desfile de modelos vivos, que FON-FON colherá para enriquecimento da sua reportagem photographica.

FALTA DE SOMBRA

RELENDO, outro dia, o excellente livro de Luiz Guimarães sobre a Hollanda, tomei nota da passagem, em que esse escriptor refere que, naquelle pittoresco paiz, o sol é mercadoria de luxo.

Conta, a proposito, que na praia de Scheveningen, a vinte minutos de Haya, a Prefeitura cobra 6$000 por um banho de sol.

Quem deseje occupar o logarzinho na areia e aproveitar-se dos raios infra-vermelhos, por exemplo, que se encontram na luz solar, tem de pagar um florim e meio, como contribuição orçamentaria para a receita publica...

Luiz Guimarães observa, então, que no Rio é justamente o contrario. Na verdade, nestes dias de calor asphixiante, a gente lamenta a falta de sombra de que tanto se resente a cidade.

Não temos jardins, não temos parques, não temos um refugio. Só nos resta hoje a Quinta da Bôa Vista, mas isto mesmo longe, afastada, como as florestas da Tijuca ou do Sylvestre...

O Passeio Publico vae, dia a dia, ficando menor, sem um attractivo, sem um bar, sem nada.

E' no coração da urbs ha bem poucas arvores, sem nenhuma sombra.

Era o caso, como bem diz o escriptor da "Hollanda", da Prefeitura crear, no Rio, uma contribuição orçamentaria por alguns palmos de sombra...

LUCIANO

PRAIA DO FLAMENGO

ESTA' annunciado para o dia 4 de fevereiro proximo um banho de mar a fantasia, no Flamengo. A' noite, haverá batalha de confetti. Um programma animado. Um dia de festa completo.

O Flamengo é das praias cariocas a mais catita. Uma nesga de praia, apenas, meio escondida, que o turista namora de perto, sem os vidros de augmento dos binoculos.

* * *

O Flamengo tem os seus enthusiastas ardorosos. Enfileiram-se na praia, dando guarda de honra, com um garbo verdadeiramente marcial. Admiro-os na sua constancia, exaltando a bonita praia, que tem o privilegio das nayades mais gentis deste pittoresco e civilizado littoral...

* * *

Vae ser, na verdade, um dia cheio para o Flamengo o proximo domingo, 4 de fevereiro. Ha um desusado movimento em torno das festas annunciadas. Desde cedo, o banho de mar attrahirá a multidão dos seus habitués. E a nota carnavalesca das fantasias dará á praia uma impressão de colorido e de decorativo inesquecivel.

* * *

A' noite, os passeios da Avenida Beira Mar formigarão. Bandas de musica. A barulhada infernal dos carnavalescos. E o espectaculo de um footing allucinante, ao som de pandeiros e reco-recos. Avenida em fóra, sob as alamedas, como se toda a multidão tivesse enlouquecido de alegria...

LUCIANO

O BAILE DE CARNAVAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

A sociedade carioca vae comparecer, hoje, ao Theatro João Caetano, para prestigiar o baile carnavalesco da Associação dos Artistas Brasileiros.

A grande noite, que se approxima, entre ansiosas espectativas, marcará decerto um acontecimento ruidoso nas altas rodas metropolitanas.

Houve um cuidado extremo da parte dos promotores do baile desta noite em dar á festa dos Artistas Brasileiros um caracter de novidade acima de todas as previsões optimistas.

O Theatro João Caetano foi adaptado com fino gosto aos fins do programma dançante, apresentando uma bella e suggestiva decoração de Monteiro Filho.

Com esse grande baile, a sociedade do Rio faz a sua primeira causérie com S. Majestade, o Rio Momo, chefe do governo discricionario dessa deliciosa Republica carioca dos 3 dias...

TIJUCA TENNIS CLUB

PARA homenagear os chronistas sociaes e sportivos e os photographos da imprensa carioca, o Tijuca Tennis Club promoveu, no ultimo sabbado, uma *soirée* brilhantissima.

Foi uma festa com caracter carnavalesco, durante a qual a directoria do prestigioso club fez sortear tres custosos brindes entre os jornalistas homenageados.

O Tijuca estava numa de suas grandes noites. A elegantissima séde da querida entidade tijucana apresentava o aspecto de uma reunião excepcional, pelo seu *chic* e por sua impeccavel distincção.

* * *

A concurrencia á festa do Tijuca foi enorme. Seria, pois, impossivel registrar a presença de todo o mundo feminino, que lá compareceu. Comtudo, pude ver: Senhoras: Amaral Nogueira, Martins Capistrano, Oswaldo Barbosa, Oswaldo Rosado, Joaquim de Queiroz, Heitor Beltrão, Ilka Palhares, Pedro de Figueiredo, Alberto Cassiano de Assis, Alvaro Baptista, Raul Penna Firme, Leonam Moniz Ribeiro, Renan Reis, Marques Porto e Americo Lopes. Senhoritas: Rachel Beltrão, Maria José Machado, Laura Flores, Lourdes Carneiro, Lucia Sardinha, Léa Stamile Gonçalves, Maria Cortez, Lourdes Moreira, Neuza Tonelli Mendonça, Ivette de Andrade, Marina Neves, Maria José Fonseca e Silva, Helena Fonseca e Silva, Amelia Fonseca e Silva, Elza Zambelli, Marina Lessa e Didi Ferreira.

SOCIEDADE ELEGANTE

FOI uma cerimonia altamente elegante a do casamento do doutor Annibal Nelson Machado com a gentilissima senhorita Maria Luiza Ramos de Castro, celebrada ás 17 horas do dia 15 do corrente, no altar-mór da igreja de S. José

Os noivos pertencem a duas distinctissimas familias do *grand monde* carioca, tendo sido a solemnidade nupcial um motivo para as mais significativas demonstrações de carinho e apreço da alta sociedade.

Ao coronel Hamilcar Machado e á excellentissima senhora, dona Alice Nelson Machado, paes do noivo, como ao senhor Vital Ramos de Castro e dona Maria da Gloria Moura de Castro, genitores da noiva, fôram tributadas grandes homenagens da congratulações.

PRAIA DO FLAMENGO

A despeito dos dias chuvosos, o Flamengo continúa a brilhar na sua nesga de praia animada e bonita, nas suas horas de *footing*, cheias de graça e seducção.

As conversas, nos grupos, dizem respeito á annunciada batalha de confetti e ao banho de mar a fantasia, que se realizarão no proximo dia 4 de fevereiro.

Os enthusiastas do Flamengo estão a postos. E' de esperar-se, pois, um grande dia de festa, na linda praia que é a primeira namorada do turista...

PELA MATRIZ DE S. PAULO, EM COPACABANA

A vasta e sympathica *terrasse* do bar Berri, em Copacabana, encheu-se no ultimo domingo para um chá em beneficio das obras da matriz de S. Paulo, em construcção naquelle elegante bairro residencial e de veraneio, como já é chic dizer-se, em pleno esplendor da season de 1934.

Fazia uma tarde scenographica. A marinha defronte convidava a sonhar. A nota humana palpitante e irresistivel era dada pela gentilissima multidão de concurrentes á reunião de fins religiosos tão simples e encantadores.

* * *

Patrocinaram o chá, as senhoras Felix Pacheco, condessa Paes Leme, Pedro Ernesto, Antonio Carlos, Jayme Chermont, Honorato Alves, Jorge Gouvêa, José Graça Couto, Haroldo Graça Couto,, Luiz Hermanny, Vergne de Abreu, Emilio Niemeyer e viuva Eugenia Torres de Oliveira.

Concorreram para o maior brilho do chá em beneficio da matriz de S. Paulo as senhoritas Solange Sá Pereira, Carmem Lydia e Elza Kastrup, Maria Helena e Maria Thereza Ipanema Moreira, Lou Moreira Santos, Lia Silva Jardim Aida Baptista, Maria da Gloria Ribeiro França, Stella e Santa Mendonça, Vera Amaral, Marina Medeiros, Flavita e Chiquita Martins, Victorina Baptista, Laura Tonray, Margarida e Mercedes Torres de Oliveira, Isar, Lilian e Sylvia Moura Brasil do Amaral, Stellinha Vergne de Abreu, Maria Izabel e Nena Belford Vieira Parentinos, Vera Reis Costa, Marina Medeiros, Ignezita e Martha Felix Pacheco, Maria Cunha, Livia Rechteiner, Darsy e Genysa Carvalho, Maria e Celina Gomensoro, etc., etc.

UMA FESTA DA "GUARDA ALVI-NEGRO"...

A elegante séde colonial do Botafogo, onde tantas reuniões de bom gosto se realizam, acolheu uma distincta sociedade para celebrar a festa de "Guarda Alvi-Negro", como um dos mais gostosos appetitivos do Carnaval.

Não preciso encarecer o exito da reunião. Mas, devo resaltar a animação e a esfuziante alegria, que reinaram na bonita séde do sympathico Club, cujas linhas architectonicas guardam a severa distincção de um estylo, que bem poderia ser chamado de brasileiro.

* * *

Os salões do Botafogo apresentavam, entre outros, os seguintes nomes: Stella e Elza Hess de Mello, Djandira Pinheiro, Laura Assis, Zaide Vieira, Morella Viola, Sylvia Freitas Rosa, Maria Victoria Mesquita, Ema de Carvalho, Margarida Santiago, Lucilla Bertulli, Ema Freire, Thomader Saalhades, Rosa Peosnar, etc.

JANTAR DANÇANTE, NO LIDO

UM successo integral. Os jantares dançantes do Lido têm marcado um exito de sensação, deixando antever para o Carnaval quatro noites maravilhosas.

Ainda no ultimo domingo, registrei a presença, entre outras figuras representativas, das seguintes pessôas: senhor e senhora Izen de Almeida, embaixador e embaixatriz Cavalcanti de Lacerda, senhor e senhora Luiz Bastos de Oliveira, senhor e senhora Jorge Gomes de Mattos, interventor Lima Cavalcanti, senhoritas Lourdes Nelson Machado e Elza Pacheco, senhoras Bertha Pinto de Moraes e Araci Povina Cavalcanti, senhor e senhora Marcos Inglez de Souza, senhora Siqueira Fritz, senhor e senhora F. da Costa Pinto, senhora J. da Costa Pinto, senhor e senhora Claudio de Andrade, senhor e senhora Malvan Leão, senhor e senhora J. Sallier, ministro da Hungria e senhora Haydlin, senhorita Olga Bergamini de Sá, senhoritas Lucia e Ernestina Lobo, senhor e senhora Juvenal Murtinho Nobre, senhor e senhora Bica de Almeida, senhor e senhora Oswaldo Rangel, senhor e senhora Oscar Rodrigues Alves, senhorita Rodrigues Alves, senhorita Lucilla Noronha, senhoritas Eloisa e Vera T. de Oliveira, senhorita Marine Alves, senhor e senhora J. Alves Filho, senhora Clementino Lisbôa, senhor e senhora Cte. Ararigboia, senhora Santos Dumont, senhor, senhora e senhoritas F. Burlamaqui, senhorita Nair Quintella, senhor e senhora Rubens de Mello, senhoritas J. Rangel, M. Carolina Palmeira, Luiza Palmeira, Yolanda Burlamaqui, senhor e senhora Plinio Uchôa, senhor e senhora M. Aragão, senhor e senhora Eurico Fontenelle, senhor e senhora Oyama Rios, senhor e senhora Heitor Motta, senhor e senhora Monteiro de Castro, senhor e senhora Angelo Orazi, senhoritas Zuleika Vasconcellos, Oliveira Castro, senhora Rodrigues Lima, senhor e senhora Luiz Machado Guimarães, senhor e senhora Hargreaves, senhor e senhora Ricardo Xavier da Silveira, senhor e senhora Machado Guimarães, senhor e senhora Milanez, senhorita Vera Araripe, etc., etc.

O CARNAVAL NO AUTOMOVEL CLUB

DENTRE os grandes bailes annunciados para o Carnaval, fala-se muito e com altissimo enthusiasmo no do Automovel Club do Brasil, promovido pelo Centro de Iniciativas do Carnaval, a realizar-se na segunda-feira do memoravel triduo.

A falta, este anno, do baile official da Prefeitura justifica a extraordinaria curiosidade, que a noite de gala da segunda-feira nos tradicionaes salões do aristocratico Club da rua do Passeio, tem provocado nas mais distinctas rodas da élite social carioca.

Em verdade, tudo indica que esse baile comsiga realizar a great attraction do Carnaval de 1934, já por serem famosas as tradições do palacio do antigo Club dos Diarios, já por se terem inscripto, entre os enthusiastas da brilhantissima noite carnavalesca, os elementos de maior destaque nas altas espheras do mundanismo metropolitano.

Segundo se diz, esse baile será verdadeiramente excepcional. Um legitimo baile de gala vibrante de novidade, com o prestigio singular de uma festa puramente aristocratica. São, realmente, de relevo social marcado todos os nomes, que têm a seu cargo a realização da festa de Momo no Automovel Club.

Tudo faz crer, portanto, que o programma, dessa noite seja cumprido á risca, proporcionando dest'arte á fina concurrencia uma opportunidade para sahir do ramerrão dos bailes congeneres, sempre, invariavelmente, os mesmos...

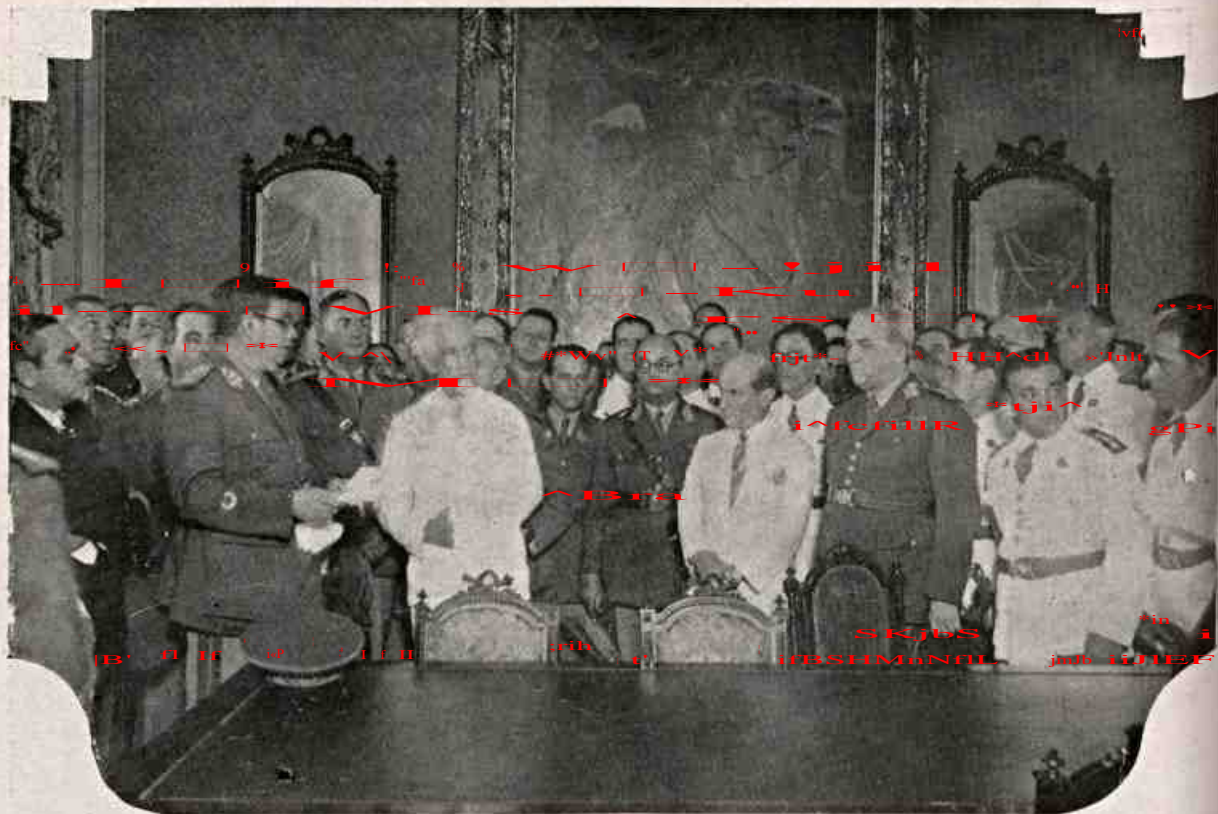
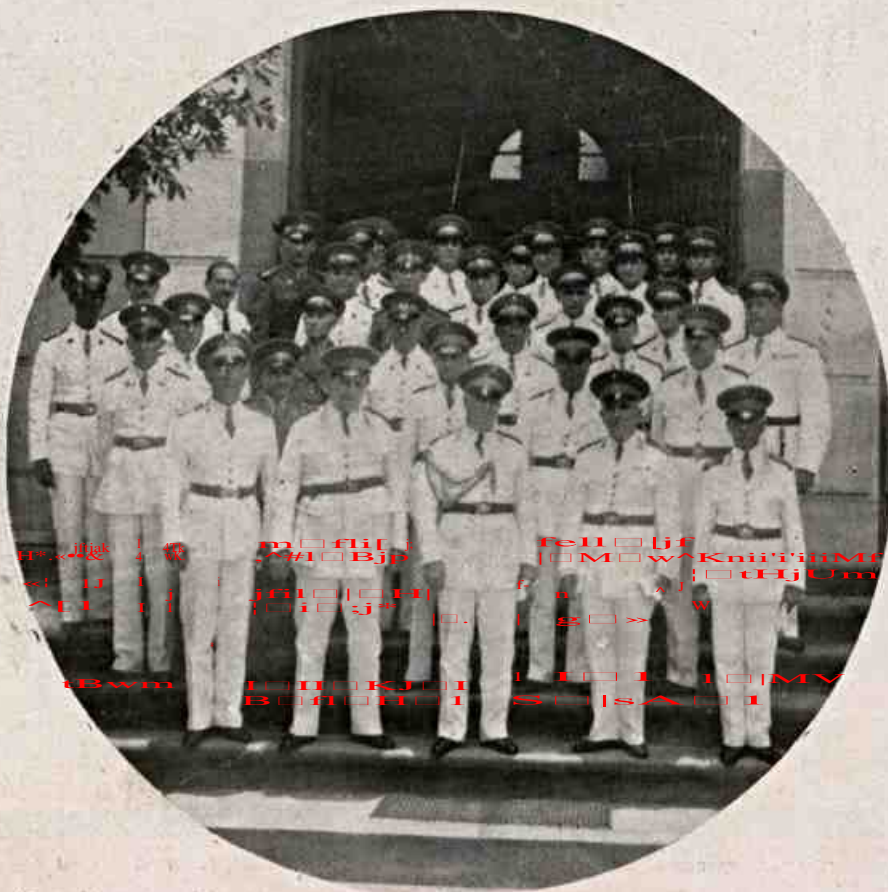
Que os foliões se preparem, pois, com os seus thesouros de bom-humor para dar ao Carnaval, no Automovel Club, um caracter absolutamente nôvo na chronica carioca de Momo...

LUCIANO

Não ha tempo a perder... O folião legitimo, aquelle que é capaz de metter a alma no penhor, para adquirir uma «fantasia», encontrará, nesta pagina, um «completo sortimento» de modelos. Qualquer que seja a escolha, esta nada deixará a desejar. Mãos á obra, pois! Momo não tarda a chegar. A postos, carnavalescos! Foliões, escolhei a vossa «fantasia»...

Robe du soir en velours. La doublure apparente est en satin rose.

CREAÇÕES JEAN PATOU

(Photo especial para FON-FON).

O recente acto do chefe do governo provisorio da Republica, dr. Getulio Vargas, nomeando para o alto posto de ministro da guerra o general Pedro Aurelio Góes Monteiro, teve a mais larga repercussão em todo o paiz. Figura de accentuada projecção e legitimo prestigio no scenario actual da nossa vida publica, o novo titular da pasta da Guerra é um authentico soldado, uma expressão de valor do Exercito brasileiro, em cujo seio desfructa de grande sympathia. Por isso mesmo, a posse do digno substituto do general Espirito Santo Cardoso, realizada, na ultima segunda-feira, no Ministerio da Guerra, revestiu-se de muito brilhantismo, attrahindo ao Quartel-General da Praça da Republica avultado numero de officiaes de terra e mar e de civis, amigos e admiradores do novo titular. Nossa gravura focaliza um aspecto da cerimonia da posse do general Góes Monteiro, colhido na occasião em que s. ex. pronunciava o seu discurso, exaltando a obra do seu illustre antecessor e traçando as principaes directrizes de sua acção na pasta da Guerra.

No quartel do 2.º Regimento de Infantaria, na Villa Militar, realizaram-se domingo passado varias solennidades commemorativas do anniversario daquella briosa unidade do Exercito. Iniciou o programma de festas uma demonstração sportiva, em que tomaram parte officiaes e praças do 2.º R. I. A seguir, o commando do Regimento offereceu um almoço ás altas autoridades militares e civis especialmente convidadas para as solennidades. A' tarde, houve um chá dançante no Casino dos officiaes. O nosso «cliché» focaliza um grupo tomado após o almoço, vendo-se o general Góes Monteiro, ministro da Guerra, entre outras altas patentes do Exercito.

MANCHA de LUZ...

Copacabana. Manhã. Luz. Muita luz!

Na praia clara e macia recortam-se silhuetas de banhistas...

Figuras ageis, figuras toscas deslisam... Evocações de marmores gregos... Fórmas pesadas de bonzos da China...

Sorvem todos a alegria do mar, o sal do mar, o iodo do mar...

Sob a amendoeira verde, haure-se o ouro do dia, o verde azul da paizagem. Uma infinita harmonia encanta o scenario da praia deslumbrante!

Dentro da decoração sumptuosa da hora de gloria, ao sortilegio do instante que passa — a que elevo a supplica de Fausto: "Fica, porque és a Belleza!" — o espirito força as correntes da ansia que o solda á tortura de crear maravilhas... E se torce e se contorce á expressão de uma sonata onde côres, sons e perfumes se confundissem numa dança chromatica — uma dança que fosse uma prece... A gloria da vida para os olhos, o ouvido, o olfacto, o gosto, e o tacto...

Seu vulto branco sob a amendoeira verde é o romance que não foi escripto, o dynamo da Alegria, a fonte de crystal onde se mira o Narciso da Dôr...

Ella derrama sobre a paizagem marinha a melancolia de suas pupillas que vieram da magua e do exilio...

Por fim, distrahida, crava suas pupillas de ouro nos olhos de alguem em que a alegria e a dôr depositaram seu beijo de volupia... E esses olhos desconhecidos recitam á alma branca do seu encanto:

"Somos as pyras que se [accenderam para teu [culto!
Nascemos para a festa [de tua gloria!
Erguemo-nos para a li- [thurgia de tua pompa!
Somos o opio que te [dará o sonho maravi- lhoso que despertou a Bella Adormecida no [Bosque...
Somos a escada de Ja- [cob!
A Porta de Ouro des- [cerrada á tua pas- [sagem!
O horto onde, entre [perfumes e flores, re- [pousará tua fadiga que vem de tantas fa- [digas...
Somos a synthese das [syntheses!
O Miserere do Amor..."

Em torno, a paizagem transmuta-se á refracção da luz sobre as areias escaldantes... A agua canta uma canção sonora... No scenario glorioso recortam-se silhuetas ageis, silhuetas toscas... Vagas evocações de marmores gregos... fórmas pesadas de bonzos da China...

Eduardo Tourinho

Rendas de espuma

Mujer siete veces bella
que en el lago de mi
[mente,
reflejas, nitidamente,
tus titilares de estrella...

ESSES versos de Santiago Dallegri, o delicioso lyrico chileno, me fazem considerar que, no amor, o difficil é esquecer.

Ha, na realidade, criaturas que são como as estrellas. Estas, mesmo mortas, ha centenas de annos, na vastidão sideral, ainda illuminam o céu com o seu dolente clarão evocativo.

Ha mulheres assim: morrem para o coração desesperado. Mas ficam a illuminar-nos a saudade com a luz forte da sua imagem distante, com o fulgor da sua belleza estonteadora. E é por isso que sinto bem o lyrismo arrebatado de Santiago Dallegri...

Mujer siete veces bella
que en el lago de mi
[mente,
reflejas, nitidamente,
tus titilares de estrella...

* * *

Você, querida amiga, ha de comprehender, necessariamente, a razão por que não na esqueci, de todo.

De todo? Quasi direi — de modo algum. Porque, si vejo, na multidão apressada, a silhueta esgalga, leve, esvoaçante, de uma "modern girl",

ESQUECER

eu, de repente, me lembro de você, querida amiga... Si fujo para os recantos dos bairros, onde ha alamêdas longas, e rasgadas ao sol, ou ao luar, guarnecidas de canteiros de rosas, ou de renques de arvores, acolhedoras e tristes, logo me vem á imaginação dolorosa a evocação da sua mocidade esplendente. E si o crepusculo tomba, devagar, como si fosse immensa asa de sombra, que se partisse sobre a paizagem tranquilla, pensativa, eu me recordo daquellas nossas tardes de "tête-á-tête", de longas e lentas caminhadas, nas

Encarnando o papel de Violeta, no 2.º acto da «Traviata», levada á scena no theatro João Caetano, a senhorita Nadir Figueiredo, elemento de grande distincção na «élite» social carioca, obteve um expressivo e merecido successo. O espectaculo, em que se representou a famosa opera de Verdi, foi promovido pelo conhecido barytono Ernesto De Marco, tendo a talentosa patricia feito jús a calorosos applausos. Voz linda e bem educada, com um futuro promissor, radioso, conquistou merecidamente as palmas, que coroaram a sua estréa, perante a selecta assistencia do João Caetano, na noite de 30 de dezembro ultimo.

quaes eu me alegrava de fazer as confidencias mais graves da minha vida passional.

* * *

Eu juro que desejaria esquecel-a.

Ah! E fiz tudo para varrel-a da imaginação, como quem varresse o pó de ouro de uma illusão que se desfizesse no vazio de uma alma sem amor.

Fiz tudo.

Faço tudo para não me lembrar de você, querida amiga, que perdi para sempre...

Mas, hontem, — ainda hontem — com mais razão do que sempre — eu me recordei de você.

Um violino — um violino que era como aquelle seu, e era irmão daquelles exhaustos "Violini di Parigi" — das memorias de Guido da Verona — um violino melancolico foi quem me trouxe essa recordação dolorosa.

Dentro da noite erma, emquanto a sua imagem se reflectia "en el lago de mi mente", — como no verso de Santiago Dallegri — você viveu (ou reviveu?) para mim, durante alguns instantes, naquella *Reverie* desesperante, de Schumann.

* * *

Em amor, o que é difficil, querida amiga, — que perdi para sempre — não é deixar de amar — é esquecer...

Yves

a nova enquete de FON-FON

Os systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se foram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais accentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudosismo, o penumbrismo e outras formas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

AS RESPOSTAS DO JORNALISTA ASSIS CHATEAUBRIAND E DO ESCRIPTOR RIBEIRO COUTO

São Paulo, Junho de 1933.

Meu caro confrade e amigo.

Respondo, sua pergunta, que me chegou, só agora, ás mãos, dada a residencia que hoje tenho em São Paulo:

— Sim, vale a pena viver a vida; mas tão somente como expressão de aventura, de risco, de perigo constante.

A existencia tranquilla é a vida vegetativa das indoles incapazes de combater e de criar cousas interessantes. Só o homem mediocre aspira o repouso e a quietação.

Creia-me sempre seu dedicado,

Si vale a pena viver?

A essa pergunta tenho vontade de responder com todas as vozes e todos os gestos da minha constante alegria de estar presente. Estar presente ao minuto que passa, que perfeita maravilha!

Ter um corpo e ter uma alma.

Sentir, á flor dos sentidos e no claro mysterio da consciencia, todas as possibilidades do bem e do mal.

Ser o dono dessa incomparavel riqueza: escolher.

E pensar que se é um elo, pequenino, invisivel quasi, na cadeia infinita...

... Evidentemente. E-vi-den-te-men-te!

Assis Chateaubriand.   Ribeiro Couto

No proximo numero publicaremos as respostas de Abgar Renault e Leão de Vasconcellos, dois grandes espiritos da nova geração brasileira.

VITRINE DE MOMO

Outros originaes modelos de fantasias para o Carnaval offerecemos, nesta pagina dupla, ao bom gosto das leitoras foliãs. Modelos que, de certo, encontrarão preferencias no mundo galante que se diverte. Esta vitrine de Momo não custa nada ás amiguinhas de FON-FON, que encontrarão, ahi, suggestões alegres para um disfarce capaz de seduzir os olhos insatisfeitos de todos os Arlequins displicentes...

Alto-Falante

O dr. José de Paula Chaves collou grão em medicina com a turma de 1933 da Faculdade do Rio de Janeiro. Fez um curso brilhante, em que se distinguiu pela intelligencia e applicação aos estudos, tendo sido interno da Assistencia Municipal e da Casa de Saúde Dr. Eiras, onde realizou o mais efficiente tirocinio pratico. Depois de formado, o dr. José de Paula Chaves foi convidado para chefiar os serviços de pediatria do Instituto Clinico de Madureira.

MEU CARNAVAL...

E o carnaval?...

— Que tem o carnaval?

— Que tem? Então, pensas que, este anno, não me divertirei? Estás enganado! Hei de me divertir e muito. Uma farra completa, verás!

— Está certo. Eu porém, não te farei companhia. Passarei fóra do Rio os dias de carnaval...

— Não faltarão companhias...

— Bem o sei e estimo, mesmo, que tenhas um excellente carnaval... Eu é que já estou cansado de tudo isso... Enfastiado...

— Tambem de mim, talvez?...

— De tudo... Do todo o torturante e monotono carnaval da vida...

— Achas, então, que a vida é um carnaval?

— Se é! Eu, tu, todo mundo, que fazemos, senão afivellar ao rosto, durante toda a vida, a mascara com que disfarçamos o que sentimos, o que pensamos, o que somos, emfim, na realidade?

— Tu és assim? Serás assim como estás dizendo?

— Não o serás, tu, tambem?

— Não, não! Sinto que não o sou... E' é horrivel a desillusão que tenho de ti, agora! Confiava tanto... Julgava-te tão sincero...

— Tambem eu confiava tanto em ti... Julgava-te tão sincera e, sobretudo, tão differente das outras mulheres... E' doloroso e immenso o desencanto do sonho que me vinha fazendo sonhar a minha illusão no teu amor...

O dr. R. Pitanga Santos, assistente de Clinica Cirurgica da Universidade do Rio de Janeiro, é uma verdadeira notabilidade clinica, cujo renome ultrapassou, de ha muito, as nossas fronteiras, grangeando-lhe honrosas referencias dos seus confrades da Europa e da America. «Sobre o valôr da rectoscopia» é o titulo da interessante monographia com que acaba de enriquecer a literatura medica nacional, que já lhe deve tantos e tão valiosos trabalhos na especialidade a que se tem dedicado, desde longos annos.

— Querido... e se eu desistisse de brincar o carnaval? Se eu te confessasse, lealmente, que apenas estava brincando de carnaval comtigo?...

— Então eu tiraria a mascara que improvisei, neste momento, e restituiria á minha sempre querida Colombina, com todo o meu amor, o meu coração de Pierrot...

— Sem carnaval...

— Não; com carnaval...

— Como?

— Mas, queridinha, se tu és e sempre foste o lindo carnaval da minha vida! A minha alegria, a minha festa...

— Tua Colombina?...

— Sim; minha adorada Colombina...

— Sem disfarce, sem mascara, sem falsete...

— Lá isso não sei...

— Não? Ainda duvidas? Por que?

— Mas, meu amor, haverá mulher que seja sempre uma mulher, sempre a mesma mulher?

— Eu, então, sou mais de uma mulher, ou sou eu mesma?

— E's, tu mesma... Mas, como toda mulher é um complexo psychologico de varias mulheres...

— Completa...

— Tu és, ora a mulher que me ama com toda sua alma; ora a mulher que tem prazer em me torturar; ora a mulher que se fecha, se cala e se faz ponto de interrogação para mim, deante das suas attitudes de esphynge...

(Conclue na pag. 42)

O dr. Affonso Bandeira de Mello, director geral do Departamento Nacional do Trabalho, acaba de publicar um estudo notavel, subordinado ao titulo «Politica Commercial do Brasil». Antigo assessor technico da delegação do Brasil á Sociedade das Nações, onde soube conquistar sympathias pela cultura e brilho da intelligencia, sendo o nosso maior perito em assumptos referentes a legislação social, e autor deste trabalho continúa a contribuir, com a sua capacidade comprovada, para a defesa dos interesses brasileiros.

EVOCAÇÃO

QUANDO, AMANHÃ, Á NOITE,

EU PASSAR

PELA TUA CASA, MINHA AMIGA,

RELEMBRAREI A NOSSA HISTORIA ANTIGA.

NÃO MAIS TE VEREI,

NÃO MAIS VEREI OS TEUS OLHOS,

NÃO MAIS SENTIREI OS TEUS

PASSOS CAMINHAREM PARA MIM...

SÓ O SILENCIO E A AUSENCIA...

AS JANELLAS ESTARÃO CERRADAS

COMO OS OLHOS DE UM CEGO...

MAS AS VIDRAÇAS REPETIRÃO,

REFLECTINDO ESTRELLAS MUDAS

E DISTANTES, EM CÉUS

AZUES E PROFUNDOS,

A LUZ DO TEU OLHAR,

QUE SE APAGOU PARA MIM...

Livio Renault

A senhorita Carlota Andrade Gonçalves e o sr. Raphael Pinheiro, cujo enlace acaba de se realizar nesta capital.

Aspectos do casamento da senhorita Sylvia Mattos com o sr. Mario Padrão, tambem celebrado nesta capital.

ALTO-FALANTE

(conclusão)

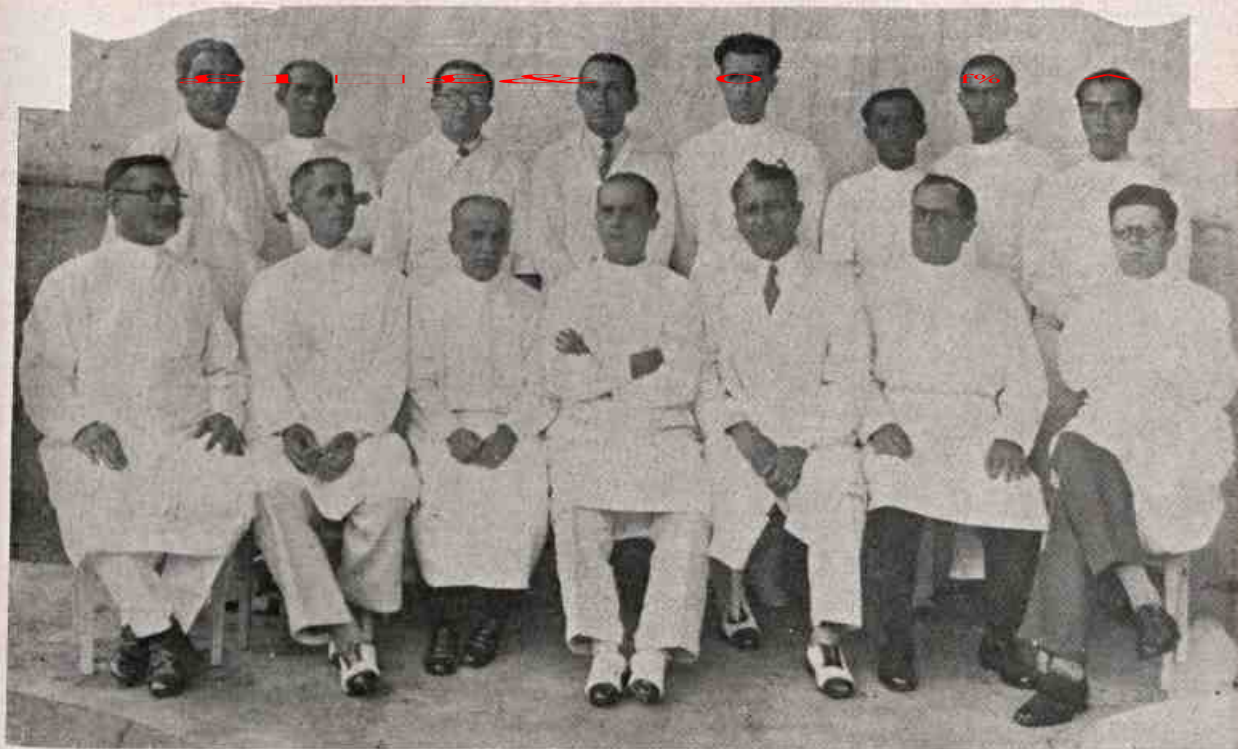
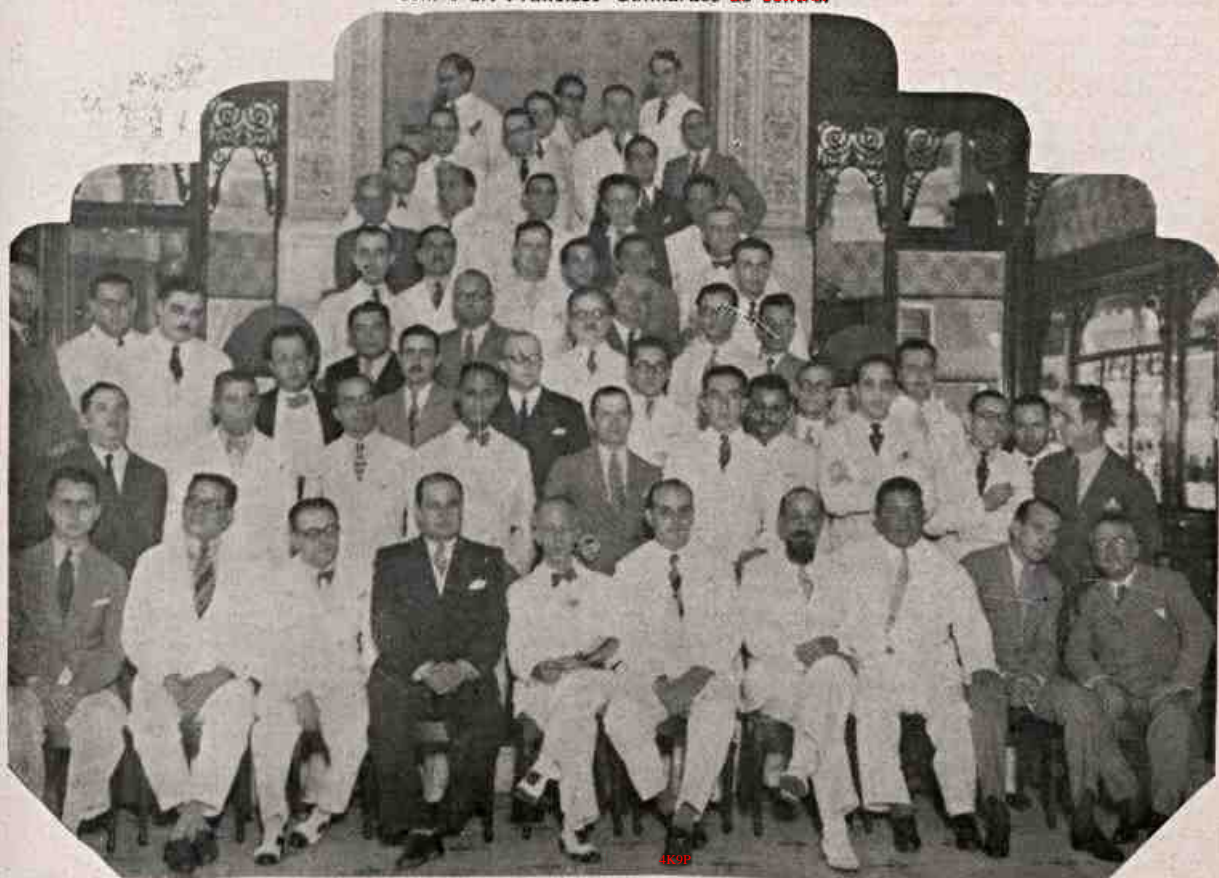
— Fazes-me rir, querido... No meio, porém, de todas essas almas da mulher, que sou eu, crê, meu mentiroso Pierrot, só ha uma verdadeira...

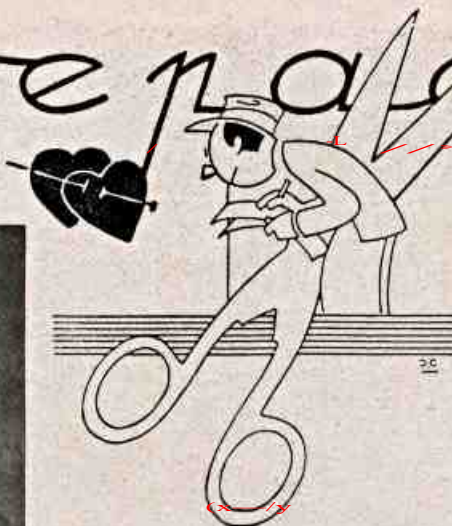
— Qual?

— A que é e sempre foi tua; a que te ama com toda sua alma e todo seu coração... Esta que te acaricia agora, feliz com esta scenazinha de carnaval... sentimental...

— Que é, querida, o carnaval mesmo da vida...

MAX LINDER

A senhorita Maria Luiza Tostes de Miranda Carvalho que se casou, em Juiz de Fóra, com o dr. Dilermando Cruz Filho.

O dr. Francisco Guimarães, illustre gynecologista patricio e figura destacada da nossa classe médica, que não se cansa de prestar beneficios á população carioca, acaba de crear o Serviço de Prompto Soccorro da Casa de Saúde que tem o nome do conhecido cirurgião. Não é preciso salientar a importancia da iniciativa, digna de todos os applausos, sobretudo da parte dos jornalistas, beneficiados gratuitamente, conforme deliberação da directoria da Casa de Saúde Dr. Francisco Guimarães, pelo novo Serviço de Prompto Soccorro cujo corpo médico apparece na gravura, com o dr. Francisco Guimarães ao centro.

O jornalista argentino Roberto Dupuy de Lome Moreno, que durante alguns annos dirigiu nesta capital a succursal de «La Prensa», e agora vae deixar o Brasil, de regresso ao seu paiz, foi, por motivo de sua proxima partida para Buenos-Aires, expressivamente homenageado pelos seus confrades brasileiros, que sabbado ultimo lhe offereceram um almoço ao mesmo tempo de despedida e de reconhecimento pelo seu largo trabalho em prol da obra de intensificação da amizade argentino-brasileira.

Trepações

«Contos Fantasticos» é o titulo do ultimo livro de Rachel Prado, que o escreveu para as crianças brasileiras cujo espirito ainda se detém, deslumbrado, no mundo azul da illusão. Dezenove historias impossiveis para quem não acredita mais na «Branca de Neve», na «Gata Borralheira» e outras lendas tecidas pelas mãos subtis da imaginação humana. Rachel Prado, que é uma figura prestigiosa dos nossos circulos sociaes e literarios, está conquistando um brilhante successo com os seus «Contos Fantasticos», livro simples e bom para a sensibilidaed infantil.

POSTO *chic*, na hora gostosa do banho de mar. Abarracados, fugindo aos rigores do sol, elle e ella palestravam animadamente, talvez fazendo projectos para os dias do carnaval proximo. Ou, quem sabe?, commentavam o nudismo das praias, os *potins* da areia, os casos sentimentaes alimentados ao sabor das ondas do mar.... Assumpto agradavel, sem duvida, porque ambos sorriam a cada passo, muito felizes, como dois passaros soltos.

Mas, repentinamente, transformou-se o quadro. Parece que o cavalheiro não podia estar tão á vontade, com uma dama ao lado, porque surgiu um automovel mysterioso, delle saltou uma silhueta esbelta, que, atirando-se ao casal, estabeleceu na praia uma grande confusão. Elle era o visado pela furia de *madame*, e, para não ser amarrotado por um pedaço de cano de borracha, manejado pelas mãos nervosas da visitante inesperada, julgou de melhor aviso fugir, sob a hilaridade dos presentes. Scena rapida, que a todos surprehendeu, e que maior espanto causou quando *madame*, ainda no auge do nervosismo, procurava, com o mesmo cano, damnificar o automovel, que, afinal, era materia bruta, que nada tinha com o caso. E, quando os banhistas se preparavam para participar do *brinquedo*, os personagens mysteriosos, isto é, elle, ella e a outra, desappareceram como por encanto. Uma nota inédita, de um *chic* espantoso, que bolíu com a curiosidade da assistencia.

A linda morena arranjou mais um noivo, e desta vez diz que é *p'ra casar*...

Têm sido tantos os noivos que apparecem e desapparecem, que até ella já perdeu a conta. O facto intriga, pois as amiguinhas da linda morena não acham explicação para o mesmo. Não sabem si o defeito é da pequena ou si dos noivos que ella arranja. Mas, que existe roupa na corda, lá isto existe...

Emfim, vamos vêr como as coisas correm desta vez.

Pelo menos, um noivo, na época do carnaval, é sempre um bom negocio... Automovel para os *corsos*, bilhetes de entrada para os grandes bailes, etc, tudo garantido, na cérta. Depois que passar o carnaval, a linda morena póde mandar o noivo pentear macacos... E arranjar outro mais, até enjoar do negocio e resolver a viver sem marido, que, por vezes, é uma atrapalhação na vida de uma mulher bonita.

DEVIA ter sido uma *farrinha* alinhada... As duas amigas estavam um tanto apressadas e assustadinhas, pois haviam perdido a noção das horas. Em casa, certamente, esperavam pelo jantar; era preciso despistar a familia.

Os omnibus passavam repletos: nada de conducção para complicar a situação. Mas, appareceu um *taxi* providencial, que foi tomado de assalto pelas duas galantes creaturas..

Que allivio! Toca a correr....

Ao lado do *taxi* corria o nosso automovel, innocentemente.... Entretanto, percebemos que havia panico nas duas alminhas puras. Nas proximidades da residencia de uma dellas, o *taxi* parou. Saltou a primeira, olhando para todos os lados, como pesquizando si havia importunos olhares da vizinhança.

A outra seguiu para saltar em uma rua proxima, que não era a sua. Caminhou a pé, quebrou a esquina e sumiu. Achámos graça...

O que se passou não sabemos.

Apostamos, porem, que as duas garotas não vão gostar da nossa bisbilhotice.

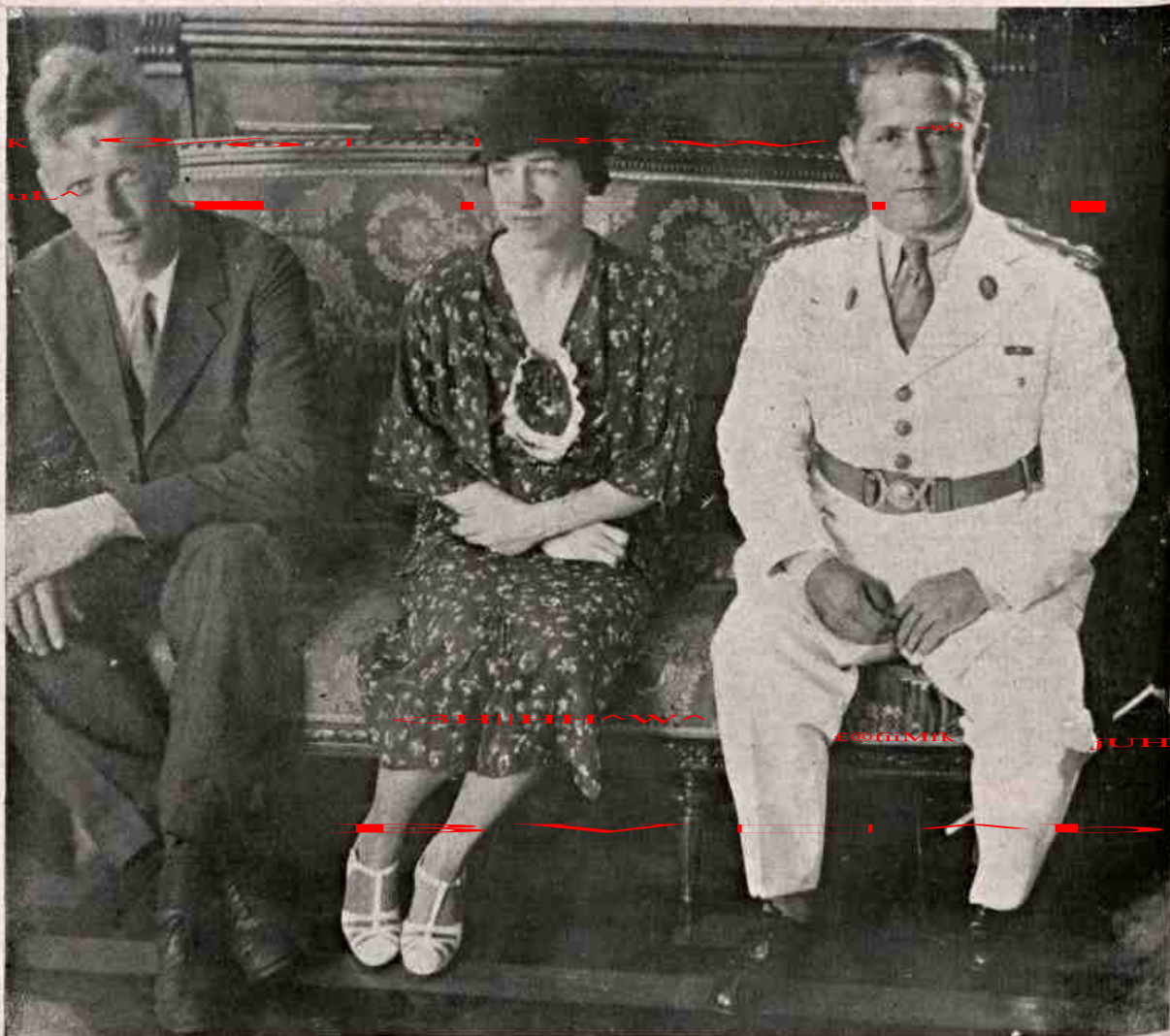
Renato Vianna é um grande nome do theatro brasileiro, ao qual tem dedicado, com impressionante abnegação, o melhor do seu talento e dos seus esforços. Toda a obra notavel desse escriptor é de exaltação ao ideal artistico que o anima, numa constante e luminosa inquietação interior. Renato Vianna, que se achava, ultimamente, retrahido da sua actividade theatral, vae reapparecer ao nosso publico no dia 1.º de fevereiro, quinta-feira da proxima semana, no theatro Casino, apresentando-se simultaneamente como autor e como actor, na interpretação do papel do protagonista de sua victoriosa peça «A ultima conquista». O «cliché» reproduz um retrato de Renato Vianna feito pelo illustre pintor brasileiro Vicente Leite.

A tarde de domingo passado, no Tijuca Tennis Club, foi cheia para a petizada do elegante bairro, que teve, na séde do gremio cajuty, uma deslumbrante festa infantil, com «Jazz-band», gente grande de theatro, para divertil-a, e até balas e bombons...

SABEDORIA

Cobre de injurias a uma pedra: que adeantará? Nada ella entenderá do que lhe digas. Imita a pedra e não escutes as injurias que te atirem.

EPICTETO

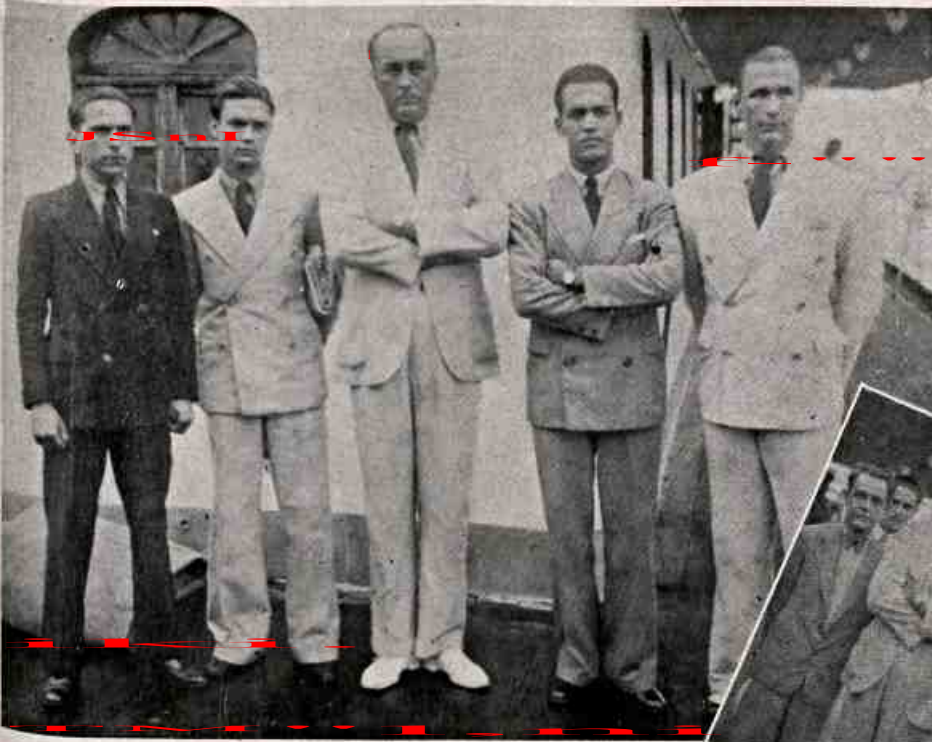
O pequeno Claudio, filhinho do casal Jacques-Carmen Richer, offereceu, no passado dia 17, quando completou mais um anniversario, uma grande festa de gente meúda aos seus muitos amiguinhos. O «cliché» apresenta dois flagrantes dessa reunião infantil.

Charles Lindbergh, o glorioso «az» da aviação norte-americana, que tem dado ao mundo as maiores provas da sua bravura indómita, atravessando o oceano ou voando sobre os continentes, esteve no Brasil no fim do anno passado, tendo visitado o extremo norte, onde recebeu expressivas demonstrações de sympathia e admiração do nosso povo. A photographia acima apresenta o arrojado piloto do «Espirito de S. Luiz» e a senhora Lindbergh em companhia do interventor Magalhães Barata, no palacio do governo, em Belem do Pará.

O dr. Waldyr Tostes, joven medico patricio, com um nome de real prestigio em nossos circulos scientificos, e tambem muito relacionado na sociedade carioca, acaba de ser nomeado chefe do ambulatorio de gynecologia e obstetricia do Hospital São João Baptista, e tem sido, por isso, grandemente felicitado.

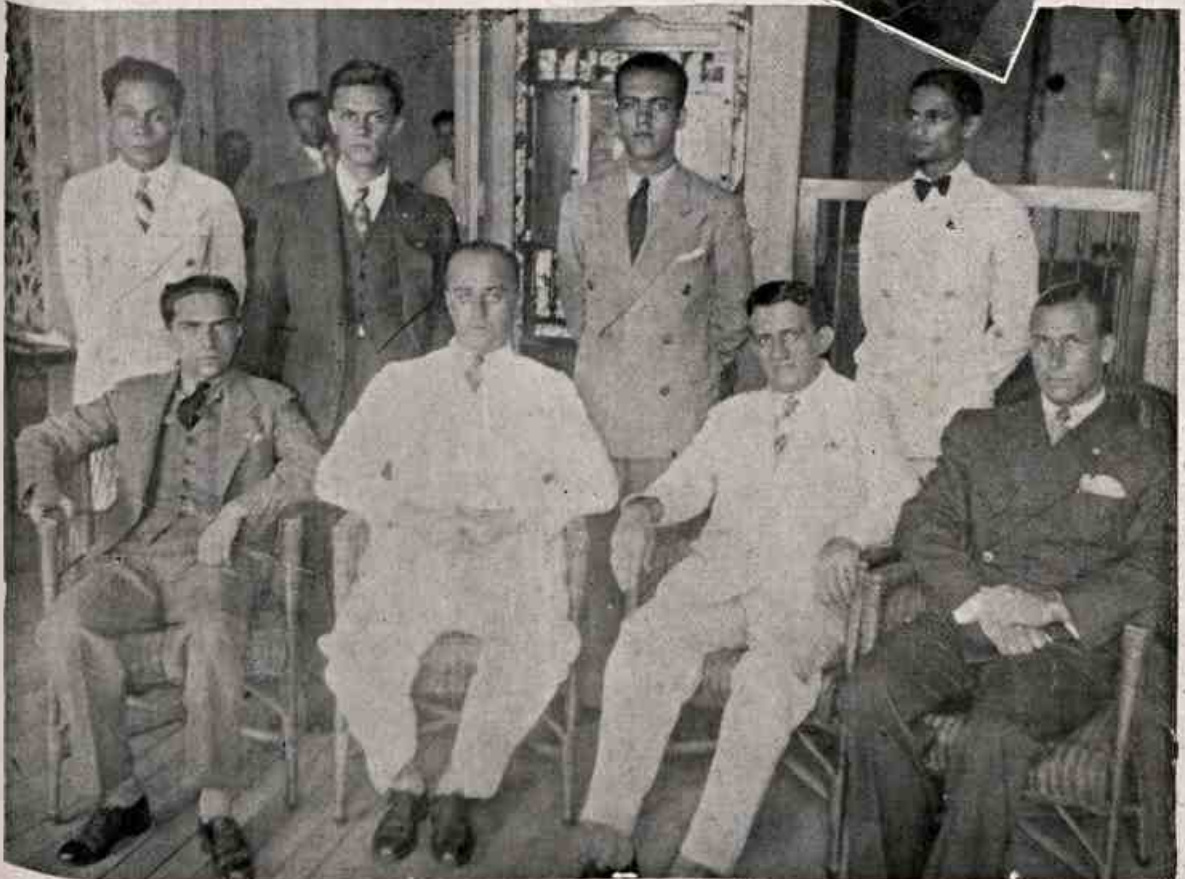
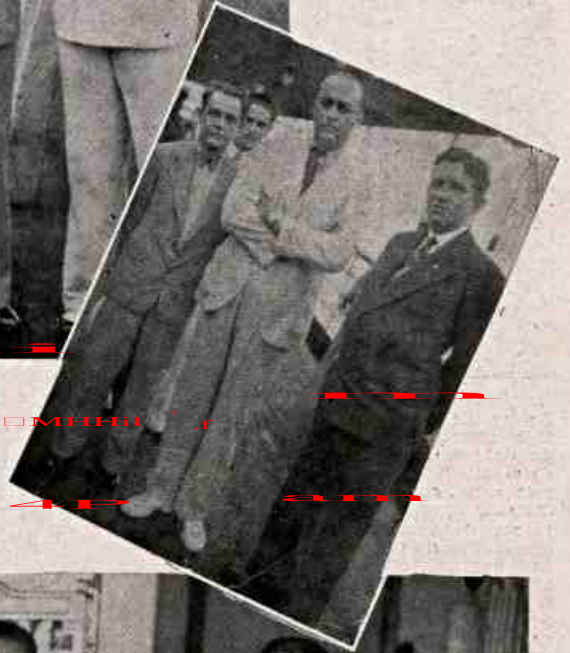
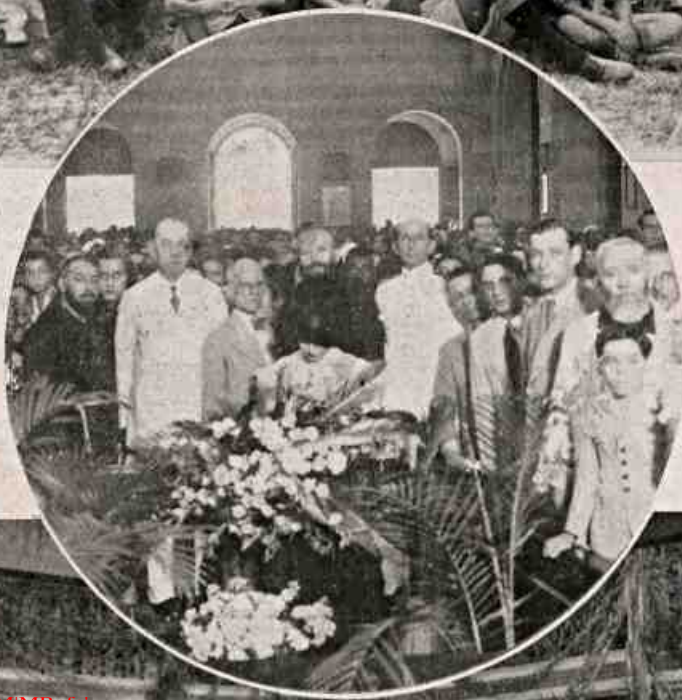
José Joaquim Barreto, um dos mais destacados elementos da sociedade sergipana.

Formado ha pouco pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, o dr. Francisco Oswaldo Anselmi acaba de ser distinguido com a nomeação de medico-auxiliar da Clinica de Pediatria e Hygiene Infantil da Policlinica de Botafogo, onde, certamente, reaffirmará os seus já reconhecidos meritos profissionaes.

O INTEGRALISMO NO PARA'

A Bandeira Integralista chefiada por Gustavo Barroso, a bordo do «Pará», no porto de Belém: ao centro, Gustavo Barroso; á direita, Loureiro Junior e Miguel Reale; á esquerda, Mario Brasil e Herberto Dutra.

Outra photographia tirada a bordo do «Pará», no porto de Belém: o dr. Gustavo Barroso ladeado pelo prefeito da capital paraense, dr. Abelardo Condurú, e do jornalista João Alfredo de Dendonça, secretario do «Diário do Estado».

* * *

O dr. Gustavo Barroso e os seus companheiros da Bandeira Integralista na redacção do «Diário do Estado», orgão official, em companhia do secretario do mesmo, João Alfredo de Mendonça, e de outros redactores.

Os tradicionaes festejos commemorativos da data da fundação da cidade decorreram, este anno, com o brilho de sempre, e constaram de varias solennidades, de que esta pagina offerece expressivos aspectos. A Associação Carioca promoveu, ás primeiras horas da manhã do dia 20 do corrente, uma visita ao monumento da cidade, na fortaleza de S. João onde se realizou, então, expressiva ceri-monia, focalizada na photographia do alto. No medalhão, vê-se um aspecto da visita da directoria do Centro Carioca ao tumulo de Estacio de Sá na basilica de S. Sebastião, á rua Haddock Lobo. Em baixo, o baile do Centro Carioca, nos salões do Club Gymnastico Portuguez.

EM LOUVOR DO PADROEIRO DA CIDADE

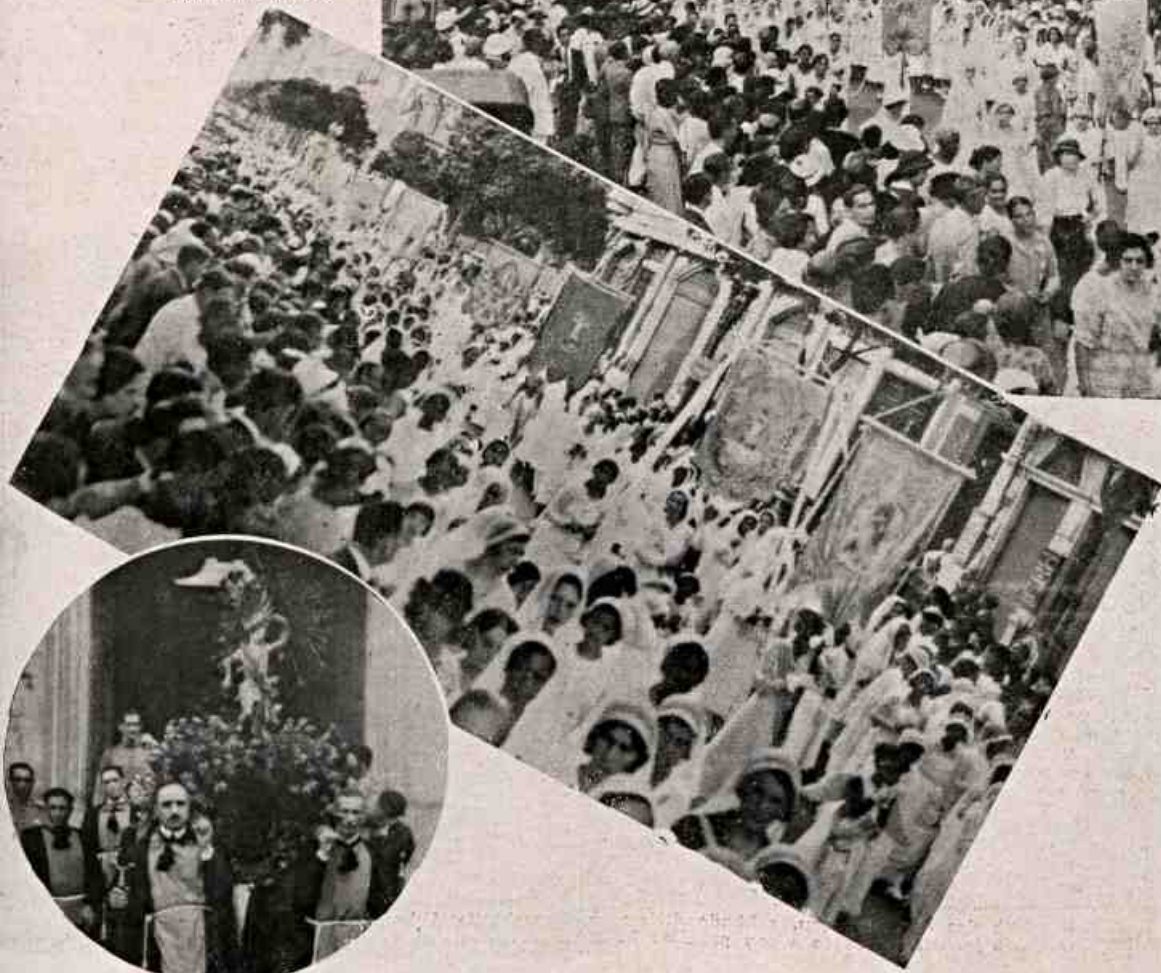
As festas religiosas commemorativas do dia de São Sebastião, glorioso padroeiro da cidade do Rio de Janeiro, tiveram imponente remate com a procissão que domingo á tarde sahiu da Cathedral Metropolitana e percorreu varias ruas do centro urbano, levando em triumpho a imagem do santo martyr. Sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme formou no cortejo religioso, conduzindo o Santissimo Sacramento. A gravura desta pagina focaliza alguns aspectos da grande procissão de S. Sebastião.

NAZITA

De Rocha Ferreira

Chamam-te todos Nazita.
Nazita não sei de que.
Ella é morena, bonita;
si uma vez a gente a fita
sente uma coisa esquisita,
mas não se sabe porque.

Quando ella passa na rua,
tudo segue a luz que encerra
seu olhar — claro arrebol,
como a estrella segue a lua,
como a lua segue a terra,
como a terra segue o sol!

Rocha Ferreira

Em homenagem ao Fluminense Football Club, o America F. C. realizou quinta-feira penultima, no gymnasio de sua séde, á rua Campos Salles, uma festa carnavalesca que se revestiu de grande brilho, e na qual tomou parte saliente o alegre grupo do «cliché».

NOITE DE CHUVA

LONGE de ti, na noite de chuva, as horas vão passando... Nem mesmo as minhas lagrimas dizem toda a tristeza que a minha alma sente.

As horas vão passando e eu, com a alma envolta nas sombras da saudade, vou pensando nos instantes felizes da minha vida.

Longe de ti, na noite de chuva, nem sei em que estás pensando. Mas eu te julgo ver. Julgo sentir a caricia das tuas mãos finas e nervosas nas minhas mãos...

Fico a pensar nas outras noites povoadas de estrellas. Noites cheias da luz dos teus olhos.

A chuva cáe.

Que frio!...

E eu julgo ver a tua figura fina e leve nas espiraes do meu cigarro.

* * *

Nas espiraes do meu cigarro, vive o teu vulto branco.

Tu és feita da fumaça que acaricio com os olhos, meu pequenino vulto de Tanagra.

* * *

Fumaça... Delicioso é viver de mentiras.

Linda mentira é o teu amôr por mim!...

Paulo Freitas

O «Club dos 40» offereceu, sabbado último, um «cocktail» á imprensa carioca, para falar aos jornalistas sobre o seu proximo baile de Carnaval, no theatro João Caetano.

O filho inesperado

COM

Fernand Gravey e Florelle

QUIZ o acaso que o joven estudante de direito, Robert Brassart, fizesse conhecimento com Annette, uma mulherzinha tentadora, protegida do opulento antiquario Léon Le Bélier. Robert tem vinte annos e Annette vinte e cinco, — menos idade, os dois juntos, do que Bélier, o qual já passou o tormentoso cabo dos cincoenta. Assim, nenhuma surpreza nos pode causar que encontremos certa noite Robert installado em casa de Annette, que aproveitou a fortuita ausencia de Le Bélier para convidar o seu amigo a ir jantar com ella em *tête-à-tête*. Mas Bélier, a quem ninguem esperava, sobrevem de improviso!

Como explicar ao antiquario a presença de Robert?

Annette, de fertil imaginação, lo-lo inventa uma historia deveras extraordinaria: explica a Bélier que, por medo de perder a sua preciosa affeição, jamais ousou contar-lhe toda a verdade a seu respeito, o que agora se vê obrigada a fazer. Nasceu na Algeria, de pae francez e mãe arabe, e aos dezoito annos foi miseravelmente seduzida por um official de marinha. Dessa aventura, houve um filho, Robert, que tem dezoito annos, ao passo que ella na realidade terá trinta, e não vinte e cinco como disse a Bélier quando primeiro o conheceu.

Dahi surgem complicações as mais interessantes. Os paes de Robert attribulam-se com a vida desregrada que elle leva, com as suas continuas desapparições de casa. Le Bélier passa a interessar-se muito pelo "filhinho" de Annette. Os seus melhores amigos, encontrando Robert em festas e bailes da sociedade, não atinam por que elle se attribúe o nome de Robert Brassart. Um delles, o barão Brick, defronta-se com o sr. Brassart, pae e conclúe que elle é o official de marinha que seduziu Annette, e, de commum accôrdo com Bélier, procura resolvel-o a cumprir o seu dever para com a pobre mulher, que, em tão tenra idade, elle desgraçou e abandonou para sempre...

(Conclúe na pag. 53)

ACHADA NA RUA

Da PARAMOUNT — com Silvia Sydnei e George Raft

QUANDO Mary Richards sáe da prisão, depois de alli cumprir uma injusta sentença, a sua alma não conhece senão revolta, odio e indignação.

O causador da sua desgraça foi Jim Ricards, o homem a quem em má hora se uniu pelo matrimonio, mas não o entendeu assim o tribunal, que, do mesmo passo que o sentenciou a oito annos de prisão, a relegou tambem, a ella, ao cubiculo onde esteve encerrada dois annos.

E só, ao abandono, com um dollar por fortuna, eil-a a vagar pelas ruas da cidade inhospital-eira e hostil. Chove a cantaros. Um «taxi» que encontra parado, junto ao meio fio, parece offerecer-lhe um refugio momentaneo.

A principio, Harry Clynn, o «chauffeur», não parece muito disposto a fazer de bom Samaritano, mas, afinal, o desamparo de Mary, e talvez tambem o lindo palminho de cara que Deus lhe deu, acabam por enternecêl-o, e elle lhe offerece o refugio do seu humilde quarto de rapaz.

A casual aventura vem a converter-se em cousa mais duradoura. Harry sente que desde que Mary habita sob o seu tecto ha alli um ambiente mais agradavel. Não faltam mais botões na roupa, não se perde uma hora em descobrir um par de meias que não pareçam «mitaines», nem anda mais a cozinha como um arraial de ciganos. E quanto a Mary, não lhe desagrada tambem a companhia de Harry, — muito pelo contrario.

Graças á intervenção de Harry, Mary consegue um emprego de telegraphista na companhia de «taxis» em que elle trabalha. O gerente persegue-a a toda a hora, com olhares incendiarios, e não perde occasião, sempre que póde, de alvejál-a com um galanteio. Mary, que de si para si organizou um plano astucioso, que essas assiduidades favorecem, não o desattende, até que, um dia, sem que o pobre homem para tal désse maior motivo, finge grande indignação e accusa-o de se haver excedido. Intervem Harry, sobrevem uma altercação com o gerente e o caso tem o epilogo que Mary previu: Harry e ella são postos na rua, sem appellação possivel.

Eis, pois, chegada a occasião propicia para ser alcançado o seu objectivo: que Harry, em vez de trabalhar como «chauffeur», compre uma pequena garage e se estabeleça por conta propria.

O negocio prospera e Harry, que já se sente um homem de mais importancia, reflecte que lhe convém casar-se e que nenhuma mulher deseja mais por esposa do que á dedicada Mary. Maior desejo não tem Mary tão pouco, mas não póde ser, diz ella a Harry. Para casar-se teria que divorciar-se primeiro, reflecte de si para si, e o processo faria renascer publicamente o seu passado, do qual acaba Harry de ser sabedor.

O casal vive feliz. A garage fornece-lhe mais do que o necessario para viver. A casinha de suburbio em que residem é um ninho confortavel e ditoso. Um dia, porém, o Destino põe no caminho de Harry uma pequena da alta sociedade, Muriel Stevens.

Sem presentir que Muriel tão só vê nelle um fugaz passa-tempo, o ex-«chauffeur» pensa em casar-se com ella, o que communica a Mary precisamente quando esta se prepara para contar-lhe que, afinal, obteve, sem publicidade de especie alguma, a annulação do seu casamento.

Desilludido mais tarde de Muriel, que se ri delle á primeira proposta de casamento, Harry volta a casa á procura de Mary, mas não a encontra. E' que, durante a sua ausencia, chegou Jim Richards resolvido a mattál-o, e Mary não viu outra salvação para Harry senão acompanhar o marido e fazêl-o desistir do seu proposito.

Jim, que andava fugindo da policia, pois, ao evadir-se da prisão, tinha morto um dos guardas que lhe oppuzeram resistencia, é preso com Mary, a quem a policia aponta como cumplice de Jim e auxiliar da sua fuga.

Da situação da rapariga é sabedor Harry, que logo vende a sua garage, a sua casinha de residencia, tudo quanto possúe, afim de poder pagar a um famoso advogado a defesa de Mary. Um estratagema desse advogado dá logar á absolvição de Mary, que agora, ao mesmo tempo que a liberdade, recobra a ventura de um amôr que mais nenhum obstaculo perturbará no futuro.

Dos Studios

Irene Dunne.

Finalmente, depois de incontaveis peripecias, o pae Brassart, a quem seu filho contou toda a verdade, consente em intervir no *embroglio*, de sorte a que a situação se resolva satisfatoriamente. E promette a Bélier que reconhecerá Robert, que lhe dará legalmente o seu nome e garantirá o seu futuro.

Robert desposará, portanto, a sua doce Fanny, e nesse dia o ingenuo Bélier, mais do que nunca feliz pelo amor da sua Annette, esfregará as mãos de contente por ter sabido arranjar tudo com tão grande habilidade.

Katherine Hepbnou.

Karen Morey.

O FILHO INESPERADO

(Conclusão)

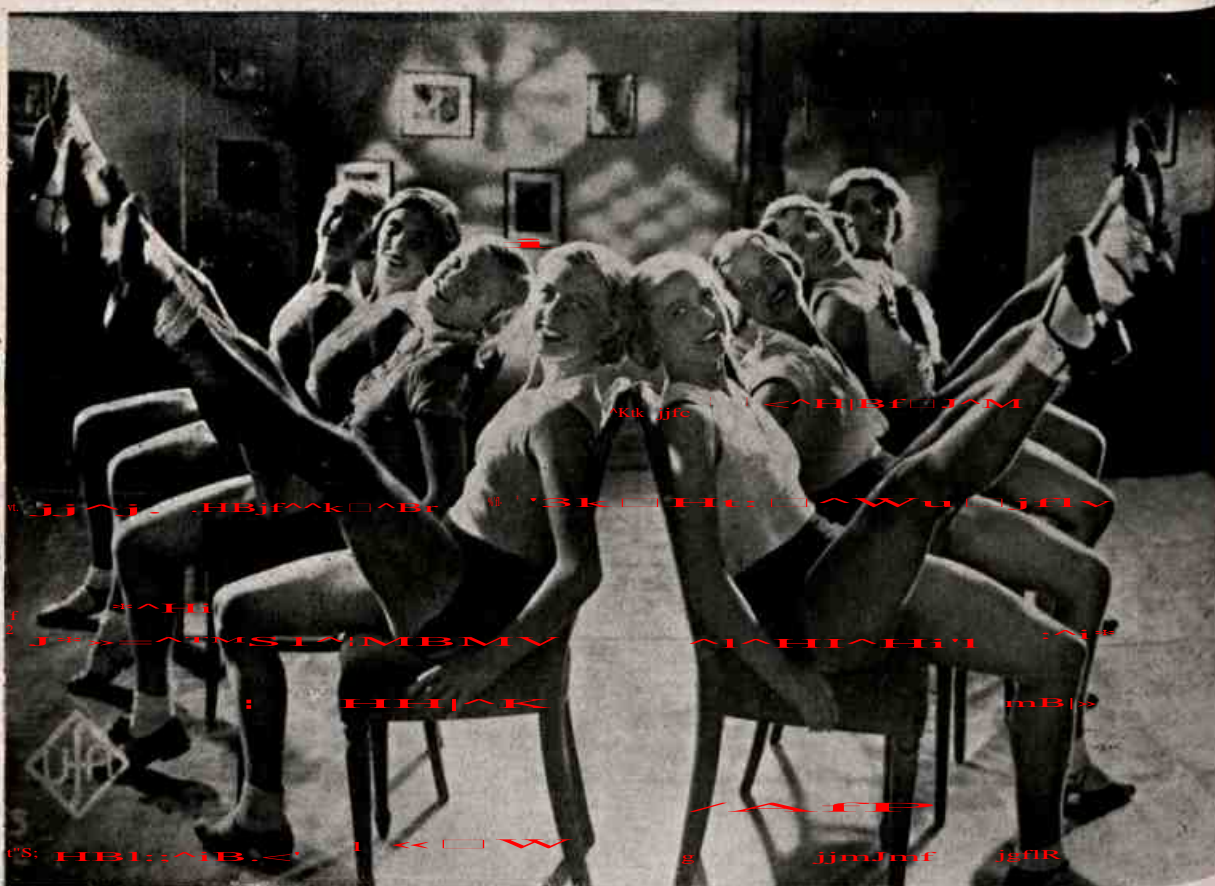
Robert, pouco tempo depois, vem, porém, a apaixonar-se por Fanny, uma menina encantadora e de feição modernissima, de quem pretende fazer sua esposa. Annette consome-me de ciumes, mas é obrigada a dissimular o seu despeito por motivo de Bélier, a quem parece mais que natural que Robert tenha um idyllio. Ao demais, o antiquario vê com os melhores olhos o projectado casamento do seu joven protegido.

Notas de ARTE

TRAJANO VAZ. — Embora dos mais conhecidos e apreciados pintores brasileiros, ainda não o conheciamos. Foi para nós uma novidade a exposição de Trajano Vaz no salão de leitura do Palace-Hotel. Visitamol-a de relance na tarde de 17 de janeiro, 51 quadros de que 10 figuras, 21 marinhas e 20 naturezas mortas.

Numa visão de conjuncto, o que impressiona logo na pintura de Trajano Vaz é a perfeição do desenho e os tons fortes do colorido. Depois, a superioridade das naturezas mortas sobre as outras categorias de quadros. São aquellas de grande poder emotivo pela perfeição com que idealizando-a reproduz o pintor a realidade. *Peixes*, *Pecegos da California*, *Uvas e Cerejas*, *Nozes e Vinhos*, *Fructas de Conde*, *Tangerinas*, *Café com Doces*, *Canto de Cozinha*, *Abacaxi* — pareceram-nos todas obras primas do genero. São, por assim dizer, quadros vivos da natureza morta. Se, como doutrinava o velho Platão, a belleza é o esplendor da verdade, os poemetos pituraes do artista patricio, são verdadeiramente bellos. Têm a belleza immortal com que Zeuxis enganava os passaros, e Appeles enganava Zeuxis.

Entretanto, quando a realidade é apenas pretexto para a pura idealização, quando a imaginação predomina sobre a observação, eis que o artista se mostra tambem capaz de communicar fortemente a emoção. Vemol-o em *Cabeça de Vampira*, onde a reproducção da figura feminina se subordina á representação de um estado moral, de um conjuncto de attributos psychicos expressivos do *vampirismo*. Contemplando essa *Cabeça* sente-se-lhe

(Continúa na pag. seguinte)

Uma scena interessante do film da Ufa «George e Georgette».

a tentadora e perigosa belleza, a belleza da mulher fatal, da mulher que seduz para explorar o seduzido, a mulher-vampiro, "bella e trahidora, que beija e assassina" como a inspiradora do *Abyssus* de Bilac.

Outras *Cabeças* lindas, embora mais simples reproducções do que idealizações do real: *Christo*, *Beldade allemã* e *Beldade portugueza*.

Por ultimo, destaquemos 4 marinhas. Uma, para condemnar — *Depois da tempestade*. Perdôe-nos o artista a irreverencia, mas vendo-a parece que se não vê a tela, e sim borrões azues que a occultam. Tres para elogiar: *Bandeira do Divino*, *Rio Tieté* e sobretudo *Luar*. Esta pode figurar quase no mesmo plano esthetico das Naturezas mortas pela poesia communicativa que lhe envolve o ambiente.

Não terminamos sem assignalar ainda a technica especial de alguns trabalhos, feitos todos a espatula em vez de pincel. O que talvez lhes augmente a difficuldade de composição sem lhes diminuir a belleza de expressão. Se nos não enganamos, a bella marinha — *Luar* — é um quadro todo elle espatulado.

Tanto quanto podemos julgar como simples chronista de impressões, Trajano Vaz merece bem o nome de que desfructa entre os pintores brasileiro. Felizmente não é futurista. O que quer dizer continúa a tradição da arte immortal dos mestres do passado proximo; não é discipulo dos primitivos, dos pintores do passado remoto. Pode ser *passadista*, mas nunca *ultra-passadista*, que futurismo e ultra-passadismo são esssencialmente a mesma coisa. Os *futuristas* não são contemporaneos do futuro como o no me que se dão poderia significar, mas contemporaneos do passado, do mais remoto passado, e nisso é que se distinguem dos que elles chamam *passadistas*. Estes podem repetir o passado, mas é o passado proximo, e aquelles repetem o passado remoto. Por isso mesmo, chamamo-lhes a todos *ultrapassadistas* e não *futuristas*...

OSCAR D,ALVA

Escriptores e livros

Assis Cintra — OS ESCANDALOS DE DE CARLOTA JOAQUINA — Civilização Brasileira S. A. — Rio — 5$

UM punhado de chronicas tirada de escriptores que versaram o assumpto — José Prezas, Juliano Rubio, Clemente de Oliveira, Cesar da Silva, a duqueza de Abrantes, Alberto Pimentel e outros. Como diz o autor, outro desejo não teve senão distrahir por alguns instantes a curiosidade dos leitores. Apenas fumaça historica e novellesca, que irá para aqui e para acolá, á mercê da vontade dos leitores, como fumaça que os ventos carregam...

VIENT DE PARAITRE

TRISTAN BERNARD

PARIS SECRET

ROMAN

1 vol. in-16 ..... 15 frs.

Albin Michel, Edit.

A vida de Carlota Joaquina, a sua vida sentimental, tem servido de motivo para algumas paginas curiosas. A mulher de D. João VI, rainha de Portugal e do Brasil, notabilizou-se por uma série de aventuras que a historia registrou para o nosso divertimento. Aliás, as historias onde entram rainhas são sempre mais ou menos divertidas... Assis Cintra focalizou bem magnificos episodios da historia de Carlota Joaquina, e, como sabe escrever bem, as chronicas deste livro despertam o maior interesse.

Monteiro Lobato — Na antevespera — Comp. Edit. Nacional — S. Paulo — 6$

A chronica é um genero de prosa de difficil execução. Raros são os escriptores victoriosos neste sector da literatura. Porém, Monteiro Lobato, habil manejador da penna, conquistou justamente os primeiros louros na carreira literaria, escrevendo chronicas admiraveis. Neste volume encontra-se um punhado dellas, sobre assumptos varios, constituindo um prazer a sua leitura. Uma successão de quadros, de paizagens, lampejos de ironias, emfim, o delicioso espectaculo da vida, *filmado* com precisão e elegancia pelo autor que o Brasil festeja como um dos seus melhores escriptores.

Armindo Rangel — OUTROS POEMAS — Edit. Alba — Rio

UM grande pesar tenho em não comprehender certas subtilezas dos poemas modernos. O defeito necessariamente é meu...

Tive um grande mestre de literatura, dos maiores philologos da lingua, um grande poeta tambem: Silvio de Almeida. Com elle aprendi a amar a poesia de amplos horizontes. Musica, alguma coisa que tocasse á alma. Por isso, não percebo a belleza de certos poemas da actualidade. Si para escrever versos basta alinhar palavras, possivelmente eu tambem sou poeta... Mas, devo confessar o meu apoucamento não podendo penetrar na floresta dos poemas de Armindo Rangel. Talvez o leitor comprehenda o que o autor teve em mira, escrevendo *No circo da roça:*

Quando o Capitão, sub-delegado
deu entrada no circo
assim!... apinhado,
o palhaço do meio da arena
gritou para a charanga:
— Maestro, tóca o hino nacional.

E a charanga atacou sem compasso nenhum:
Taratachim, taratachim, taratachim,
bum! ....

E o Capitão sub-delegado,
um simples lavrador,
pensou mesmo naquele momento solene
que era o Imperador...

Ou, então, talvez descubram *algo de nuevo* em *Obras do portuguez:*

Podem falar do português;
Mas nós lhe devemos gratidão,
porque foi ele quem fez
esta maravilhosa
cidade de S. Sebastião
e essa dengosa
"mulatinha
do caróço
no pescoço..."

Francamente, eu não descubro onde está a poesia da mulatinha do caroço no pescoço!...

B. Mirkine - Guetzévitch — AS NOVAS TENDENCIAS DO DIREITO CONSTITUCIONAL — Comp. Editora Nacional São Paulo — 12$

CANDIDO MOTTA FILHO, uma das grandes intelligencias da moderna geração paulista, traduziu para a nossa lingua este notavel trabalho do professor Mirkine-Guetzévitch, secretario geral do Instituto Internacional de Direito Publico, de Paris.

O objecto do livro é materia de um prefacio especial do autor, que tambem escreveu para esta edição um capitulo sobre *a nova Constituição Espanhola*. O o prof. Vicente Ráo em traços firmes recapitula o valor da obra realizada pelo illustre constitucionalista. A opportunidade deste estudo não comporta discussão. As nações de todos os continentes passam por transformações radicaes na sua organização politica. O autor cita, compara, commenta os pontos principaes das novas cartas constituições, o que faz com o peso da sua autoridade. Um livro precioso e que deve ser lido pelos constituintes do Palacio Tiradentes, neste momento em que ha muita gente sonhando com um figurino novo, apropriado para o Brasil...

(Continúa na pag. seguinte)

Val Lewton — SEM CAMA PROPRIA — Civilização Brasileira S. A. — Rio — $

O autor descreve as dolorosas aventuras de uma mulher moderna, obrigada a ganhar a vida para o proprio sustento e soffrendo sempre por ter de dormir em cama alheia. Tem como scenario Nova-York, com seus prazeres e miserias pintados ao vivo. São passados em revista costumes norte-americanos e o leitor fica sabendo como se perdem no turbilhão da vida tantas creaturas moças que têm fome... E' por isso mesmo uma advertencia para as cabecitas de vento que procuram no *americanismo* o modelo da existencia moderna, emancipada de preconceitos que pesam na formação moral da sociedade actual. Um romance bem feito, cuja leitura interessa. Bôa traducção de Edgard M. Lobato.

Bang-Fowler — OS 4 DIABOS — Comp. Editora Nacional — São Paulo 5$

DOIS espiritos extraordinarios empenharam-se na confecção desta novella, que domina a attenção do leitor pela movimentação das situações dos diversos capitulos.

O volume pertence á conhecida e apreciada *Collecção Para Todos*.

Mario Sette

Affonso L. de Carvalho — FARPAS — Sobral — Ceará — 1933

CHRONICAS ligeiras, commentarios de jornal. O autor, nas primeiras paginas, narra a odysséa da sua vida, trabalhando, estudando, só, sem o arrimo de quem quer que seja. E, atirando-se ao jornalismo, deante da caixa de typos, realizou o mais bello sonho da vida, embora o patrão ao fim do mez lhe fizesse o fabuloso ordenado de cinco mil reis! Este episodio daria margem para umas *farpas* mais vigorosas, si o autor tivesse base mais solida nos seus estudos. Mas, por isso mesmo, porque o autor é filho do seu proprio esforço, merece a nossa melhor sympathia.

No meio em que vive é mais do que uma promessa, porque já firmou os traços da sua personalidade. Com maiores recursos, num ambiente mais amplo, talvez a sua penna em pouco brilhasse com mais vigor. O certo é que as chronicas, os commentarios que reuniu neste folheto já revelam accentuado pendor para as letras.

Baroneza Orczy — A AGUIA DE BRONZE — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

MARIO SETTE traduziu, para a *Collecção Para Todos*, mais este volume da Baroneza Orczy, escriptora de largos recursos e forte imaginação, que o nosso publico já conhece através da leitura de outros livros admiraveis.

HOMENS PODRES

De GOMES NETTO

✾ ✾ ✾

O meu amigo Sebastião Feital sorveu o ultimo gole de seu Martini, e disse:

— E' o que te affianço, com pleno conhecimento de causa. A humanidade está polluida, subverteram-se-lhe os sentimentos e a especie inteira dessora a necrose interior que a corróe...

"Sua pestilencia paira no ether, em todas as direcções, e o que se vê são cadaveres ambulantes, sombras espectraes, gafadas e roidas de ulceras, passeando pelas avenidas, numa farandula lugubre as tristes e insanaveis miserias moraes, que lhes ferreteiam o sêr...

"Homens, em synthese, mas corrompidos pela lepra da villania. Podres como a materia, que se decompõe sob o humus nivelador.

"Perguntas-me onde estão elles? Aqui, ali, em toda parte tanto no fastigio das altas posições como na humildade do fundo scenico da existencia minados, infiltrados pelo bacillo da degenerescencia campeante... Baldadamente, buscam disfarçar os aleijões, as táras os teratologismos que, como estygmas candentes, phosphoream á luz da razão, e vestem indumentarias impeccaveis rescendem perfumes embriagantes, envernizam as unhas, para "camouflar" a propria consciencia de Tartufos...

"Devemos fugir delles, dos homens podres, que, em vida, expellem a morte e tornam lethal com o "virus" de suas infamias, o oxygenio que respiramos, desprevenidos...

"Assim como ha micro-bios, subtis e invisiveis, que gangrenam as visceras de funcção nobre, ha os que putrefazem a alma e a degradam, com a pathogeneses de estados incuraveis.

"Si tu, como eu, comprehendesse Machiavel, e acreditasse em Nietzsche, havias de possuir isto a que denomino "intropsychismo", ou seja uma especie de sexto sentido, com auxilio do qual se devassa o intimo, o avêsso, isto é, os intestinos da humanidade...

"Então, ficarias horrorizado, presa de um panico á Poe, quando divisasses, não individuos de carnação rosada, e saudaveis de aspecto, mas simples despojos humanos, articulados, chocalhos de ossos descarnados de orbitas vazias despejando vermes que já cevaram a gula nas entranhas devoradas...

"Como o riso que elles emmolduram de artificio e graça retrata a agonia dantesca de lazaro condemnado!

"Que, ainda não presentes o odor acre da carne bichada que ha por todo canto?! Insensato! A humanidade está perdida... Só os homens podres sobrenadam, no cahos e no lodo no pantanal mortifero que se estende por essa vasta necropole que é a vida..."

E, assim falando, tomado de nauseas invenciveis, Sebastião Feital deitou longo vomito negro...

O carregador (referindo-se á passagem). — Primeira, senhora?

A solteirona. — Que disse? Insolente! Saiba que esta criança é filha de minha irmã!

"RECORDS". — Uma menina de Brockville (Canadá), com seis annos de idade fracturou, ha algum tempo, uma perna. Alguns mezes depois de curada desse accidente, quebrou um braço.

Abreviando: fracturou onze vezes os braços e as pernas.

Uma agencia de seguros contra accidentes affirmou que a pequena Alicen ganhou todos os *records* de membros fracturados.

E' preciso notar que as onze fracturas se produziram todas em alguns mezes.

*

AMIGO FIEL. — A Associação "Amigos dos cães", nos Estados Unidos, offereceu uma medalha de prata a "Fox", um grande mastim, cujo dono, por crime de roubo, teve que passar algum tempo no carcere.

O cão, desde o dia em que o seu dono foi preso, postou-se á porta da prisão, e, apesar das numerosas tentativas para dali o afastarem, só foi embora em companhia do dono, no dia em que puzeram este em liberdade.

A medalha diz: "Um verdadeiro amigo do homem".

*

SANTO REMEDIO. — Na colonia de Kenaya, os macacos tinham adquirido o habito de sahir, durante a noite, dos bosques para vir roubar nas aldeias habitadas.

Afim de se livrar delles, os

nativos puzeram em pratica a seguinte idéa: capturaram, por meio de armadilhas, alguns delles, e, depois de lhes rasparem as cabeças á navalha, as pintaram com as côres mais berrantes.

Os macacos nunca mais appareceram.

*

UM MUSEO ORIGINAL. — O doutor Volecksky, fallecido ha pouco tempo, legou a Varsovia, sua cidade natal, uma collecção de... batatas! Existem batatas de todas as especies e tamanhos. Algumas têm formas quasi humanas; outras se assemelham a animaes, objectos, etc.

O doutor Volecksky, que havia descoberto um processo para conservar indefinidamente esses tuberculos, comprazia-se em obter qualquer batata que tivesse uma fórma original.

Póde-se dizer que essa collecção é unica no mundo.

O CORREIO NA CHINA. — Um imperador da dymnastia Chou organizou os correios na China, como serviço publico, trezentos annos antes de Jesus Christo.

Quando Marco Polo visitou o Celeste Imperio, já se empregavam mais de duzentos mil cavallos para o transporte da correspondencia.

Na época de Ming, que foi a mais florescente da China, as agencias do correio permaneciam abertas até altas horas da noite, e as cartas eram distribuidas a domicilio, como hoje.

*

CEM VEZES MADRINHA. — Este original "record" pertence a Mrs. Anine Flatcher, de Langton, Inglaterra, que acaba de baptizar o seu centesimo afilhado.

A senhora Fletcher, que se casou aos 18 annos, não teve filhos, e, para se consolar, decidiu ser madrinha de todas as crianças que nascessem em Langton.

Sendo possuidora de uma bella fortuna, cada afilhado recebe, além do enxoval completo e dos presentes de praxe, uma caderneta com 100 libras esterlinas.

Com essas vantagens, quem não se atreve a vir ao mundo?

As autoridades já notaram um sensivel augmento de natalidade em Langton.

O SOLDADO MORTO

MATEI-O no dia 15 de outubro de 1917, para lá da Estrada das Senhoras, numa pequena trincheira recem-aberta, dessas denominadas no tempo da grande guerra "parallelas de partida"... Lembram-se? Eram fossas de um metro de profundidade, menos largas que profundas, em frente ao inimigo, tão perto quanto possivel de suas linhas avançadas, para difficultar a passagem das primeiras vagas de assalto...

Foi lá que matei o homem. Um francez...

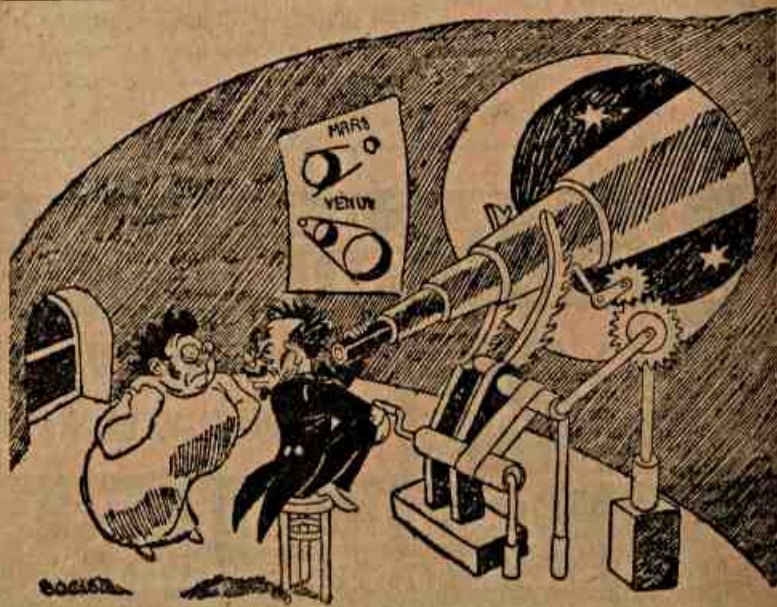
Não é uma historia complicada. Era capitão e ia passar o commando.

Aborrecia-me, ninguem sabe como, a não ser os que se aborreceram como eu... Aborrecimento mil vezes peor que o inimigo; o inimigo, comparado ao aborrecimento, não era nada. Tanto mais que eu tinha o "peso" de pertencer ás tropas ditas de "elite": isto é, as que atacavam, mas por traz das trincheiras. Ora, não se atacava frequentemente, durante a grande guerra: duas vezes por trimestre, talvez; e o resto do tempo, as tropas de "elite" ficavam acantonadas bem á retaguarda. Não se conhecia ahi a lenta agonia das primeiras linhas. Mas se conhecia o aborrecimento.

No dia 15 de outubro, de que falei, tratava-se justamente de um reconhecimento. Nós haviamos partido de automovel, Jean Valme e eu, para constatar no local as probabilidades que tinham os nossos tanks (cada um de nós commandava uma bateria Schneider) de galgar não sei que subida, ingreme e accidentada em excesso. O reconhecimento, nessas condições, não offerecia senão uma utilidade toda relativa: depois de tentar, sem resultado, a escalada de automovel, mal conseguimos, Jean Valme e eu, a pé, subir a tal encosta. Era, pois, evidente, que os carros de assalto ficariam a meia encosta. Aliás oito dias mais tarde, apesar de nossa opinião contraria, os carros foram enviados a transpôr a elevação e não o conseguiram, como o haviamos previsto. Num caso como aquelle não foi difficil ser propheta.

Mas foi justamente no topo do tal declive de planalto que matei o homem. Sim. No dia 15 de outubro, 15, e não 23: não o dia do grande combate.

Eis como:

Já disse que tivemos difficuldade, Jean Valme e eu, em galgar a rampa. Chegados emfim ao cimo, estavamos offegantes. Era um dia quente e pesado. O planalto, só como o Sahara, não tinha a enfeitál-o nem um desses esqueletos de arvore que costumam ser toda a vegetação dos campos de batalha. Tinhamos passado por uma garganta conhecida como "Garganta das Aveleiras". E eu sempre tive desejo de saber que imaginação ardente impingira tal nome áquelle horrivel caminho de pedra, barro, lama e agua estagnada. Mas não importa. Haviamos caminhado bem uns trez quartos de hora pela garganta, sem encontrar viv'alma: as trincheiras escondiam rigorosamente suas sentinellas. Ao fim da passagem, isto é, na parallela de partida, vimos pela primeira vez durante o reconhecimento, uma creatura humana: um soldado, naturalmente um infante. Estava sentado no chão, para que sua cabeça não ultrapassasse o parapeito. Ao redor, nem um ruido; nem um tiro, longinquo que fosse. O inimigo, entretanto, estava bem proximo; a cem metros talvez, talvez

— Parece que os vizinhos do terceiro andar...
— Ora, querida, deixa de te preoccupares com o que se passa na casa dos outros!

De Claude Farrère

a cincoenta. Escondia-se, como nós. A' direita, á esquerda, lama amarella e pardacenta. Na tricheira, dois montes de granadas, um de cada lado do soldado de infantaria, bem ao seu alcance. E o homem se mantinha immovel: tão perto do inimigo, qualquer movimento é perigoso. Nós, Jean Valme e eu, eramos forçados a arriscar: o serviço antes de tudo. Mas, feito nosso reconhecimento, não teriamos mais que dar meia volta e ir embora. A sentinella, essa teria que ahi ficar. Antes de se encaminhar, como nós, para horizontes menos sinistros, para onde pudesse andar livremente, a cabeça alta, sem ter quasi a certeza de morrer immediatamente, teria que esperar que o fosse render um substituto longinquo e problematico, algum soldado que o libertasse do pesadello presente. Porque era um pesadello esta realidade inacreditavel: a lama amarella e pardacenta sob o céo baixo, a trincheira onde a agua estagnava, os montes de granadas á direita e á esquerda, o homem como petrificado, e o silencio sobre tudo — o absurdo, o incrivel silencio que uma cotovia não ousaria quebrar com o seu canto.

Mas nós continuavamos a andar, Jean Valme e eu. E o som de nossos passos nos causava uma sensação confusa de mal estar. O infante, de longe, nos viu aproximar. Voltou os olhos, sem voltar a cabeça e, para nos saudar, levantou apenas a mão, quando passavamos bem rente a elle: a parallela era estreita, como já disse. Então, Jean Valme perguntou:

— Não se vae mais longe?

E eu respondi:

— Não; mais longe é o inimigo.

E accrescentei, depois de um momneto:

— Entretanto, gostaria de examinar o terreno que nos separa...

O homem nos escutava.

— Examinemos — disse Jean Valme.

O homem interveiu, dirigindo-se a mim:

— Meu capitão, é bom tomar cuidado; elles têm um 88 bem em frente. E visarão aqui.

Respondi:

— Que queres que eu faça, meu velho?

Mas Jean Valme, tocando-me de leve, fez signal com a cabeça:

— Não será para nós, o 88; quando atirarem, já teremos partido... e será para...

Antecipadamente triste, indicou o homem, com o queixo. Eu comprehendi, infelizmente! Mas, que podia eu fazer? A guerra não é feita de doçuras.

E como fosse necessario examinar o terreno... (pobre, pobre rapaz, na verdade!... Emfim!...) como fosse necessario examinar o terreno, eu me levantei, bem teso. Jean Valme levantou-se. E inspeccionamos com o olhar o que se estendia na nossa frente. O terreno era chato, calcareo, coberto dagua. Arames farpados impediam a passagem, á direita. Pela esquerda, podia-se atacar. Mas seria um ataque penoso.

Disse-o a Jean Valme.

Depois, passando deante do homem... (por Deus! eu adivinhava o que ia acontecer...) cumprimentei-o, em primeiro logar, e disse:

— Adeus, camarada!

Estavamos já a uma certa distancia, quando, atraz de nós, estourou o 88.

Não me pude conter: retrocedi, voltei á parallela de partida. Porque de antemão, eu já sabia... Jean Valme acompanhou-me; elle tambem sabia.

Realmente, no mesmo logar, na mesma posição, encontrámos o homem, o soldado de infantaria. Apenas estava morto. Um estilhaço lhe rasgára o peito.

E não é verdade? Fui eu, eu, quem o matou...

— No dia em que lhe entregar a minha filha, depositarei no banco, em sua conta, mil contos.

— E por que o senhor não me entrega os mil contos, e deposita sua filha no banco?...

A HISTORIA DO CABOCLO

ERA já noite fechada.

O vento soprava levemente.

A lua, majestosa lampada branca, bonita, grande, de brilho argentado, mysteriosa, parecia sorrir victoriosa e alegremente para a terra. A sua luz de perola e ás vezes opalescente clareava a matta immensa que se extendia, os verdejantes campos cobertos de flôres e as estradas lisas e vastas.

Na limpidez do azul do céo, bem azul como as turquezas, parecendo remendos ou enfeites de uma grande capa, brilhavam as estrellas orgulhosas de sua imponencia.

Um corrego corria, corria, e, como tudo na vida, caminhava sempre na mesma marcha, paciente, resignado no cumprimento de sua missão, levando no fôfo tapete de suas aguas, para outras bandas mais felizes ou para o perpetuo jazigo, folhas e flôres mortas, galhos sêccos e outras coisas mais que attingiram o seu fim.

. . . .

Scismava Ricardo no terreiro.

— Em que pensa você, Ricardo? Você vê aquella lua como é grande e bonita?

— E' a lua do meu sertão.

— Você vê aquelle bambual que enche de sombra aquella cazinha cinzenta, alli atraz daquella serra? Alli, alli bem perto daquella invernada onde a lua parece descer?

— Vejo.

— Você está tão triste e parece pensar em alguem, Ricardo...

— Não. Descanço... descanço somente.

— Garanto que foi o Manoel do botequim que lhe desafiou outra vez. Aquelle portuguez parece que quer apanhar de verdade.

— Leocadio, não tive nada com o Manoel. Elle, depois daquella briga de que resultou a morte do "Pintadinho", aquelle bahiano da colonia do Mathias, nunca mais me olhou.

— Então, Ricardo, em que pensa você?

— Em Morena.

— Morena?

— Sim.

— Ricardo, ella é filha do patrão, é rica e é moça da cidade. Você não póde gostar de Morena.

— Que importa? Sou caboclo, mas tambem sou gente.

. . . .

Silencio.

A lua, cada vez maior e mais fascinante, de luz de perola, parecia correr na grande cúpola celeste. Correr e sorrir.

As estrellas brilhavam com brilho diamantino e as arvores far-

De Oscar A. Rangel

falhavam ao sopro leve do vento húmido.

Ricardo scismava no terreiro.

Com os olhos fitos no chão, aquelle homem rude, forte, ainda muito joven, começou, baixinho, a contar a Leocadio, seu amigo, a sua primeira paixão:

— Certa vez, lá na esplanada que fica no caminho da fazenda do Boqueirão, lá bem pertinho do Morro das Sete almas, onde passa o riacho do Bom Retiro, debaixo de um sol ardente, sol de minha terra, vestida com um vestido branco, — eu vi Morena e pensei que fosse uma santa que me apparecesse. Um anjo do céo! Seus olhos, grandes, bonitos, pretos, bem negros como o carvão da queimada, brilhantes como a lamina desta minha faca, pareciam de uma fada, de uma deusa encantada.

— E você ficou gostando de Morena?

— Fiquei, e muito. Desde esse dia uma coisa estranha pareceu nascer no meu coração de caboclo e nunca mais tive socego.

— E depois?

— Depois, muito mais tarde, sómente quando o cafésal começou a flôrir, em uma tarde de verão, muito clara e muito alegre, eu tornei a ver Morena e o meu coração soluçou como se deste peito quizesse saltar. Quiz contar-lhe o meu soffrimento a minha grande dôr, e tive mêdo. Sómente muito depois na segunda flôrada, em uma manhã de festa no Boqueirão, no dia de Santo Anastacio, quando ella risonha, linda, passou perto de mim, eu lhe falei:

"Morena, eu gosto de você. Você é bonita"...

— Ricardo! Que lhe disse ella?

— Chamou-me de vagabundo, de atrevido...

— Foi?

— Sim.

— Ricardo, você não póde gostar de Morena, pois ella é filha do patrão, é moça rica, branca da cidade...

— Não faz mal... não faz mal...

.. ..

A lua, grande, bonita, descia, cada vez mais.

As estrellas continuavam a brilhar com o mesmo brilho diamantino.

Ricardo scismava no terreiro.

Um olto-bó rasga o espaço e pousa numa arvore centenaria e solta um grito estridente saudando a noite.

Cançado, com o cerebro povoado de pensamentos, desilludido, aquelle homem, com o coração dilacerado, dormiu e durante o somno, começou a falar:

"Morena... Morena, eu gosto muito de você..."

O SEGUNDO NOIVADO

ESTA' tudo preparado, mamãe? — perguntou Rosita, sahindo do banho, fresca e perfumada como uma flôr.

— Sim, querida — respondeu Felicidade Beaumont. Era uma formosa mulher, ainda moça e de bôa apparencia, mas trazia os cabellos negligentemente e vestia um vestido muito usado.

— Não deixarás nunca de ser um anjo, e tambem não deixarás de querer-me porque te tyrannizo um pouco — disse Rosita, num gesto gracioso.

— Mas, que seria de mim, sem ti, mamãe? Não herdei teu bom gosto, nem tua habilidade. Creio que te compenso um pouco, como sendo a moça mais elegante e que se veste melhor, em nossa cidade. Tens certeza mamãe? Achas que esse critico pretencioso, esse Brian, se apaixonará por uma moça mal vestida?

Apanhou do toucador um annel com um soberbo brilhante e poz no dedo annular da mão esquerda, beijando-o.

— Senta-te: vou te fazer as ondas — disse Felicidade, sorrindo para sua graciosa filha. — E fala-me dessa festa, querida.

— E' um jantar de gala em honra de não sei que personagem que nos dá a honra de vir a Bringham; não me recordo do nome, mas sei que é um um literato de fama. Depois do jantar, haverá dança.

— Suspeito que, hoje, não te enfeitas apenas para Brian, Rosita.

Esqueces, mamãe, que tenho que fazer as honras da nossa cidade — respondeu a moça, sorrindo á propria imagem. — Mas o primeiro que me verá, será Brian, que virá buscar-me ás nove.

As nove em ponto chegou Brian. Felicidade, ao vêl-os um ao lado do outro disse comsigo mesma que elles formavam um bello par. "Que será de mim quando se casarem" suspirou, emquanto punha em ordem o bonito dormitorio de Rosita. "Poderei acostumar-me a tão grande solidão?"

Já havia chegado o famoso novellista Sydney Kenward, quando Rosita e Brian chegaram. Servia-se na sala uma variedade de *cock-tails* aos numerosos convidados. O hospede da cidade era um homem alto, de cabellos grisalhos, muito distincto, em cujo olhar se adivinhava um humorismo amavel e indulgente. A senhor Ritchie conversava com elles quando Rosita foi saudal-a e fez as apresentações. Kenward disse algumas palavras amaveis e Rosita o achou muito sympathico; sentia-se segura de si e conversava com graciosa maneira.

— Não percamos tempo em falar das *estrellas* de Hollywood, ou de Bernard Shaw — disse Kenward. — Sei, instinctivamente, que a senhorita e eu temos muito que conversar, terei a sorte de vel-a ao meu lado, na mesa?

Rosita mostrou com o olhar o grupo de senhoras que conversava no outro extremo do salão. — Suas vizinhas de mesa serão duas daquellas senhoras. Segundo a etiqueta (como antigamente), as creanças se sentam mais para longe.

Kenward sorriu e prometteu procural-a depois do jantar. Pouco depois de iniciar-se o baile, Rosita viu que o novellista a procurava com o olhar, e sahiu ao seu encontro. Elle pediu-lhe que fossem para o terraço ou para algum logar em que pudessem conversar. Installaram-se num recanto e Kenward começou dizendo:

Quero adivinhar seu nome. Não m'o diga. Beatriz? Guendolina? Violeta?

Não, o senhor quer imitar o feiticeiro do conto de fadas... — disse Rosita.

— Maria? Gladys?

— Não, não.

— Rosita?

— Como o sabia? Esses nomes que disse não eram senão um preambulo.

— Eu a conheci quando era pequenina. Fui amigo de seus paes, minha menina.

— Sim; é estranho que mamãe nunca me tivesse falado nisso, nem quando soube que o senhor vinha a Bringham.

— A razão é muito simples. Esse amigo se chamava Sydney Fortune e o romancista se chama Sydney Kenward.

— Nome de guerra?

— Justamente.

E Rosita sentiu um leve despeito e depois um desejo louco de rir-se. Não era seu bonito vestido, sua linda carinha, nem sua pessôa, que tanto realçava em Bringham que havia attrahido o personagem do momento. Elle nem por um momento, pensava em *flirtar* com ella. Ouviu que lhe fazia algumas perguntas referentes a seus paes.

— Papae morreu ha oito annos — disse com naturalidade, Rosita, já curada da *coquetterie* com o qual quizera deslumbrar Kenward, sem prejuizo de Brian.

— Não podiamos continuar o modo de vida que tinhamos com papae e faz trez annos que moramos aqui.

— Eu não soube nada disso; talvez porque viajei muito. Mas alguem devia avisar-me...

— Interessa-o tanto, realmente?

— Se me interessa? Ao ouvir seu nome pensei em meus antigos amigos e a olhei com attenção e pareceu-me reconhecer immediatamente a filhinha de Felicidade e de Henrique Beaumont. Tenho certeza de que sua mãe não se negará a receber-me, Rosita. Posso ir fazer-lhe uma visita?

— Teremos muito prazer. Venha tomar chá...

Brian chegou reclamando seus direitos, tranquillizado pelos cabellos brancos do admirador de Rosita; mas ella o apresentou com tão evidente orgulho, que elle se sentiu feliz. Kenward os olhou com indulgencia, e voltou para o salão.

Rosita dirigia a si mesma severas censuras por permittir que sua mãe fizesse papel de velha aos quarenta e dois annos. "Tenho sido uma egoista" — pensou. "Sob todos os pontos de vista, mamãe é mais bonita que todas as senhoras que rodeavam a mesa no jantar de hontem. Pobre mamãe! O interesse

De Phyllis Hambledon

desse amigo, que ficou solteiro, parece-me que revela um idyllio desmanchado na mocidade de mamãe; não sei porque, mas sempre senti que ella não era feliz e papae estava quasi sempre ausente". Esteve muito tempo a escavar lembranças da memoria, dando-lhes um sentido, que por intuição era exacto. Tomou uma resolução. Sua mãe se apresentaria a Kenward de modo que elle não tivesse uma desillusão. Ao referir-lhe a chronica da festa, falou com sympathia e enthusiasmo em Sydney Kenward, sem mencionar o verdadeiro nome que viria saudal-as aquella tarde. Insistiu com sua mãe para pentear-se como uma grande dama que era e não como uma provinciana descuidada.

— Chamei pelo telephone o cabelleireiro e a manicure. Não te occupes com o chá; eu trarei flores, bolos, e todo o necessario. Emquanto ondulas o cabello, eu irei comprar-te, no meu auto, um vestido decente.

— Não, querida; nada disso...

— Por uma vez me imporei eu, mamãe.

Ao sahir, deu ordem á creada e fechou a porta, sem querer ouvir as observações de Felicidade.

A's tres da tarde, havia flores na sala de jantar, no *hall*, e no "living-room". A mesa posta offerecia um aspecto de sobrio bom gosto. Em pé no *hall* esperava Rosita uma senhora bella e elegante.

— Este vestido beige foi o melhor que encontrei com as tuas medidas — disse Rosita, examinando com o olhar aquella mãe joven e elegante que a orgulhava.

— Agora um pouquinho de rouge nos labios e poderás apresentar-te deante do rei, mamãe!

Felicidade protestou rindo, mas teve que ceder.

— Asseguro-te, mamãe, que em qualquer parte chamarias a attenção pelo teu ar distincto e tua belleza de outomno. Nunca, ouves, nunca mais tornarás a ser provinciana, em que te converteu o egoismo de uma filha má, que te pede perdão, mãezinha.

— Rosita! Que se passou hontem á noite? Esse desconhecido te transtornou, pobre Rosita! — exclamou a senhora.

— Brian é muito feliz, e eu tambem; mas, entre todas as senhoras, imaginei o que não serias tu, vestida e arranjada feito ellas, e curei-me do meu egoismo. E é tudo, mamãe.

Soou a campainha.

— São cinco horas ou pouco menos. Deve ser o senhor Kenward.

Chegou a creada trazendo um cartão na bandeja.

— E' elle! — exclamou Rosita. Recebe-o, mamãe. Eu descerei logo. Felicidade desceu lentamente a escada e entrou no "living-room". Um cavalheiro dava as costas para a entrada, olhando com attenção um retrato de Rosita. Voltou-se e durante um instante o dominou uma emoção. Era, porém, homem de sociedade, e dirigiu-se á senhora e beijou-lhe a mão. Ella demorou mais em sahir do assombro.

— Sydney! — exclamou. — Eu esperava encontrar aqui um senhor Kenward.

— Esse é o novellista, Felicidade, e eu e elle somos uma só pessôa.

Conversaram durante muito tempo, sem reparar na ausencia de Rosita. Com ar de triumpho, a moça entrou, annunciando o chá, e todos se dirigiram para a mesa. Felicidade, de noite, perguntou a sua filha se ella sabia o verdadeiro nome de Kenward.

— Sim — respondeu Rosita. — Elle m'o disse e falou de ti e de papae. — Mas por que guardaste segredo?

— Para fazer-te uma surpreza, querida. São tão poucos os bons momentos que eu te proporciono!

— Isso não é verdade. Ver-te tal como és, ter-te ao meu lado e saber que és feliz, são as maiores alegrias que eu posso desejar!

— Pois bem. De hoje em deante, não me perderás de vista. Iremos juntas ás festas e a toda a parte. Na proxima semana haverá um grande baile de caridade, e já imagino! o traje que usarás.

— Rosita, peço-te que me deixes em paz. Brian te levará ao baile.

— Sim, mamãe, e a ti tambem. Acceita de uma vez tua derrota. Já sabes que não pódes lutar commigo, porque me acostumaste a fazer minha vontade sempre. Não te aborreças, mamãe e não me faças perder a coragem, agora que quero ser uma bôa filha!

A entrada de Felicidade no salão levantou um murmurio de admiração. Rosita estava radiante e olhou Kenward numa velada expressão de cumplicidade. Dias depois, foi um *garden party*. Em seguida, um concerto. Passados dias, um jantar-dançante, e assim durante uns dois mezes.

— Querida Rosita, deixa-me; já te contentei bastante. Deixa-me ficar em casa.

— Com uma condição — disse Rosita, cruzando os braços deante de sua mãe e olhando o céo distante.

— Que condição?

— Que me dirás o que te disse Kenward, hontem, no jardim do club.

Felicidade não respondeu, mas suas faces se coloriram.

— Ah! muito bem! E o acceitaste mesmo?

— Depende.

— Como?

— Se tu não te oppuzeres.

Rosita deixou ouvir um riso crystallino e sentou-se na cama.

— Não adivinhaste que eu fazia o papel de mãe que tem filha casadoira? Não vias que eu te servia de "chaferon". Se me opponho!

E o riso da moça parecia interminavel.

— Não temias expor-me ao ridiculo? — perguntou com suavidade a senhora.

(*Continúa na pag. seguinte*)

O SEGUNDO NOIVADO

(CONCLUSÃO)

— Não, mamãe. Quando entrei no *living room*, naquella tarde, comprehendi, de um golpe, que Sydney tornára a se enamorar de ti; era questão de tempo. Sabes que tenho agora experiencia em questões sentimentaes, experiencia de bôa qualidade e muito recente.

Felicidade sorriu.

— Brian está no segredo? — perguntou.

— Decerto que está.

Mas por que não te casaste com elle? Sem querer reprovar papae nem por sombras, acredito que Sydney saberia fazer-te feliz como o mereces.

— Desappareceu do nosso meio e só voltou no dia em que me casei com teu pae. Disse agora que seu irmão mais velho arruinára a familia com especulações infelizes e era impossivel para elle manter-me na sociedade a que pertencia e retirou-se sabendo que Bruce Baumont tinha dinheiro e posição social e que tambem me amava. Eu me casei e fui feliz com teu pae. Se tivesse a a esperança de que voltasse algum dia, com certeza teria permanecido solteira.

— Drama romantico. Felizmente, tudo tem remedio.

— Sim. Disse que em vinte annos de trabalhos tem tido exito; que agora sua posição financeira é bôa e solida.

— Brian e eu nos casamos primeiro, como já combinamos.

— Está bem. E, agora não me deixarão ficar em casa?

— De amanhã em deante. Temos que assistir esta noite ás festas do senhor Calverton. Tens um lindo vestido marron, que fará inveja a muita moça de vinte annos.

— Oh! Rosita, por favor!

— Brian e Kenward virão buscar-nos ás dez, mamãe.

A's nove, Felicidade sentiu uma repentina dôr de cabeça e declarou que não poderia sahir. Brian partiu com Rosita. Sydney entrou para saber da enferma.

No *living room* ardia um bom fogo. Uma lampada dava uma luz suave. Felicidade, vestida num modesto vestido de sêda cinzenta, cozia á luz da lampada.

— Sentes-te mal? — perguntou Sydney, com solicitude.

— Não; mas estou cansada de festas. Acho que quando se viveu e soffreu não se tem mais a frivolidade sufficiente para viver sempre no meio de festas e de bulicios. Não pensas assim, Sydney?

— Exactamente. E é uma nova garantia de que seremos muito felizes.

DIALOGO NUM BAILE

De MARIÚCHA

SALÃO azul feericamente illuminado.

Lourdes: Esbelta, elegante, morena como bôa filha de Copacabana, olhos rasgados e negros, uma cabelleira castanha a emoldurar-lhe a fronte pensativa, um sorriso, talvez de ironia, a vagar-lhe nos labios, deixando ver uma cadeia de elos, tão alvos que davam a sua physionomia uma graça innocente.

Um vestido rosa, levemente decotado, fazia desta joven um poema de mocidade e belleza.

Helio: Esguio, olhos verdes, profundos como o oceano, que guarda em seu seio mysterios insondaveis.

Ligeira apresentação.

Elle: — Dá-me a honra deste fox ?

— Pois não.

O salão regorgitava, e, entre o amplexo duradouro e o ruido do jazz, o dialogo teve inicio.

— Como aprecio a côr azul ! — disse Helio. — Faz-me recordar alguma cousa de celestial, de ideal, que a vida não me deu.

— Maria Eugenia diz, e muito bem, num interessante soneto: "Quando se tem vinte annos o ser desilludido é ainda uma illusão".

— Como ?

— Tive a impressão de que é um descrente.

— Realmente.

— Crê em Deus ?

— Não.

— Impossivel !

— Tenho coragem de ser sincero; talvez seja por isso que não tenho sido feliz...

— Crê na sciencia e nos scientistas ?

— Sim.

Como póde admittir, por exemplo, que Newton ennunciou a lei da gravitação universal e não admitte que uma força intelligente tenha feito leis que regulam os movimentos dos astros no espaço ?

Os sabios ennunciaram as leis, porque na realidade ellas já existiam e só as podia ter feito um espirito superior — Deus.

— Para mim tudo já existia e nada foi creado.

— Não falemos mais; sou tão crente e me sinto tão feliz...

— Crê no amor ?

— Talvez exista...

— E' sentimental ?

— Não comprehendo a vida sem o sentimento. A illusão nos transporta a regiões etereas e nos torna capazes de viver. Que pensa a respeito ?

— Não me deixo levar por sentimento; acho que não podemos encarar a vida para o idealismo, porque o resultado é a "descrença".

— Descrença — palavra que não gosto de pronunciar, porque tenho a impressão de que traz comsigo uma legião de sêres que dão origem á dôr.

— O prazer, quando se ausenta, deixa como substituta a dôr.

— E' muito pessimista.

— Vivi na realidade.

— Ninguem vive na realidade, perdôe que lhe diga; na data presente, o que existe, não interessa; a alma humana vive da saudade ou felicidade, que não encontrou, então das venturas indefiniveis que o futuro lhe promette.

— Aprecio o modo porque interpreta a vida.

De accordo com o seu dado: talvez pertença ao primeiro grupo e quem sabe si não volta a pertencer ao segundo ?

— Desejo que assim aconteça.

. . . .

2,30 da manhã. A festa terminava. Iniciaram-se as despedidas.

— Bôa-noite.

— Grata recordação pelo prazer que me proporcionou.

— Agradecida.

— Oh ! Bôa-noite.

A perola maior do mundo foi encontrada na California. Tem a fórma de um limão, pesa setenta e cinco quilates e méde uma polegada de comprimento por trez quartos de polegada de largura.

* * *

Nas grandes cidades da India, ha muitas familias européas que têm cerca de trezentos criados para o seu serviço.

* * *

O inventor do cinema sonóro foi um inglez que morreu ha pouco tempo, aos setenta annos de idade, e que se chamava William H. Bristol.

* * *

A senhorita Roberta Mackay processou o estudante Rudy Vallee, accusando-o de haver plagiado sua canção intitulada: "Sou um vagabundo de amôr", composta por ella, ha alguns dois annos. Como Vallee ficou rico graças a essa canção, a demandante péde um milhão de dollars como indemnização.

* * *

O principe Abdul Kadir, um dos filhos de Abdul Hamid, o sultão despojado da Turquia, em 1909, reside na capital da Hungria, ha bastante tempo já, e, naquella cidade, tem passado por taes angústias economicas, que se viu obrigado a trabalhar, como musico, numa orchestra de dança.

* * *

Na França, ha um projecto, digno de nota, que se pretende pôr em pratica: afim de offerecer maior segurança aos automobilistas que correm pelas estradas durante a noite, pretende-se pintar, com uma materia phosphorescente, os troncos das arvores e os postes que margeiam os caminhos, tornando-os, assim, perceptiveis a grande distancia.

* * *

Nos Estados Unidos, é alarmante o numero de victimas dos automoveis. Morrem mais de 30.000 pessôas por anno, e cerca de 1.000.000 soffre accidentes.

Taes cifras fazem multiplicar, dia a dia, as instituições para tratar de remediar esse mal, que causa mais victimas na população que as occasionadas pela grande guerra.

* * *

Na Grecia, no tempo de Solon, era permittido o casamento entre irmãos, por parte de pae; era, porém, prohibida a união entre irmãos por parte de mãe.

* * *

O homem, geralmente, depois dos cincoenta annos, começa a perder altura, e a diminuição vem a ser de um centimetro em cada dez annos.

* * *

Haendel não podia compôr musica, sem ter bebido, antes, alguns copos de vinho.

* * *

Calcula-se que mais da metade da população do mundo vive na Asia.

* * *

A principal industria do Japão é a tecelagem de algodão. Segue-se a fabricação de papel.

* * *

O primeiro cobertor que se fabricou existe ainda no Museu Britannico.

* * *

Durante a estréa da opera "Las bodas de Figaro", o imperador José II disse a Mozart:

— Que quantidade de notas, querido maestro!

— Senhor — respondeu Mozart, — são, apenas, as necessarias; não ha nenhuma a mais.

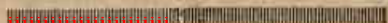
* * *

Adolfo Nourrit, famoso cantor, suicidou-se em Napoles, em 1839, ao constatar que o publico tinha predilecção pelo tenor Duprez.

REALIDADE

DEPOIS de todo o trabalho febril daquelles ultimos dias, das compras, dos preparativos alegres, das derradeiras arrumações que lhe tomaram toda a manhã, Heloisa repousava um pouco numa especie de recolhimento, pensando na iminencia do grande acontecimento. Sentia arrepios, e uma sensação de vertigem: ia se casar, emfim, no dia seguinte! Depois de alguns momentos de perplexidade, quasi tonta, levantando-se plantou-se deante do espelho: a sua imagem reflectida dava-lhe a sensação de ter uma companheira, uma amiga a quem se poderia confiar sem ter a necessidade de falar. E, olhando-se relembrava o passado!

De ha muito tempo as pessôas que lhe queriam bem tinham desapparecido.

Sozinha, rica, livre, desoladamente livre, procurou com o mais intenso desejo a doce escravidão do amor. E o amor viera! Viera com todas as suas pompas na figura seductora de Salvador Algarve. E ella abandonou-se numa dedicação total, absoluta, aniquilando-se quasi na personalidade do ente amado; até que um dia trocaram palavras de promessa. Curiosissimo noivado! Prolongára-se durante annos e annos com a apparencia de uma bôa, de uma fiel amizade, que se satisfazia de si propria, sem almejar solução alguma. Como poderiam fixar um termo, estabelecer uma data para as nupcias, desde que Salvador vivia acorrentado a uma vida de prazeres e de aventuras que o absorviam sem alento? Só quando o seu espirito, pacificado, tivesse a força de se arrancar ás seducções que só lhe davam a illusão da felicidade. Então, sim, o rapaz poderia unir a sua vida á vida da mulher amada por uma renovada primavera do coração. Nessa espera a prisão moral do noivado era o freio que o detinha no caminho da total perdição, alimentando nelle uma instinctiva aspiração de vida mais pura e mais calma, alheia ás paixões turbulentas de uma existencia toda feita de satisfações materiaes. Era como uma luz sempre accesa para lhe mostrar o caminho a seguir quando sentisse, emfim, a necessidade de um refugio seguro.

Somente o irresistivel encanto daquelle dominador, viciado pelas mulheres, conseguira fazer Heloisa acceitar uma situação tão anormal. Silenciosa e fiel, esperou muito tempo: cinco annos passaram-se assim. O seu amor já se transformára em adoração e não pedia nada. Salvador era-lhe precioso; era-lhe tão necessario como o ar que respirava ou a luz do sol, como a sua propria vida. Mas nem pensava mais na probabilidade do casamento. Bruscamente, uma noite, elle perguntou-lhe, com enlevo:

— Heloisa, vamos casar? Dentro de um mez? Queres?

Abandonando-se mais e mais ás recordações do passado, fixava intensamente a fria superficie lisa do espelho. O seu rosto nunca tinha sido bonito e agora já começava a ficar cançado; mas era sempre soberbamente emmoldurado por uma encantadora aureola loura, como se fôra uma leve e vaporosa espuma dourada. Seus cabellos, inverosimilmente louros, eram a sua unica e real belleza.

Mas ahi tambem se haviam manifestado os signaes do tempo e de anno para anno os fios brancos misturavam-se mais numerosos á juba loira que constituia o seu unico orgulho de mulher.

Todos, no emtanto, o ignoravam. Somente ella o sabia, e as madeixas continuavam a resplandecer intactas com a sua rara tonalidade de sol e mel misturados. Ah! Se o Salvador suspeitasse que aquelle seu unico attractivo era falso, seria uma catastrophe. Poderia então reparar que já era velha. Não saberia mais amál-a!... Quantas vezes elle gabára os seus cabellos durante os cinco annos de noivado! O tinir da pendula marcando as horas lembrou-lhe que devia justamente ir á casa do cabelleireiro Mario, o supremo artista dos penteados femininos, que a espera á hora marcada. Tinha justamente o tempo de escrever uma rapida resposta a uma ou duas cartas que ainda estavam sobre a mesa. O ouro de seus cabellos carecia de um retoque. Depois seria preciso ondulál-o, fazer a massagem electrica, e cuidar das

De Itala Gomes Vaz de Carvalho

unhas. Um verdadeiro supplicio! Seriam, pelo menos, tres horas perdidas!

* * *

Um porteiro de libré estylizada empurrou a porta envidraçada e a introduziu na minuscula salinha com ares de bomboneira cubista, cheia de poltronas quadradas, sem conforto, que presidia ao corredor para onde davam os gabinetes dos differentes operadores occupados a martirizar as clientes. Uma permanente aqui; alem, uma pintura; mais adeante, uma *mise en plis*... uma ondulação *marcelle*... uma limpesa da cutis...

Paredes curtas e finas de biombos separavam os differentes gabinetes de tortura e cortinas de fazenda azul os isolavam uns dos outros, uma luz violeta e o cheiro assucarado do esmalte das unhas esparramava-se por todo o ambiente. Pelas aberturas das cortinas entrevia-se o brilho dos instrumentos complicados e uma ou outra cabeça soffredora, inclinada para a frente, ou esticada para traz.

Mario, em pessôa, emquanto sahia de uma salinha para entrar na outra a vigiar alguma operação importante, dignou-se chegar perto de Heloisa, com respeitosa attitude, misturada áquella digna compostura de quem conhece o seu proprio valor. Estava coberto com uma longa camisa branca, que lhe dava o aspecto de um cirurgião ou de um esculptor no seu *atelier*. Tinha o sorriso indulgente do homem que se sente disputado por nuvens de mulheres e a palavra branda de quem não quer violar a solennidade de um ambiente sacro:

— Ainda é cêdo, minha senhora, mas póde sentar. Dentro de dez minutos estarei ao seu dispôr.

E desappareceu.

Heloisa ficou um instante indecisa, emquanto o porteiro, immovel, segurava a porta escancarada para a rua.

Lembrou-se de repente que ainda tinha na carteira as cartas que escrevêra alguns momentos antes, com a pressa de chegar a hora certa no cabelleireiro, esquecêra de pôl-as no correio e uma dellas era importante. A resposta a um telegramma de felicitações e votos que lhe mandára o seu velho mestre de latim. Algumas linhas de commovente candura. Eram, certamente, os votos mais sinceros que recebêra, apesar de uma citação classica que fel-a sorrir. O velho amigo morava num suburbio distante uma meia hora de trem da cidade. Teria de vir amanhã assistil-a com a sua veneranda presença no acto mais grave de sua vida. Queria convidál-o. Dez minutos de um cabelleireiro devem ser multiplicados no minimo, por quatro. Tinha tempo de ir até a primeira caixa do correio jogar as cartas e voltar correndo.

— Volto já — disse ao porteiro.

E sahiu. Quasi no limiar da porta cruzou com uma cliente que entrava. Um leve inclinar de cabeça de ambas em signal de cumprimento. Era uma vaga relação, sem nenhuma intimidade, que nascêra de encontros nas salas de chá ou nas costureiras.

Fóra, na rua cheia de barulho, caminhou rapidamente e logo se achou de volta no mesmo ambiente perfumado, dos tapetes macios e das luzes violetas.

Percorria o corredor para chegar á salinha que lhe haviam de antemão preparado, quando uma risada fresca uma voz alta e clara a feriram em cheio no coração.

— Quem? Salvador? Pensas então que elle a ama, assim tão velha e murcha como está? Acabo de encontrál-a agora mesmo, quando ia sahindo daqui E' uma ruina! Toda pintada! Coitado do Salvador! Elle precisa amal-a!... Esperou cinco annos, deixando-a na reserva para um momento de desespero, e hoje chegou justamente a hora psychologica... Teve que engulir a pillula! Está completamente arruinado! Eu sei, porque elle me conta tudo. Não teve segredos para mim.

As duas amigas, escondidas pela cortina de linho azul, ignoravam que a victima as estivesse ouvindo e continuavam o cruel commentario.

Heloisa pensou morrer de dôr... de vergonha. Arrastou-se até o salão seguinte, tropeçando. Um grande espelho estava deante della. Olhou-se pela primeira vez e viu-se, emfim, em toda a sua realidade: murcha, acabada, sem viço. Havia sido feliz, plenamente feliz nequelle mez que se sumira como um sonho. Acreditando até que era bonita, que era joven e amada. Tudo mentira!

Mario entrou, affavel e loquaz, inclinando-se, pressuroso:

— O *retoque* de costume, antes da ondulação, não é verdade?

— Não... não! Só quero a ondulação. Os cabellos ficam assim mesmo: brancos...

A esposa do marinheiro. — Vamos, filhinho, acaba logo com a tua aula de leitura, pois teu pae tem que ir para o trabalho.

(*Continuação do numero anterior*)

— Um!... Dois!... Trez!... contou o pirata. Depois, furioso, atirou com o revolver para cima da mesa.

— Reflecti, disse então o chefe dos piratas, que esta morte seria demasiado rapida para ti. E' preciso um exemplo. Ouçam-me, meus amigos, tenho uma proposta a fazer-lhes.

— Silencio! Silencio! O chefe vae falar! gritaram os Piratas do Tamisa reunindo-se em volta da mesa.

— Este espião queria trahir-nos! disse Blackwell.

Os mysterios

(SHERLOCK HOLMES

Pois bem! seremos grandes e generosos e restituir-lhe-emos a liberdade.

"Mas, accrescentou com um sorriso cruel, não será antes de lhe termos feito comprehender e fixar bem na cabeça os inconvenientes que offerece visitar-nos.

"Uma agulhasinha no cerebro, e estará pregada a peça! Perderá toda a lembrança do seu passeio nocturno. Em seguida conduzil-o-ão completamente nú ainda esta noite a Londres, mas imprimir-se-lhe-á no peito com um ferro quente o seguinte aviso: "Eis a sorte que esperava todo o agente da policia secreta!"

Estas palavras provocaram delirantes applausos.

— Viva Blackwall! Viva o chefe exclamaram os Piratas do Tamisa. As agulhas para o espião! Vamos destruir-lhe o cerebro.

— Prendam-n'o bem numa cadeira! ordenou Blackwell.

Lançaram-se immediatamente dez piratas sobre Holmes, que não oppoz a minima resistencia comprehendendo que isso só lhe serviria para perder as forças.

Não podia entrever esperança alguma de sahir daquella casa. Todos os olhos estavam fitos nelle; nenhum dos seus movimentos passava despercebido. Fizeram sentar o policia numa cadeira.

Depois passaram-lhe uma correia forte em volta do peito e dos braços, que o segurou solidamente ás costas da cadeira, emquanto uma outra correia o prendia ao assento da mesma.

— Um triste fim! dizia comsigo Sherlock Holmes... Mas cumpri o meu dever. Queria livrar a população de Londres destes miseraveis... fui vencido, morro no campo da batalha!

Entretanto um dos piratas tinha posto sobre a mesa um pequeno pires de metal onde deitou espirito de vinho a que largou o fogo.

Ao mesmo tempo, o "Escalpado", cujo rosto estava radiante de alegria, collocara junto de Sherlock Holmes uma caixa que abriu.

O policia olhou para o lado e viu o conteudo: eram agulhas de diversos tamanhos, todas extremamente finas.

— Vamos, meus amigos! exclamou Blackwell. Aqueçam as agulhas... eu mesmo terei a honra de operar...

"Ah! cão de policia, dois minutos mais e nem sequer saberás quem és.

"Deixarás de ser um homem, serás apenas um animal que pronunciarás sons inarticulados e andarás com as mãos no chão.

— Sim, mas a forca espera-te! respondeu Holmes numa voz firme, fitando o pirata. E quando tiveres a corda ao pescoço, não te esqueças de pensar em mim!

Estas palavras do policia tiveram como éco os risos desdenhosos dos assistentes.

O "Escalpado" voltava e tornava a voltar a agulha no meio da chamma azul e, passados alguns minutos, exclamou:

— Está prompta... agora capitão, enterre-lh'a no craneo.

Com um gesto rapido, Blackwell pegou na agulha. Com a mão esquerda fez força na nuca de Holmes e obrigou-o assim a inclinar a cabeça para deante e com a direita approximou a agulha.

O policia apertava os dentes uns contra os outros... Não! não queria dar áquelles miseraveis a satisfação de o ouvirem soltar um grito de dôr.

de Londres

Por CONAN DOYLE)

Dominava-se com toda a força da sua vontade de ferro...

.. ..

Sentiu-se um ligeiro cheiro a queimado.

A agulha rubra estava já em contacto com o cabello do policia.

Depois sentiu a picada... fechou os olhos... a agulha atravessava lentamente a pelle.

— Pára Blackwell! gritou vivamente uma voz de mulher, não o mates... pelo menos agora... é Holmes, o policia!

CAPITULO VIII

AGRILHOADO

Blackwell retirou immediatamente a agulha.

Sherlock Holmes ergueu logo a cabeça e o seu olhar fixou-se numa mulher nova, de formas encantadoras, cujo rosto moreno era emmoldurado por cabellos negros ondeados.

— Maggie, a negra! disse elle comsigo. Ella aqui, em casa dos Piratas do Tamisa! Ah! isto sempre me traz um pequeno adiamento... por emquanto pelo menos nada tenho a receiar.

Descobrindo que o homem preso á cadeira era o celebre Holmes, o terror dos malfeitoress, Maggie tinha provocado o mais profundo espanto entre os Piratas do Tamisa. Blackwell soltou uma exclamação de alegria e esfregou triumphante as mãos.

— Estás certa do que dizes, Maggie? perguntou passando o braço em volta da cintura da linda mulher. Conheces este homem, minha queridinha? Mas não estarás enganada?

— Como não hei de conhecel-o? respondeu Maggie em cujos olhos negros scintillava o odio.

"Quem foi que levou á forca meu pae, o "Rei do fogo", como lhe chamavam em Londres? Foi este mesmo.

"Todos sabem que meu pae era o incendiario mais celebre de Londres. Aproveitava os sinistros para entrar nas casas onde reinava a confusão e o medo.

"Mas este cão farejou o processo. Um dia fechou-se numa casa á qual sabia que meu pae ia largar o fogo, e foi ahi, que o prendeu.

"Depois, quando foi o julgamento, acabrunhou-o com tantas provas que não houve meio de negar e... levaram meu pae á forca.

"Na noite que precedeu a sua morte, permittiram-me ir vel-o para que se despedisse da sua unica filha.

"E quando eu o beijava pela ultima vez na sua misera cella murmurou-me ao ouvido:

"Maggie, não te deixo senão um nome maldito e a corda com que me vão enforcar e que o carrasco talvez te dê se lh'a pedires.

"Mas deixo-te tambem outra herança, cuida bem della, é a minha vingança! Vinga-me de Holmes!"

Emquanto a negra Maggie falava, parecia elevar-se e os seus olhos negros, que chispavam, lançavam olhares de odio ao policia que escutava impassivel.

— Se assim é, disse Blackwell, podias bem ter-me deixado continuar tranquillamente. Podes sonhar melhor vingança que ver esse cão de policia reduzido ao stado de idiota?

— Já não, temos tempo para isso! respondeu Mag-

— Já não, temos tempo para isso! respondeu Mag-gie.

— Como se explica que você tenha roubado a roupa e deixado o dinheiro?

— Até o senhor, seu juiz? Basta o que eu já ouvi de minha mulher...

"Mandou elle conduzir meu pae ao supplicio logo que o prendeu?

"Oh! não, o processo durou mais de um anno. Durante esse tempo fizeram soffrer ao desgraçado um interrogatorio quasi todos os dias e trataram-n'o como um cão na cella.

E' isso mesmo que quero que elle soffra.

"Se algum dia me amaste, Blackwell, e se te lem-

(Continúa na pag. seguinte)

bras dos serviços que te tenho prestado attrahindo tuas victimas, pois bem! Faze-me presente deste homem dá-me esse Holmes para que o martyrize durante um anno como elle fez a meu pae.

— Perfeito! disse comsigo neste momento o policia. O amor não me teria salvo, talvez o odio o comsiga.

"Se a encantadora Maggie me conserva ainda a vida durante um anno, mesmo nas condições mais miseraveis, ha de certamente apresentar-se uma occasião qualquer para me escapar.

Blackwill reflectia.

De sobr'olho franzido olhava para o solo numa attitude sombria e não parecia muito disposto a satisfazer o pedido de Maggie.

Mas a irresistivel feiticeira apertou-o ternamente nos braços e Holmes notou que esse homem sem piedade era molle como a cera nas mãos daquella fraca mulher.

— Pois bem, seja! disse o pirata, dou-te Holmes, faze delle o que quizeres.

"Mas a tua cabeça responde por elle se o deixares evadir.

— Como seria isso possivel? Ninguem pode fugir da nossa ilha, retrucou Maggie.

A FORÇA DO HABITO. — Não se mova! Um momentinho!...

"Podem-se aproximar sem se dar por isso, accrescentou ella rindo, mas deixal-a é outro caso. Desprendam-n'o dessa cadeira e levem-n'o para o armazem. Lá, prendel-o-emos com uma corrente, como um cão!

Desapertaram as correias queseguravam Holmes á cadeira e seis piratas levaram-n'o para fora de casa dirigidos por Maggie.

Conduziram-n'o a uma especie de telheiro fechado distante uns trinta passos.

Não tinham sido certamente os piratas que haviam erigido aquella construcção de tijolos. Devia datar da época em que a ilha era ainda habitada por honestos pescadores.

O tecto era tão baixo que o policia não podia conservar-se de pé.

Esse edificio que Maggie chamara o armazem merecia bem esse nome. De facto, era ali que os piratas guardavam grande parte do productos dos seus roubos...

Caixas, saccos, embrulhos de todas as formas e tamanhos achavam-se ali amontoados. Só um canto estava livre e na parede via-se uma argola de ferro donde pendia uma corrente bastante comprida.

Na outra extremidade a corrente tinha um cadeado.

Holmes foi immediatamente seguro á cadeia que lhe prendeu a perna direita, mesmo acima do tornozello.

Maggie, segurando uma lanterna, alumiava os piratas e, emquanto durou a operação, não cessou de amaldiçoar o policia, assegurando-lhe que viveria como um cão naquelle buraco humido, porque só lhe dariam para se alimentar carne podre e ossos.

Foi pois com um suspiro de satisfação que Sherlock Holmes viu afastar-se a terrivel mulher e os seus companheiros e fechar-se a porta do telheiro á chave, pelo lado exterior.

O policia sentou-se tranquillamente no sólo, encostou-se á parede e pesou com toda a frieza as probabilidades de salvação que ainda podia esperar.

Teve que confessar a si mesmo que bem poucas eram.

CAPITULO IX

O CAIXOTE MORHAT

Sherlock esperava agora com impaciencia o nascer do sol. Só com o dia poderia fazer uma idéa exacta do sitio onde se encontrava.

Logo que os primeiros alvores da aurora penetraram pela estreita e unica janella gradeada do armazem, o policia olhou em volta de si.

O que julgara notar á luz cavillante da lanterna confirmou-se.

O armazem estava cheio de caixotes e de mercadorias de todas as especies, acumuladas umas sobre as outras até proximo do canto onde estava acorrentado o prisioneiro.

O caixote mais proximo estaria a dois metros distante delle. Devia ter sido ali posto recentemente. Não tinha nada em cima.

Sherlock ergueu-se e vançou tanto quanto lhe permittia o comprimento da corrente.

Notou uma inscripção que se destacava em letras negras sobre o caixote: "Morhat & C."

— Espera! Mas parece-me... disse elle comsigo levando a mão á fronte. Morhat & C. não é a grande fabrica de ferramentas, situada a oeste de Londres? Mas é isso mesmo! E' na casa Morhat & C., em Fulton street, que eu compro os meus instrumentos de aço, entre elles as gazuas que me servem para abrir as portas.

"Meu Deus! se conseguisse abrir aquelle caixote.

"Encontraria talvez mais de uma ferramenta e então... vejamos sempre!

Agarrou no caixote com os seus braços vigorosos e sacudiu-o. Ouviu um som metallico.

Não podia pensar sequer em abril-o. Estava bem pregado e parecia feito de taboas solidas.

Sherlock começou em seguida a percorrer o armazem até onde a corrente lhe permittia ao mesmo tempo que os seus olhos perscrutadores examinavam todos os cantos.

Talvez encontrasse um machado esquecido ali pelos piratas.

Mas rapidamente se convenceu que os homens de Blackwell eram muito prudentes para lhe deixarem ao alcance da mão uma arma dessa importancia.

As suas buscas, entretanto, não foram infructiferas. Acabou por descobrir no sólo, um prego velho, ferrugento, bastante grande.

— Bem, sempre é melhor do que nada! disse comsigo o policia, pondo-se de cocoras ao lado do caixote.

Emquanto trabalhava, o seu ouvido muito apurado notou um leve ruido de passos que se aproximavam da porta do armazem e interrompeu logo a tarefa.

Maggie, a negra, entrou.

— Toma cão! disse ella, aqui tens a tua comida!

Por escarneo, atirou-lhe alguns ossos aos quaes adheria ainda alguma carne sangrenta.

— Muito obrigado! tornou Sherlock numa voz socegada. Não desprezo o alimento; evidentemente não são bocados escolhidos, mas vou sem demora aproveitar o que fôr possivel.

— Não me reponderás por muito tempo! tornou a negra. Espero que a fome te tire a coragem... e has de ganir como um cão...

Em seguida virou-lhe as costas e sahiu fechando cuidadosamente a porta á chave.

Sherlock Holmes voltou, acto continuo, ao seu trabalho.

Sob os seus dedos nervosos e ageis, o prego fazia milagres e a abertura tornava-se cada vez maior.

Ao meio dia já podia metter dois dedos pela abertura e, ás quatro horas a mão entrou livremente no caixote.

Tocou em qualquer coisa metallica.

Por um milagre de destreza conseguiu apoderar-se desse objecto que tirou vagarosamente e com o maior cuidado.

Suffocou uma exclamação de alegria; era um alicate.

— Estava escripto! disse em voz baixa. Não ha via nada que me pudesse ser mais util do que esta pequena ferramenta de aço excellente que me vaé permittir, assim pelo menos espero, cortar a corrente que me está prendendo.

O policia não perdeu tempo.

Applicou o alicate entre as duas argolas da corrente, que ficava junto do pé, depois, com ambas as mãos, apertou com toda a força e...

Ouviu-se um estalido; a corrente estava quebrada.

— Livre, murmurou com alegria, livre!

"Já não estou preso como um animal selvagem!

"Mas trata-se agora de não ser muito tolo, e estes malditos piratas do Tamisa não me tornarão a ver tão depressa.

Apanhou um pedaço de barbante que estava no chão, e segurou de novo a corrente ao pé.

Prendeu-a de modo que ninguem pudesse notar coisa alguma e que só tivesse um ligeiro movimento a fazer para se desprender da prisão.

Depois examinou um dos ossos que Maggie lhe atirara.

Era um grande osso fistuloso de um boi velho. Era tão solido que podia servir de arma.

— Afinal, é excellente este osso! disse comsigo Sherlock, e sabendo servir-me delle conseguir-se-á talvez alguma coisa.

Perto da noite ouviu, de novo, passos perto da porta. Acocorou-se no seu canto, pegou no osso e esperou.

Era ainda Maggie que ia regosijar-se com a vista da sua victima.

Entrou, fechou a porta e aproximou-se lentamente. Mas parou por prudencia a uma certa distancia do prisioneiro.

Olá! sr. Sherlock Holmes!... Illustre policia! disse ella zombeteiramente, venho communicar-lhe uma noticia muito agradavel.

"Esta noite Blackwell vae arrancar-lhe os olhos.

"Isto deve importar-lhe pouco, porque nada vê na sua prisão...

Neste momento Maggie soltou um grito de terror e correu para a porta.

Com um verdadeiro salto de tigre Sherlock erguera-se, quebrando o cordel que o segurava á corrente.

Tratava-se agora de agarrar Maggie antes que ella pudesse abrir a porta.

Foi obra de um momento, o osso de boi atirado com força e com mão certa alcançou Maggie na cabeça no momento em que punha a mão na chave da porta.

— O seu cachorrinho mórde?
— Não senhor; é vegetariano.

A pancada foi tão violenta que a rapariga cahiu sem sentidos.

Um segundo depois, o policia ajoelhava junto della e, depois de ter apanhado um bocado de palha do chão metteu-lh'a na bocca para servir de mordaça.

Em seguida, com uma pericia e uma rapidez incriveis tirou-lhe o corpo do vestido e o espartilho de cujos cordões se serviu para ligar-lhe as mãos e os pés.

O mais difficil estava feito.

Maggie já não podia prejudical-o e era debalde que tentava deitar fóra a palha que a suffocava. Para maior segurança, de resto, Sherlock Holmes atou-lhe na bocca o lenço que os piratas lhe tinham deixado.

Em seguida, despiu-a.

Sem se importar com os olhares de odio que ella lhe lançava, tirou-lhe o vestido, a saia e uma manta preta que tinha sobre os hombros.

Vestiu em seguida as saias, que atou de modo a fazel-as descer o mais possivel.

Teve maior difficuldade com o casaco, ainda que Maggie tivesse um busto extremamente desenvolvido. Comtudo ainda que fizesse estalar as costuras conseguiu vestil-o.

Afim de occultar o cabello louro poz a manta na cabeça e, assim preparado, esperou que o tomassem, de longe, pela propria Maggie.

Sahiu então do armazem cuja porta fechou cuidadosamente.

Tratava-se agora de alcançar a margem e saltar para um do botes que se encontravam amarrados. Não podia escapar de outro modo da ilha.

Infelizmente os barcos balouçavam-se na superficie da agua muito proximo da casa. Devia portanto esperar que o interpellassem.

Mas não havia que hesitar: o tempo urgia, e, imitando o andar de Maggie, dirigiu-se para o embarcadouro.

— Olá, Maggie, Maggie, gritou Blackwell de uma janella. Foste cumprimentar o teu prisioneiro?

Por unica resposta, Sherlock fez um aceno com a mão, voltando a cabeça.

Por felicidade Blackwell não insistiu. Fechou a janella e o policia poude chegar ao barco sem que o estorvassem.

Um segundo depois tinha embarcado.

E foi com alegria que constatou que se encontrava por acaso no barco em que viajara com o "Escalpado" para ir até á ilha. No fundo da ligeira embarcação descobriu.... a faca mysteriosa.

Estava portanto armado e preparado para vender cara a vida.

Ao mesmo tempo occorreu-lhe uma idéa genial. Todos os botes dos piratas, quatorze ao todo, se baixos, arrastados pela rapida corrente do Tamisa, achavam ali praços. Cortando-lhe as amarras, os vogariam para o mar. E assim.... os piratas do Tamisa encontrar-se-iam prisioneiros na sua ilha.

Escapariam á terrivel vingança de Sherlock Holmes?

Certamente que não! O melhor nadador da Inglaterra não poderia lutar contra a força da corrente que o arrastaria para o mar.

Com risco de perder alguns minutos, afastou-se rapidamente e, sem fazer ruido, seguiu junto da margem afim de não ser visto.

Teve a alegria inaudita de ver cada um dos barcos seguir á mercê da corrente.

Depois embarcou, calmamente.

— Agora, tenho-os em meu poder, disse comsigo rindo, depois de se achar a certa distancia da ilha. Nenhum dos piratas do Tamisa que se encontram na ilha poderá escapar-me. Parece-me, Blackwell, que vaes pagar a tua conta!

CAPITULO X

A ILHA DO DIABO

— Senhor Harry, está aqui um telegramma para o sr. Sherlock.

Era quasi meia noite quando a senhora Bonnet pronunciou estas palavras entrando no gabinete de trabalho do policia, onde Harry Taxon estava mergulhado no estudo de um volumoso processo.

O mancebo pegou no telegramma. Sherlock tinha-lhe dado ordem uma vez por todas para abrir, na sua ausencia, todos os telegrammas que lhe fossem dirigidos.

De facto não se podia saber se, num ou noutro, se acharia alguma coisa de urgente ou importante que exigisse immediata solução.

— De Londres? disse comsigo Harry examinando o telegramma. Bem, vejamos depressa de que se trata.

Logo depois de ter lido envergou um dos seus disfarces.

Com umas calças remendadas, umas botas tortas, um "cache-nez", escuro em volta do pescoço, apresentava o aspecto miseravel de um operario sem trabalho.

Sahiu immediatamente e, com passo rapido, dirigiu-se para Deptford-Road onde Sherlock lhe marcara encontro.

Os transeuntes, áquella hora, não eram numerosos e, á medida que o mancebo se aproximava das Docas, as ruas tornavam-se cada vez mais desertas.

Chegou a Deptford-Road.

Tratava-se em seguida de descobrir a casa designada: a vinte passos da passagem Remington.

(Continua no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam, e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindrey Rue Tronchet, 9 — France — Paris VIII Ludgate Hill Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500